

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JÚLIA CAROLINA DE AMORIM BENFICA

**A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA FEMININA NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO  
IRANIANA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE MAHNAZ AFKHAMI (1994-2016)**

MARIANA

2020

JÚLIA CAROLINA DE AMORIM BENFICA

**A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA FEMININA NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO  
IRANIANA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE MAHNAZ AFKHAMI (1994-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração Poder e Linguagens.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dra. Luísa Rauter Pereira

MARIANA

2020

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B465p Benfica, Júlia Carolina de Amorim.  
A participação política feminina no contexto da revolução iraniana  
[manuscrito]: uma análise dos discursos de Mahnaz Afkhami (1994-  
2016). / Júlia Carolina de Amorim Benfica. - 2020.  
114 f.

Orientadora: Profa. Dra. Luisa Rauter Pereira.  
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro  
Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em  
História.

Área de Concentração: História.

1. Irã - História - Revolução, 1979. 2. História intelectual. 3.  
Feminismo - Irã. 4. Afkhami, Mahnaz - Vida intelectual. I. Pereira, Luisa  
Rauter. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 94(5)(043.3)

Bibliotecário(a) Responsável: Michelle Karina Assuncao Costa - SIAPE: 1.894.964



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Júlia Carolina de Amorim Benfica**

A participação política feminina no contexto da Revolução Iraniana: uma análise dos discursos de Mahnaz Afkhami (1960-1979)

Membros da banca

Luisa Rauter Pereira - Doutora - Universidade Federal de Ouro Preto  
Samira Adel Osman - Doutora - Universidade Federal de São Paulo  
Maria da Glória de Oliveira - Doutora - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Versão final

Aprovado em 27 de Maio de 2020

De acordo

Professor (a) Orientador (a) Luisa Rauter Pereira



Documento assinado eletronicamente por **Luisa Rauter Pereira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/06/2020, às 15:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0058204** e o código CRC **796B0BE4**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.004135/2020-93

SEI nº 0058204

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000  
Telefone: 3135579406 - www.ufop.br

À todas as mulheres que tem construído a  
História.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, Jocimar e Jane, e a minha irmã Emily, que me incentivam a continuar – e às vezes a parar para respirar. São essas as pessoas a quem, quando tudo parece perdido, eu posso recorrer ao amor e a compreensão, aos puxões de orelha e sinceridade, meus melhores amigos.

À Luísa Rauter Pereira, orientadora do que começou como um projeto e, graças aos apontamentos e a leitura de coração aberto, pôde ser concluído como dissertação. Obrigada por mesmo sem ter um amplo conhecimento sobre o tema, ter aceitado participar deste trabalho.

À Jéssica Mazioli, por ter me recebido em Ouro Preto às sextas-feiras, pelas trocas e desabafos sobre a vida. À Anny Mazioli, minha amiga e grande exemplo de dedicação acadêmica, a quem agradeço por poder recorrer.

Às irmãs sardinhas, Ilana e Talita, amigas que desejo levar para toda a vida.

Aos meus grandes amigos em terras capixabas, Luana e Randas. Vocês me ensinam muitas coisas sobre carinho, compreensão, cuidado e o verdadeiro sentido da amizade: estar presente nos momentos de fofoca e de desespero. Gratidão.

Agradeço à Gabi, por ser minha companheira de vidas.

Aos meus amigos e irmãos do Núcleo Prosperidade, em especial à Mestre Maria. Obrigada por todas as trocas, por todos os ensinamentos, por todo o amor. Agradeço ao Mestre Gabriel por todas as correções que moldam minha consciência e me mostram que a luz, a paz e o amor verdadeiro são as melhores respostas às adversidades.

Agradeço à Deus, independentemente da figura que cada indivíduo o enxergue.

Por fim, agradeço todos aqueles que passaram pela minha vida e demonstraram que nada é em vão, pois o que não é benção, com certeza é lição.

## RESUMO

Mahnaz Afkhami, ministra durante o regime Pahlavi durante a década de 1970, investigou o movimento de mulheres no Irã a partir de suas perspectivas, sugerindo discussões sobre gênero, patriarcado, emancipação, liberdade e direitos civis para as mulheres. Os artigos publicados pela autora após a Revolução Iraniana, se referem ao contexto pre-revolucionário dos anos de 1960 e 1970, destacando seu papel como secretária geral da organização do governo, *Women's Organization of Iran*, no qual ela reivindicou pautas para ampliar a participação das mulheres no Irã. A *Women's Organization of Iran* foi um projeto desenvolvido de acordo com os esforços do reinado Pahlavi para incentivar a modernização do Irã, seguindo o modelo europeu, o qual precisou balancear as mudanças com uma sociedade heterogênea, suas tradições culturais e religiosas.

Embora Mahnaz Afkhami tenha desempenhado um papel significativo como secretária geral e ministra, suas perspectivas eram baseadas em teorias femininas que não se encaixavam nas circunstâncias de grupos menos afortunados no Irã. A autora realizou um trabalho de tradução de teorias em ações práticas, viajando ao interior do país para compreender os obstáculos do dia a dia em que cada mulher se encontrava. Mahnaz Afkhami percebeu que perspectivas ocidentais não eram suficientes para conscientizar mulheres em aldeias e áreas rurais. A partir dos estudos póscoloniais e da história intelectual, essa investigação analisará os discursos de Mahnaz Afkhami sobre o movimento de mulheres no Irã.

Palavras-chave: História Intelectual; Revolução Iraniana; Pós-colonial; Oriente Médio; Movimento de Mulheres.

## ABSTRACT

Mahnaz Afkhami, which was a minister during the Pahlavi reign in the 1970's, investigate the women's movement in Iran through her lens, suggesting discussions about gender, patriarchy, emancipation, liberty and civil rights for women. The articles that the author had published after the Iranian Revolution, talk about the 60's and the 70's prerevolutionary scenario, highlighting her role as general secretary of the governmental organization *Women's Organization of Iran*, in which she had perceived agendas to increase the women's participation in Iran. The *Women's Organization of Iran* was a project placed within the struggle of the Pahlavi's reign to move Iran into a modernized state, following european examples, which had to balance changes with an heterogenous society, their cultural and religous tradition.

Although Mahnaz Afkhami had played a main role as both general secretary and minister, her perspectives were based in a feminist theory that could not fit the circumstances that less fortunate groups in Iran were in. The author had to translate the theory to practical actions, traveling through the country to understand what were the daily struggles that each woman were placed. Mahnaz Afkhami realized that western perspectives were not enough to raise women's awareness on the countryside and small villages. Based on a postcolonial studies and the intelectual history, this investigation is going to analyse Mahnaz Afkhami's discourses about the women's movement in Iran.

Key-words: Intelectual History; Iranian Revolution; Postcolonial; Middle East; Women's Movement.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INSTRAW	International Center for Training and Research on Women
WOI	Women's Organization of Iran
SAVAK	National Intelligence and Security Organization

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I – GÊNERO, POLÍTICA E REVOLUÇÃO: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO IRÃ.....</b>	<b>15</b>
1.1 – Narrativas sobre as políticas femininas no Irã .....	16
1.2 – Trajetória e participação de Mahnaz Afkhami no regime Pahlavi .....	18
1.3 – Gênero e mudanças no Oriente Médio .....	22
1.4 – Mulheres na história do Irã .....	30
1.5 – A influência de políticas globais no Irã .....	33
<b>CAPÍTULO II – MAHNAZ AFKHAMI E A TRADUÇÃO DE CONCEITOS FEMINISTAS OCIDENTAIS.....</b>	<b>45</b>
2.1 – A Reinterpretação de Conceitos Ocidentais .....	46
2.2 – A Conjuntura pré-revolucionária .....	51
2.3 – A experiência de Mahnaz Afkhami e a experiência iraniana .....	54
2.4 – Mahnaz Afkhami à frente da <i>Women’s Organization of Iran</i> .....	62
2.5 – Mulheres iranianas e as diferentes concepções de identidade .....	70
2.6 – O legado histórico das influências ocidentais no Irã .....	75
<b>CAPÍTULO III – REPRESENTAÇÃO POLÍTICA FEMININA NO IRÃ.....</b>	<b>78</b>
3.1 – A conjuntura revolucionária de 1979.....	79
3.2 – Mudanças à nível local .....	85
3.3 – Mulheres e Revolução .....	97
3.4 – Mulheres, nacionalismo e islã no discurso político contemporâneo.....	102
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>111</b>

## INTRODUÇÃO

Ao falar sobre mulheres no Irã, uma das primeiras referências em português sobre o tema é a história em quadrinhos de Marjane Satrapi, intitulada *Persépolis*.<sup>1</sup> A autora fala sobre sua infância e adolescência, e apresenta sua experiência pessoal a respeito da conjuntura revolucionária de 1979 de forma ilustrada. Entre os fatos marcantes dos anos de 1978 e 1979, estão as manifestações contra o xá Mohammad Reza Pahlavi, os massacres realizados pela polícia para conter os protestos, a abdicação do xá e as mudanças em decorrência da revolução. Marjane Satrapi descreve uma infância na qual durante seus 8 anos era próxima de pautas políticas, pois seus pais eram críticos ao regime Pahlavi, e participaram dos protestos no país.

Marjane Satrapi apresenta uma narrativa sobre sua infância em um país passando por transformações, uma adolescência e parte da juventude estudando na Europa e um retorno ao Irã depois de um longo período fora. O fato de Satrapi pertencer a uma família engajada politicamente, que participava ativamente nas manifestações contra o xá, torna suas percepções da realidade próximas do leitor que tem contato com a história do Irã pela primeira vez. A autora também reforça que um dos motivos de ter morado fora esteve relacionado ao fato de seus pais quererem investir na vida de uma filha independente e autossuficiente.

Pelas lentes de Satrapi e de seus pais, a Revolução Iraniana demonstra ter sido um momento de tensão, que rompeu com costumes aos quais a jovem iraniana estava habituada. Exemplo disso é a utilização do véu, que desde 1936 havia sido abolido como obrigatoriedade, mas que foi restituído em 1980. Esse é um fato relevante para Marjane Satrapi, além de ser a primeira observação de sua obra, ele descreve o uso do véu como representação da restrição de parte de sua liberdade. Ainda que a autora esteja falando de suas memórias de infância, a utilização do véu também é uma questão atual, pois desperta a curiosidade sobre o outro, o diferente, e na concepção ocidental até mesmo algo exótico.

O *chador*, o *hijab* e a *burqa*, apesar de semelhantes, são símbolos diferentes e que dividem opiniões no ocidente como a associação ao aspecto religioso e a privação da exibição dos cabelos – associação é uma ideia de feminilidade que as mulheres supostamente devem seguir. Este símbolo é aqui utilizado como exemplo para demonstrar a vaga compreensão ocidental sobre o que é o uso do “véu”, assim como das concepções muçulmanas de cultura e religião.

---

<sup>1</sup> SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Essa questão foi discutida nos últimos anos quando, em 2016, prefeituras francesas proibiram o uso do burkini nas praias. Uma ocasião em que a polícia abordou uma mulher na praia e pediu para que ela retirasse seu *hijab* devido a tal proibição,<sup>2</sup> causou uma série de protestos em outros países. Mulheres realizaram protestos em frente a embaixada francesa em Londres. Uma das organizadoras do protesto argumentou que “se o burkini permite que as mulheres possam ir à praia e aproveitem o sol, com certeza isso deveria ser encorajado. Isso ajuda a garantir que essas mulheres não estão mais nas margens da sociedade.”<sup>3</sup> Apesar do *chador* e do *hijab* não pertecerem ao tema central deste trabalho, ele é talvez a primeira associação que se faz quando falamos de mulheres muçulmanas, mulheres no Oriente Médio, mulheres iranianas após a Revolução de 1979. Por dividir opiniões, ele pode ser usado como exemplo inicial de como as perspectivas podem atribuir diferentes significados a um mesmo elemento, e até mesmo um conceito.

O uso do *chador* após a Revolução Iraniana se tornou uma questão para Satrapi porque seus pais, apesar de serem contra o regime Pahlavi, eram intelectuais instruídos que defendiam concepções de um Estado democrático moderno nos moldes europeus. Marjane Satrapi viveu muitos anos fora do Irã e, a maneira como descreve seu retorno ao país, demonstra que também ela passou a perceber as mulheres iranianas no papel de um *outro*, em uma posição de mulheres que ainda tinham muito a conquistar para se aproximar do *eu* europeu. Este olhar sobre as mulheres iranianas como o *diferente* motiva um estudo mais aprofundado sobre essas mulheres, pois é necessário compreender elementos além da superficialidade e de símbolos, é preciso ir a fundo nas concepções que ao longo do tempo as mulheres construíram sobre si e os espaços conquistados por elas.

O processo de autonomia feminina no Irã aparece majoritariamente relacionado aos regimes dos xás Reza Khan (1925-1941) e de seu filho, Mohammad Reza Pahlavi (1942-1978), devido ao alinhamento à ideias ocidentais de modernização para o país. Com a institucionalização do governo islâmico xiita do Aiatolá Khomeini em 1979, duas abordagens diferentes sobre questões de gênero entram em debate. Por um lado, uma corrente historiográfica enxerga a Revolução como recuo no

---

<sup>2</sup> QUINN, Ben. *French police make woman remove clothing on Nice beach following burkini ban*. The Guardian. 24 de agosto de 2016. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2016/aug/24/french-police-make-woman-remove-burkini-on-nice-beach>> Acesso em: 21 de abril de 2020.

<sup>3</sup> ROSS, Alice. *Burkini ban protesters throw beach party at French embassy in London*. The Guardian. 25 de agosto de 2016. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2016/aug/25/protesters-throw-beach-party-protest-in-london-against-burkini-ban>> Acesso em: 21 de abril de 2020.

que se refere aos direitos das mulheres. De outro, é vista como o fim das concepções estrangeiras no país, que tornavam os iranianos subservientes da exploração europeia e americana.

Para analisar a participação política das mulheres na Revolução Iraniana, utilizaremos os artigos publicados por Mahnaz Afkhami. A autora foi Ministra em Relações das Mulheres<sup>4</sup> e secretária geral da principal organização feminina do regime Pahlavi, a *Women's Organization of Iran*. Exilada nos Estados Unidos desde 1978, as publicações da ex-ministra são importantes, pois ajudam a compreender o processo de ascensão do movimento de mulheres como participantes ativas na sociedade iraniana desde antes da Revolução. Os relatos pessoais da autora dão indícios dos mecanismos utilizados para alcançar mulheres de áreas rurais, afim de proporcionar a educação, inserção no mercado de trabalho e na política. Afkhami promoveu ações em centros de assistência às mulheres por todo o Irã, identificando as principais nuances entre as perspectivas globais e locais de quais eram as necessidades femininas.

De acordo com Afkhami, diferentes mulheres em diferentes épocas precisaram lutar por seus direitos e conquistar seu espaço na sociedade. Todavia, nem sempre os mesmos conceitos podem ser realocados para contextos culturais diferentes sem que sejam reinterpretados. Tomando conhecimento da participação de mulheres nos vários âmbitos sociais e na própria Revolução de 1979, é perceptível que as concepções feministas ocidentais não foram tidas como teorias universais pelas iranianas, mas antes, foram realocadas para o contexto cultural vivido, propondo categorias com as quais elas pudessem se identificar.

A abertura de espaço para concepções feministas ocidentais impactou de diferentes maneiras o contexto da Revolução Iraniana. Em um primeiro momento, ajudou no mapeamento dos principais problemas enfrentados pelas mulheres iranianas em seu dia a dia, assim como também o desenvolvimento de medidas que de alguma forma mudassem seu *status* na sociedade. Entretanto, a não identificação com categorias universais sobre o que seria a emancipação das mulheres, fez com que mulheres iranianas reivindicassem sua própria categoria do que é ser mulher no Irã, e quais eram as suas demandas para que *seu* status na sociedade fosse reconfigurado. Ou seja, o fluxo das discussões feministas no país possibilitou que as mulheres reivindicassem seus direitos a partir da reinterpretação de conceitos tidos como universais para contextos locais.

As publicações de Mahnaz Afkhami analisadas são posteriores a Revolução de 1979. Sua primeira publicação encontrada sobre o tema é *Iran: A Future in the Past: The 'Prerevolutionary'*

---

<sup>4</sup> Tradução do termo em inglês *Women's Affairs*. Tradução nossa.

*Women's Movement*. Apesar de publicado pela primeira vez em 1984, a edição analisada neste trabalho é a de 1996.<sup>5</sup> Seu trabalho mais conhecido é *Women in Exile*,<sup>6</sup> organizado por Afkhami e publicado em 1994, a autora explora no prefácio do livro sua experiência enquanto secretária geral da *Women's Organization of Iran* e suas vivências após se exilar nos Estados Unidos em 1978. A publicação seguinte é *The women's organization of Iran: Evolutionary politics and revolutionary change*,<sup>7</sup> publicada pela sua organização, *Foundation for Iranian Studies*, em 2002. Neste artigo, a autora explora a participação feminina no Irã desde o início do século XX até a conjuntura revolucionária, reforçando a importância da WOI no processo de emancipação feminina. Seguindo a ordem cronológica de publicações, analisaremos *The Fate of the Family Protection Law*,<sup>8</sup> entrevista concedida por Mahnaz Afkhami a jornalista iraniana Noushin Ahmadi Khorasani em 2008. Por último, mas não menos importante, contamos com o artigo *Women's Human Rights: From Global Declarations to Local Implementation*,<sup>9</sup> publicado em 2016 e no qual Afkhami reforça como o movimento de mulheres do Irã foi capaz de absorver as influências feministas e as transformar em projetos locais efetivos para as iranianas.

Mahnaz Afkhami, enquanto mulher instruída e determinada a cumprir com seus objetivos de mudar condições precárias das iranianas, apresenta-se em suas publicações como otimista em relação às conquistas até 1978. Já sobre a Revolução, a autora está incluída entre acadêmicos e intelectuais exiliados após 1979, que concebem que esse período representou um retrocesso para os avanços realizados até então. Partindo dessa concepção otimista sobre as transformações pré-revolução e com base na maneira como Afkhami observa a revolução, a principal problemática que se coloca é: por que mulheres apoiaram uma Revolução que representou um recuo e,

---

<sup>5</sup> AFKHAMI, Mahnaz. Iran: A Future in the Past: The 'Prerevolutionary' Women's Movement. In: MORGAN, Robin (Ed.). *Sisterhood is global: The international women's movement anthology*. New York: Feminist Press, 1996. p. 330-338.

<sup>6</sup> AFKHAMI, Mahnaz. *Women in exile*. Charlottesville: University of Virginia Press, 1994. p. 01-16.

<sup>7</sup> AFKHAMI, Mahnaz. The women's organization of Iran: Evolutionary politics and revolutionary change. *Foundation for Iranian Studies*. Bethesda, p. s/n, 2002. Disponível em: <<https://fis-iran.org/en/women/organization/introduction>>. Acesso em: 21 abr 2020.

<sup>8</sup> AFKHAMI, Mahnaz. The Fate of the Family Protection Law. *The Feminist School*. Interview granted to Noushin Ahmadi Khorasani. 2008. Disponível em: <<http://fis-iran.org/en/women/articles/reform-and-regression>>. Acesso em: 21 abr 2020.

<sup>9</sup> AFKHAMI, Mahnaz. Women's Human Rights: From Global Declarations to Local Implementation. *Foundation for Iranian Studies*. Bethesda, p. 1-21, 2016. p. 01-21. Disponível em: <<https://fis-iran.org/en/women/organization/introduction>>. Acesso em: 21 abr 2020.

posteriormente, teve como representante um líder religioso? Se o período do xás representou modernização, por que grupos populares se mobilizaram pela revolução?

A influência ocidental e a modernização são abordados no primeiro capítulo e representa o primeiro dos três eixos que compõem a pesquisa. Compreender as relações globais e nacionais que cooperam para estabelecer a conexão com temáticas que, a princípio, parecem tratar de aspectos locais, como a falta de acesso a educação para mulheres de regiões desfavorecidas. Entretanto, a mudança dessa condição envolve também políticas de Estado. A modernização certamente é um dos aspectos principais na abordagem das mulheres iranianas, tanto para analisar a conscientização política delas, assim como para identificar sua presença nos protestos a favor da Revolução Iraniana.

Apesar de representarem um grupo, as relações sociais envolvem uma mútua correspondência entre o todo e as partes, e por isso abordar as políticas nacionais envolve relacionar a atuação das mulheres nela. Em outras palavras, também significa perceber qual é o contexto em que as ações e discursos de Mahnaz Afkhami estão inseridos. Investigaremos como as influências estrangeiras no Irã perpassam aspectos econômicos, culturais, sociais, políticos e as epistemologias produzidas a partir desse contato. A biografia de Mahnaz Afkhami será abordada nesse primeiro momento, pois suas origens, formação e atuação no Irã, enquanto indivíduo político, se relacionam com a conjuntura social do momento.

Apresentar quem foi Mahnaz Afkhami e analisar sua relevância para o movimento de mulheres iranianas será fundamental para o segundo capítulo, que desenvolve o segundo eixo que compõe a pesquisa a reinterpretção de conceitos ocidentais. Após um breve estudo sobre a história do Irã e de Afkhami, é imprescindível reconhecer porque a ex-ministra foi uma figura importante no que diz respeito à representação para as mulheres iranianas o que suas propostas demonstram de originalidade ao reconhecer que as teorias não podem ser aplicadas de maneira universal em todos os locais.

Ao falar de modernização e influências ocidentais, não nos referimos apenas aos direitos conquistados pelas mulheres. Considera-se que existem disputas entre as partes, econômicas ou políticas, discursos e interpretações são produzidas através dessas relações. A maneira como os indivíduos concebem a realidade em que experimentam o mundo, diz respeito às suas comunidades e trocas, mas também tende a omitir aquilo que não pode aparecer para que a retórica faça sentido ao interlocutor. A demanda das iranianas era que a conquista por liberdade e emancipação se

realizasse respeitando as tradições culturais e religiosas, assim Mahnaz Afkhami também proporcionou leituras do Alcorão aos centros da WOI, como uma maneira de atrair e representar essas mulheres.

É a partir dessas experiências que se constitui o terceiro capítulo e o último eixo de análise sobre a participação das mulheres iranianas em sua sociedade e na revolução: suas reivindicações a partir da tradução de conceitos ocidentais, propondo formas de participação social, política e econômica que se adequassem às suas tradições. Neste capítulo, concomitante às publicações de Afkhami, analisaremos a revolução a partir da mobilização feminina em uma aldeia e como intelectuais iranianas compreendem a relação entre religião e emancipação.

Pensando do plano global para o local, partimos do primeiro eixo, onde reconhecemos as influências externas e internas que cooperaram para que as mulheres reivindicassem seus direitos; analisamos no segundo eixo de que maneira essas influências foram reinterpretadas afim de construir mudanças paupáveis e, por fim, como esse avanço possibilitou que as iranianas criassem expectativas sobre o futuro. Esses eixos foram estabelecidos afim de responder a problemática proposta, partindo da hipótese de que a participação de mulheres iranianas na revolução de 1979 tem influência direta com as tradições de teorias ocidentais. Concepções de modernização, liberdade e tradição devem ser pensadas junto a participação das mulheres na sociedade iraniana.

## CAPÍTULO I – GÊNERO, POLÍTICA E REVOLUÇÃO: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO IRÃ

Neste primeiro capítulo, o objetivo é compreender a participação das mulheres no Irã em diferentes momentos, entre o final do século XIX até a conjuntura revolucionária a partir dos anos de 1970. Três pontos principais serão trabalhados: no primeiro deles, o debate se coloca em torno da relação de Mahnaz Afkhami enquanto ex-ministra em Relações das Mulheres e também ex-secretária geral da *Women's Organization of Iran*. Analisando as circunstâncias em que sua história pessoal se integrou à participação política na sociedade iraniana, a ex-ministra propôs pautas que ofereciam às mulheres diferentes possibilidades de acesso à educação, saúde e empregos. Na sequência, abordaremos a atuação das mulheres na história do país, propondo uma reflexão sobre suas atividades na sociedade mesmo antes dos avanços industriais durante o século XX. Por fim, discutindo como mudanças políticas globais influenciaram na vida das mulheres e, principalmente, como as mulheres influenciaram nas transformações políticas.

Devido a trajetória pessoal de Mahnaz Afkhami, e os cargos ocupados por ela no Irã, as publicações da ex-ministra nos permitem ilustrar o intercâmbio de ideias existente entre Ocidente e Oriente. Por ser iraniana, mas com formação nos Estados Unidos, seus discursos apresentam como as pautas globais foram reinterpretadas para se aproximar do contexto cultural e religioso local, incentivando a participação feminina em vários âmbitos. Para a análise do discurso de uma figura pública e política como Afkhami, as propostas do historiador Quentin Skinner em *Visões da Política*, são relevantes por pontuar que, ao realizar esse tipo de empreendimento, é importante levar em consideração o que o autor estava a dizer ou fazer no momento em que escreve.<sup>10</sup>

A metodologia desenvolvida por Skinner demanda uma percepção dos vários locais ocupados pela ex-ministra em Relações das Mulheres antes, durante e depois do período revolucionário, tal qual sua origem iraniana, sua formação americana e a participação no governo do xá Mohammad Reza Pahlavi entre 1970 e 1978, assim como seu exílio após a Revolução. Essas informações são relevantes, pois nos ajudam a compreender a maneira como a autora se posicionou sobre os eventos políticos no país ao escrever sobre eles. O xá Mohammad Reza Pahlavi foi reconhecido por instituir mudanças no Irã seguindo modelos europeus do século XX, mas estas eram implantadas de forma autoritária e não eram bem aceitas por grande parte da população. As opiniões contidas nos discursos de Afkhami, revelam críticas, e a ausência delas, sobre o período

---

<sup>10</sup> SKINNER, Quentin. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Algés: Difel, 2005. p. 110.

analisado. A posição ocupada e suas percepções particulares de mundo influenciaram na maneira como analisou o regime do xá, o movimento pré-revolucionário iraniano, assim como a participação feminina nessa conjuntura.

Desta maneira, esse capítulo se associará aos demais por representar uma breve introdução sobre a história social das mulheres iranianas, agregando as produções de Mahnaz Afkhami de acordo com suas interpretações sobre o período revolucionário de 1979. A história da participação feminina no Irã contemporâneo ainda é pouco conhecida, assim como suas particularidades. Algumas noções sobre a história geral do país auxiliarão na análise de discursos políticos sobre ideias do contexto revolucionário, referente a participação das mulheres. Este primeiro capítulo constitui a desmistificação, ou seja, a desconstrução da ideia de um papel de subjetividade atribuído às mulheres não-Ocidentais, em específico as iranianas. Ao incluir neste capítulo a atuação feminina na sociedade antes mesmo do processo de industrialização do século XX, constitui-se uma base para nos aprofundarmos nas relações entre essas mulheres e sua comunidade.

### **1.1 – Narrativas sobre as políticas femininas no Irã**

Como parâmetro para compreender os discursos de Mahnaz Afkhami, deve-se retomar as concepções de gênero desenvolvidas durante o século XX, e seu impacto no envolvimento das mulheres iranianas na revolução de 1979. No que se refere ao movimento de mulheres, os discursos de Afkhami falam sobre a reinterpretação de ideias feministas para o contexto do Irã, pois nem sempre era possível uma conscientização a partir de discursos sobre direitos humanos.<sup>11</sup> Ao falar de mulheres iranianas, é indispensável diferenciar as mulheres de áreas urbanas e da classe abastada, que tinham mais contato com as influências europeias, e as mulheres de aldeias e vilarejos, distantes da urbanização e de discussões teóricas sobre feminismo. Mahnaz Afkhami se empenhou em trabalhar com o segundo grupo. A partir disso, é possível estabelecer algumas particularidades das mulheres iranianas de áreas distantes frente a ideias ocidentais, pois diferentes teorias nem sempre podem ser estabelecidas como métodos de análise universais.

Como uma representante política, as intenções da autora e ex-ministra devem ser investigadas junto à sua descrição particular dos fatos, pois isso tem influência na forma como ela enxergou o momento revolucionário. De acordo com o historiador Quentin Skinner, se os discursos

---

<sup>11</sup> AFKHAMI, Mahnaz. Iran: A Future in the Past: The 'Prerevolutionary' Women's Movement. In: MORGAN, Robin (Ed.). *Sisterhood is global: The international women's movement anthology*. New York: Feminist Press, 1996. p. 332.

e ações foram feitas de forma consciente por um ator, e para o mesmo representaram algum sentido, qualquer análise deve levar em conta o “conjunto de descrições que o ator pode ter recorrido para descrever e classificar o que ele ou ela estava a dizer ou a fazer.”<sup>12</sup> Em outras palavras, os discursos de Mahnaz Afkhami estão necessariamente vinculados a sua visão e experiência particular de mundo. Seus posicionamentos estão intrinsecamente relacionados ao cargo político que ocupou e, conseqüentemente, as críticas realizadas ou omitidas sobre o governo que proporcionou a posição em cargos políticos. Esses elementos fazem parte do conjunto de fatores que operam no relato de sua experiência.

Compreendido que as visões de mundo da ex-ministra influenciam diretamente em seus discursos, devemos levar em consideração também o momento em que ela escreveu. Ainda segundo Skinner, devemos refletir como conceitos utilizados tendem a mudar ao longo do tempo, de forma que “aquilo que um autor disse de um dado conceito pode levar-nos a interpretar erradamente o significado do texto.”<sup>13</sup> Ou seja, uma interpretação contemporânea dos eventos pode levar a uma percepção errônea dos discursos da ex-ministra por inseri-los em um contexto ao qual ela não tinha acesso quando os proferiu. Por isso, ao interpretar textos da história do pensamento, além de considerar o que o autor estava a dizer e a fazer, também se deve analisar o contexto social e político vivido. Esse contexto social em que o autor escreve também é importante por permitir uma reflexão sobre as continuidades e descontinuidades sobre como ele mesmo interpreta os fatos.

A análise do contexto social auxilia no entendimento sobre se aquilo que o ator diz é condizente com o momento vivido por outras pessoas do mesmo período, não raro se verifica que os discursos se aproximam mais do grupo social específico que participava. Quentin Skinner afirma que considerar apenas o que um ator diz pode revelar uma realidade enganadora, pois os autores frequentemente utilizam estratégias retóricas para convencer o interlocutor de suas ideias.<sup>14</sup> No caso de Afkhami, devido a sua posição política em favor da causa das mulheres iranianas no país, seu discurso adotou uma retórica que condizia com os objetivos que ela esperava alcançar. Nas palavras de Skinner, isso pode ser visto da seguinte maneira:

Para se conseguir compreender uma afirmação importante devemos procurar alcançar não apenas o significado do que foi dito, mas também o valor que o autor atribuía às suas afirmações. [...] Para além de tentar descortinar o significado do

---

<sup>12</sup> Skinner, 2005. p. 110.

<sup>13</sup> Skinner, 2005. p. 113.

<sup>14</sup> Ibid, p. 113.

que eles disseram, devemos ao mesmo tempo procurar compreender o que é que eles queriam dar a entender com aquilo que estavam a afirmar.<sup>15</sup>

Para procurar compreender o que Mahnaz Afkhami queria dar a entender com seus discursos, devemos refletir sobre quem eram as pessoas para as quais ela se referia ao falar e agir, se um discurso voltado para a emancipação feminina era bem aceito no país como um todo e, se não, como isso também refletia em seus posicionamentos e ações enquanto Ministra em Relações das Mulheres. Afkhami possui uma trajetória nas atividades relacionadas a emancipação feminina no Irã e, até mesmo em sua história de vida pessoal, possui exemplos de ruptura com algumas tradições do país.

## 1.2 – Trajetória e participação de Mahnaz Afkhami no regime Pahlavi

Nascida em Kerman em 1941, Mahnaz Afkhami pertence à parte privilegiada da sociedade iraniana: por parte de seu pai, descendente da dinastia Qajar<sup>16</sup> e, por parte de sua mãe, pertencente a uma família, como Janet Afary qualificou, de mulheres independentes do Irã.<sup>17</sup> A mãe de Afkhami separou-se de seu pai e em 1955 mudou-se para os Estados Unidos, onde trabalhou e estudou, sustentando seus três filhos sozinha. Mahnaz Afkhami relatou que a sua primeira experiência com sindicatos, ainda nos Estados Unidos, ocorreu quando seu empregador a demitiu temporariamente para evitar dar-lhe bônus de natal. A autora entrou com recurso na filial superior e, como resultado, foi readmitida. Ela afirma que essa experiência estimulou sua consciência política e deu confiança de que poderiam haver mudanças sociais através da organização.<sup>18</sup>

Ao contrário da maior parte de homens e mulheres que viviam às margens econômicas da sociedade iraniana do século XX, Afkhami pertencia a uma família abastada. Além disso, se deve considerar algo relevante tanto nas suas ações no Irã quanto nos seus discursos: o fato de ter tido uma educação americana, com formação na *San Francisco State University*, e posteriormente mestrado na *University of Colorado*. O período em que viveu nos Estados Unidos era também um período de importantes questionamentos acadêmicos sobre o papel da mulher na sociedade, principalmente no que se refere as opressões estruturais vivenciadas pelo simples fato de serem mulheres. As análises desse período são chamadas de feminismo de Segunda Onda, no qual as

<sup>15</sup> Ibid, p. 115.

<sup>16</sup> Dinastia que governou o Irã de 1797 a 1925, tendo sido substituída pelo regime Pahlavi.

<sup>17</sup> AFARY, Janet. Mahnaz Afkhami: A Memoir. *Journal of Middle East Women's Studies*. Durham, v. 1, n. 1, p. 147-157, 2005. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/40326852](http://www.jstor.org/stable/40326852)>. Acesso em: 21 abr 2020.

<sup>18</sup> Afary, 2005, p. 148.

problematizações não se colocavam apenas no sufrágio feminino e direitos legais, mas também sobre o papel biológico desempenhado pelas mulheres, as relações patriarcais das sociedades, prostituição e questões de classe.<sup>19</sup>

Essas influências do feminismo de Segunda Onda são percebidas nos artigos de Mahnaz Afkhami dos anos posteriores a Revolução de 1979, pois ao retornar ao Irã em 1967, ela focava em questionar a natureza dos fenômenos sociais, tal qual as relações familiares, o pouco acesso das mulheres a independência financeira e as barreiras encontradas para adquirirem educação. As críticas da autora podem ser relacionadas tanto a sua formação, quanto ao fato de ter vivido muito tempo em um país mais empenhado no desenvolvimento urbano e industrial, assim como um pensamento em voga na época que criticava a estrutura das relações entre homens e mulheres.

A vida das mulheres iranianas na virada do século XX era um labirinto de regulamentações e limitações destinadas a manter sua existência fora do alcance de outros que não fossem seus familiares.<sup>20</sup>

Afkhami apresenta uma crítica bem característica do período de sua formação acadêmica, que é a problematização das relações familiares e a liberdade feminina. Porém, reforçando as diferenças econômicas entre as mulheres deste período, devemos analisar o que a autora diz de acordo com a posição social que ocupava, com o conhecimento e discussões que teve acesso. As tarefas domésticas e o trabalho rural eram os tipos de participação social disponíveis para as mulheres na época, mas no círculo intelectual ao qual pertencia, eram discussões sobre direito ao voto e equidade social que se destacavam. Assim sendo, no discurso de Mahnaz Afkhami observamos uma análise ligada a problematizações sobre a estrutura e o tipo de participação feminina na sociedade na perspectiva de uma mulher de classe abastada.<sup>21</sup>

Por ter residido durante doze anos em um país culturalmente diferente, as propostas de Afkhami sobre o que deveria ser o movimento de mulheres no Irã possuem influências ocidentais. Mulher de classe média e bem instruída, exceção dentro da sociedade iraniana, ao retornar ao seu

---

<sup>19</sup> NADER, M. B. Movimento feminista e afirmação da cidadania: a luta contra a violência de gênero. In: Campos, Adriana Pereira; Franco, Sebastião Pimentel; Feldman, Sergio Alberto; Nader, Maria Beatriz e Silva, Gilvan Ventura. (Org.). *A Cidade à prova do tempo: vida cotidiana e relações de poder nos ambientes urbanos*. 1ed. Vitória: GM Editora, 2010, v. 1, p. 313.

<sup>20</sup> “The life of the Iranian woman at the turn of the twentieth century was a maze of regulations and limitations meant to keep her cloistered existence beyond the reach of any but her immediate kin.” AFKHAMI, Mahnaz. *The women's organization of Iran: Evolutionary politics and revolutionary change*. *Foundation for Iranian Studies*. Bathesda, p. n.p, 2002. Disponível em: <<https://fis-iran.org/en/women/organization/introduction>>. Acesso em: 21 abr 2020. Tradução nossa.

<sup>21</sup> Essa crítica estrutural sobre a participação feminina pode ser encontrada no livro *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, uma das principais obras de meados do século XX sobre o assunto.

país de origem em 1967 empenhou-se no desenvolvimento de estudos e ações sociais, com o intuito de compreender a realidade das mulheres de seu país. A ex-ministra atuou como professora de literatura inglesa na *National University of Iran*, reconheceu que suas alunas eram energizadas pelas histórias que descreviam as liberdades e os direitos que as mulheres ocidentais alcançaram. Entretanto, ela também relata que suas alunas não queriam reproduzir esses direitos exatamente da mesma forma, “elas queriam achar uma maneira de definir e posicionar suas reivindicações de acordo com sua própria cultura.”<sup>22</sup>

A partir das experiências da autora antes e depois do seu retorno ao Irã, podemos dizer que sua posição de privilégio foi confrontada com as demais mulheres iranianas. Afkhami, que tinha lido os trabalhos de Beauvoir, Betty Friedan e Kate Millet, decidiu correr o risco e trabalhar no sistema pelo que chamou de reforma de gênero, ainda que muitas de suas amigas e colegas a tivessem avisado que o sistema não permitiria que ela agisse de forma independente e conseguisse um grande acordo.<sup>23</sup> Ao retomar contato com seu país de origem, e se envolver com as políticas de gênero do estado, ela se dirigiu às comunidades mais afastadas dos centros urbanos, pois assim conhecia as especificidades femininas de cada local. As mulheres dos centros urbanos compartilhavam de perspectivas sobre as mudanças do regime Pahlavi que não eram as mesmas para todas as mulheres, muitas das propostas de modernização do Estado não alcançavam todas as mulheres do país. O foco do trabalho de Afkhami se tornou aldeias e vilarejos no interior do Irã.<sup>24</sup>

É possível reconhecer o esforço de criticidade da autora ao propor maneiras de incentivar a luta das mulheres por mais espaço na sociedade, porém suas críticas partiam sempre de suas experiências. Para compreensão da relação entre experiência e discursos, retomamos Quentin Skinner. No que se refere ao estudo da história do pensamento, deve-se ter atenção ao tempo em que os discursos foram proferidos, pois conceitos podem não significar a mesma coisa em épocas distintas. Os discursos de Mahnaz Afkhami devem ser analisados a partir dos conceitos e experiências disponíveis a ela em cada época, pois ela só podia transmitir o que conhecia em termos de uma emancipação feminina.

---

<sup>22</sup> AFKHAMI, Mahnaz. Women's Human Rights: From Global Declarations to Local Implementation. *Foundation for Iranian Studies*. Bathesda, p. 1-21, 2016. p. 02. Disponível em: <<https://fis-iran.org/en/women/organization/introduction>>. Acesso em: 21 abr 2020.

<sup>23</sup> Afary, 2005, p. 148.

<sup>24</sup> Afkhami, 1996, p. 332.

Nos artigos publicados pela autora, dificilmente aparecem críticas vigorosas ao regime em que trabalhou. Por ser uma mulher com cargo político dentro do estado, suas críticas apontam para os obstáculos representados pelas tradições culturais e religiosas, e no trabalho realizado para superá-los, pois impactavam diretamente no seu trabalho à frente da *Women's Organization of Iran*. Quando se refere ao xá Mohammad Reza Pahlavi, a autora não faz uma crítica incisiva sobre como as transformações sociais e econômicas do país foram impostas de maneira autoritária pelo monarca. Isso é relevante para o contexto sobre o qual escreve, pois, na conjuntura revolucionária, representam o impacto das medidas de modernização adotadas pelo xá na vida de homens e mulheres iranianos.

Todavia, mesmo com essas observações, ainda assim os discursos de Mahnaz Afkhami são significativos para a compreensão do movimento de mulheres no Irã, visto que ela se preocupou em indicar como as relações entre homens e mulheres afetavam, e determinavam, os papéis a serem desempenhados socialmente. Por exemplo, quando chegou ao Irã em 1967, suas perspectivas se aproximavam das discussões feministas norte-americanas. Posteriormente, ela retomou contato com as particularidades iranianas, se dirigiu às comunidades mais afastadas dos centros urbanos, conheceu as causas femininas específicas de cada local e compreendeu a necessidade de reinterpretar as teorias feministas para o contexto iraniano. Isso fez com que a ex-ministra se esforçasse para compreender as relações culturais, religiosas e de gênero que obstruíam o acesso das mulheres a direitos, principalmente nas relações familiares e trabalhistas.

Enquanto secretária geral da *Women's Organization of Iran* (WOI) a partir de 1970 até 1978, Mahnaz Afkhami começou uma abordagem para identificar as barreiras enfrentadas pelas mulheres iranianas. Procurou orientação com mulheres mais experientes em advogar pelos direitos das femininas, como por exemplo a Ministra da Educação, Farrokhroo Parsa, e a senadora Mehrangiz Manouchehrian. Ambas eram consideradas pioneiras no que concerne a participação das mulheres na política. Além do contato com figuras experientes, Afkhami se propôs a sentar com as mulheres para as quais os programas da organização eram direcionados a fim de perguntar a elas sobre o que era prioridade e do que precisavam. Com a preocupação de instruir e mobilizar camponesas a trabalhadoras de fábricas, até profissionais do setor urbano, a *Women's Organization of Iran* focou na autossuficiência econômica como principal propósito de suas atividades.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Afary, 2005, p. 149.

Ao nos propormos a relacionar os artigos publicados por Mahnaz Afkhami com a conjuntura iraniana dos anos de 1960 e 1970, estamos também nos propondo a realizar uma busca histórica que relacione e integre as mulheres do Irã. Por isso, reforçamos a importância de compreender o tempo e espaço no qual a autora escreveu. Apesar de relatar as experiências da conjuntura revolucionária, as publicações de Mahnaz Afkhami constam com data posterior a sua decisão de permanecer nos Estados Unidos a partir de 1978.

Compreender os conceitos disponíveis e as ações de Afkhami para suas análises sobre a participação das mulheres iranianas é significativa, possibilita compreender de que maneira influências ocidentais foram relacionadas às tradições do país no que concerne as pautas de liberdade feminina. Ao mesmo tempo, nos permite estabelecer contrapontos com a maneira que essas influências foram feitas e em que medida elas precisaram ser traduzidas para uma comunidade específica, seja tratando-se da categoria mulher, da industrialização do país, das propostas de modernização do xá, entre outros.

### 1.3 – Gênero e mudanças no Oriente Médio

Para compreender a relação entre os fatos históricos iranianos, e a maneira como a participação das mulheres aparece em diferentes períodos, utilizamos a categoria de gênero da historiadora Joan Scott. O estudo de caso sobre a participação das mulheres, como foi percebido por Scott, exige uma perspectiva capaz de explicar as continuidades, e descontinuidades, em relação às conquistas femininas, assim como também compreender porque certas desigualdades persistem.<sup>26</sup> Sendo assim, é preciso assimilar porque desigualdade existentes em sociedades patriarcais se repetem em diferentes momentos e em diferentes locais.

Nesta abordagem histórica, a categoria de gênero é relevante por sugerir análises em que “qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens”, ou seja, que um implica no estudo do outro.<sup>27</sup> No contexto revolucionário de 1979, é importante ressaltar que o mundo das mulheres faz parte do mundo masculino. Ao nos referirmos a categoria gênero, estamos ao mesmo tempo rejeitando a ideia de que existem duas esferas separadas da sociedade que consideram as mulheres de forma isolada. De acordo com Joan Scott, “o termo *gênero* torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os

---

<sup>26</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, 1995. p. 74

<sup>27</sup> Scott, 1995, p. 75.

papeis adequados aos homens e às mulheres.”<sup>28</sup> Em outras palavras, o uso do termo gênero se refere às áreas estruturais e ideológicas que envolvem as relações entre homens, mulheres, crianças, à família, e o papel a ser desenvolvido por eles, mas que são particulares de cada sociedade.<sup>29</sup>

Para melhor desenvolvimento da abordagem iraniana, não vamos nos aprofundar no estudo de Scott e nem nos parâmetros estabelecidos pela autora para categorizar gênero da maneira supracitada. Todavia, optamos por ressaltar o principal argumento da autora, que é a relação concomitantemente construtiva entre todos os indivíduos da sociedade, de maneira que o estudo da atuação das mulheres não deve ser feito separadamente do mundo masculino. A categoria de Joan Scott cabe a esse trabalho pois, ao se pontuar os eventos políticos, sociais e econômicos no Irã em diversos momentos da história, é possível reafirmar a participação das mulheres neles, tanto de regiões urbanas quanto rurais. Ainda que muitas vezes o mundo feminino tenha sido determinado pelo mundo masculino nas relações patriarcais, entendemos que ambos necessitam ser incorporados como produtores da realidade experimentada.

Nem sempre e nem todas as mulheres aparecem exercendo as mesmas funções, sejam elas domésticas ou remuneradas, mas todas elas desempenham uma cooperação na organização da sociedade. Elucidando as atividades femininas em diferentes momentos, veremos a forma como mulheres participaram do contexto revolucionário de 1979. De acordo com a perspectiva de gênero, ao citar essa participação, devemos ser capazes de dar conta das experiências sociais radicalmente diferentes, como é o caso iraniano, que não se integra a parâmetros de desenvolvimento ocidental. Conhecer a história das mulheres iranianas é importante, pois permite ilustrar a participação feminina em diferentes cenários e momentos da história.

Uma análise do contexto social no Irã demonstra que, mesmo antes das ideias feministas sobre emancipação chegarem ao país, iranianas já participavam da sociedade de alguma maneira, mesmo que em ambientes domésticos. Reconhecer mulheres no ambiente familiar é essencial, visto que auxilia a compreender quais foram as mudanças realizadas para que elas ocupassem novos espaços e conquistassem direitos. Os efeitos da urbanização e industrialização desenvolvidos no Irã, em razão do alinhamento a países europeus, colaboraram para o posicionamento crítico sobre

---

<sup>28</sup> Ibid.

<sup>29</sup> Para Scott “Esses usos descritivos do termo “gênero” foram empregados pelos/as historiadores/as, na maioria dos casos, para delimitar um novo terreno. À medida que os/as historiadores/as sociais se voltaram para novos objetos de estudo, o gênero tornava relevante temas tais como mulheres, crianças, famílias e ideologias de gênero. Em outras palavras, esse uso de “gênero” refere-se apenas àquelas áreas, tanto estruturais e ideológicas, que envolvem as relações entre os sexos.” (1995. p. 76).

as posições que as mulheres escolhiam participar e aquelas que eram impostas a elas pelas construções culturais.

A trajetória das mulheres iranianas se relaciona com às mudanças globais, pois há evidências de como a participação feminina ao longo dos anos foi se estendendo a setores que eram majoritariamente ocupados por homens, como por exemplo, na política. Essas transformações foram integradas ao Irã de forma singular, mantendo algumas pautas básicas do movimento feminista sobre direito à saúde, educação e emancipação financeira, ao mesmo tempo em que teve que lidar com as tradições locais, a religiosidade, a estrutura patriarcal, entre outras particularidades do país. Por causa dessa integração de forma singular, é importante destacar que determinados conceitos podem não se adequar a algumas realidades culturais estudadas. Este é o caso da participação feminina no Irã.

A pesquisadora iraniana Janet Afary, em *Sexual Politics in Modern Iran*,<sup>30</sup> afirma que até meados do século XX, intelectuais iranianos olharam para o ocidente como um possível modelo para as reformas de gênero no Irã. Eles apoiaram as demandas por educação e empregos, presumiram que as mudanças fortaleceriam as mulheres enquanto esposas, assim como a família e a nação. Esse aspecto pode ser verificado também na percepção de Mahnaz Afkhami, pois a autora apresenta os homens iranianos como figuras difíceis de se agregar ao movimento de mulheres. Pelo menos no início do século, muitos preservavam uma antiga ordem da sociedade e desaprovavam ativismos políticos.

Devido ao fato de muitos homens e mulheres manterem as estruturas patriarcais, as mulheres ativistas estabeleceram – consciente ou inconscientemente – dispositivos na sociedade que cooperasse com suas pautas. No caso do contexto iraniano, a educação feminina era um desses dispositivos na passagem do século XIX para o século XX, pois por parecer inofensivo, não havia grande oposição a isso.<sup>31</sup>

Dentro das limitações enfrentadas pelas mulheres, mecanismos foram desenvolvidos para conscientizar a população da importância educacional, e ao conquistar espaços como empregos e a educação superior, outros aspectos foram agregados. Considerando as demarcações entre os papéis de gênero, o apoio de intelectuais iranianos foi importante para o alcance de novos espaços.

<sup>30</sup> AFARY, Janet. *Sexual politics in modern Iran*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 261.

<sup>31</sup> “Because the combined forces of men and women who support the patriarchal order are inordinately strong, women activists have always resorted, consciously or unconsciously, to a variety of devices depending on the society's place on the scale of change. In Iran, as the short history of the women's movement will indicate, the device used at the turn of the twentieth century was sporadic demands for educating girls. Seemingly innocuous, the demand nevertheless elicited ferocious opposition.” Afkhami, 2002, p. n.p. Tradução nossa.

Todavia, Janet Afary afirma que a partir dos anos de 1970, eles já não aceitavam a revolução sexual do ocidente se expandindo gradualmente pelo Irã. Logo surgiu uma divisão ideológica entre os que advogavam pela emancipação feminina e aqueles que apoiavam um socialismo radical, ou uma revolução Islâmica, por questionarem o projeto de modernização do xá como um todo.<sup>32</sup> Mais uma vez, isso demonstra como mulheres e política se relacionam na construção da experiência da comunidade.

Um aspecto significativo nessa divisão ideológica foi a percepção das iranianas a respeito da expansão ocidental no país, pois segundo Afary, havia antagonismo entre as novas construções de gênero dos anos de 1960 e 1970 manifestada entre as mulheres. Mesmo aquelas que se beneficiaram das reformas do regime Pahlavi, se sentiam hesitantes em relação às rápidas mudanças nas últimas décadas e os novos padrões da modernidade. Além disso, quase todas as feministas iranianas que se identificavam com o regime Pahlavi nas últimas décadas, criaram uma ruptura cultural com a sociedade iraniana.

As medidas do xá Mohammad Reza Pahlavi para tornar o Irã um país mais moderno incluíam a aproximação ao modelo econômico europeu, a maneira de se vestir e o consumo de bens materiais, aspectos que eram mais presentes em partes urbanizadas do Irã. Algumas dessas mudanças não eram tão bem recebidas por famílias mais tradicionais e de classes mais pobres, e como resultado, o movimento islâmico pré-revolucionário considerou fácil ganhar suporte de mulheres que se colocavam contra as medidas do xá, incluindo de algumas filiadas à organização apoiada pelo governo, a *Women's Organization of Iran*. Essa ausência de consenso em relação a modernização da sociedade é significativa para compreender um ativismo de mulheres no Irã singular, o qual não pode ser encarado sob a mesma perspectiva teórica do ocidente.

Para fazer referência a participação política das mulheres iranianas, a trataremos por *movimento de mulheres*, como foi conceitualizado por Nadjé Sadig Al-Ali.<sup>33</sup> A pesquisadora utiliza o termo *movimento de mulheres* para analisar a participação das mulheres egípcias na sociedade antes mesmo da contemporaneidade. Entende-se, segundo as percepções de Nadjé Sadig, que o termo movimento de mulheres também pode ser utilizado para analisar o contexto iraniano. Essa definição possibilita compreender a participação feminina de maneira mais ampla, não apenas vinculada às influências ocidentais do que é liberdade e emancipação.

---

<sup>32</sup> Afary, 2009, p. 261.

<sup>33</sup> AL-ALI, Nadjé Sadig. *Secularism, gender and the state in the Middle East: the Egyptian women's movement*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 02.

É perceptível em alguns momentos que abordagens conceituadas no ocidente tendem a se utilizar de pré-conceitos sobre as sociedades do Oriente Médio, analisando-o como o *outro* exótico e distante. Esses pré-conceitos podem influenciar numa visão das mulheres apenas como submissas à vontade de seus maridos, ou até mesmo, compreendendo o véu, que é um símbolo cultural e religioso, como um objeto de opressão delas. Nadjé Sadig traz uma compreensão de liberdade e participação que não está totalmente associada às concepções de liberdade ocidental dos séculos XIX e XX, pois entende que cada sociedade tende a compreender esses conceitos de forma específica.<sup>34</sup>

Nadjé Sadig exemplifica isso em relação às mulheres egípcias dizendo que, em alguns casos, o termo feminismo pode evocar antagonismo e animosidade, devido principalmente a uma relação dicotômica entre modernidade e tradição existente na contemporaneidade. No exemplo egípcio, a autora afirma que o termo *feminismo* algumas vezes é recebido com certa inquietação por parte de um grande número de ativistas, que parecem ter internalizado uma maneira que as feministas tem sido retratadas nos discursos egípcios: mulheres que odeiam os homens, agressivas, possivelmente lésbicas (geralmente obcecadas por sexo), e certamente simpatizantes do ocidente.

35

Parte das mulheres ativistas egípcias compreende o conceito de feminismo como crítica ao patriarcado, mas que não inclui análises das desigualdades econômicas e políticas. Em contraste, elas argumentam que *movimento de mulheres* inclui preocupações sobre a independência nacional, luta de classes, entre outras causas políticas.<sup>36</sup> Assim como o Egito do século XX relatado por Nadjé Sadig, no contexto revolucionário iraniano, mulheres que se posicionaram contra o regime do xá Mohammad Reza Pahlavi partilhavam da perspectiva de que influências ocidentais, como o próprio conceito de feminismo, representavam algo tóxico para a sociedade.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> AL-ALI, 2000, p. 05.

<sup>35</sup> AL-ALI, 2000, p. 04.

<sup>36</sup> Ibid, 2000, p. 05.

<sup>37</sup> *Gharbzadagi* em farsi, em português *Ocidentoxização*, foi um conceito cunhado pelo intelectual iraniano Ahmad Fardid. O termo refere-se a uma crítica do autor em relação as contradições presentes nas relações entre Ocidente e o Irã. Segundo o autor, a contradição fundamental entre a estrutura tradicional da sociedade e o rumo em direção a colonização, era o nome de progresso e desenvolvimento, quando o que se via era o resultado de uma subordinação a Europa e a América. O conceito não deve ser compreendido como um “retorno ao Islã”, mas sim uma preocupação e oposição do autor em relação a influência ocidental no mundo islâmico. Para Ahmed, significava recuperar a autenticidade e autonomia cultural islâmica. O termo foi incorporado por aiatolás críticos ao regime Pahlavi durante a década de 1960 até a Revolução de 1979. AHMAD, Jalal Al-i et al. *Occidentosis: a plague from the West*. Berkeley: Mizan Press, 1984. p. 13.

As mudanças propostas pelo estado não eram passivamente aceitas, existiam setores de esquerda, *baazaris*, clérigos e intelectuais que representavam a oposição. Além disso, mulheres já se organizavam de maneira independente desde a Revolução Constitucional em 1906 para defender pautas políticas. A abordagem de Nadje Sadig amplia o campo de análise das relações entre ocidente e oriente no que se refere a participação feminina, e até mesmo nos diferentes ativismos dentro do Irã. Ao mesmo tempo em que se pode reconhecer influências estrangeiras, permite que as singularidades culturais e tradicionais da sociedade apareçam, que as iranianas tenham sua própria voz. *Movimento de mulheres* é uma terminologia que inclui mulheres de áreas urbanas que defendiam pautas feministas, mulheres de organizações independentes que revogavam pautas locais e específicas, e mulheres que entendiam que o ambiente familiar era seu local de reconhecimento e participação.

Ao apontar essas diferentes perspectivas, não se pretende focar nas diferenças entre as mulheres do ocidente e do oriente, pois isso pode reforçar estereótipos sobre como os indivíduos se comportam em suas sociedades. Consideramos que o feminismo ocidental, enquanto um movimento global, influenciou aspectos da sociedade egípcia e da iraniana, mas sua manifestação e interpretação dentre as mulheres desses países aconteceu de maneira singular. Como supracitado, a relação com a modernização foi diferente entre locais urbanizados e locais afastados, entre classes ricas e classes pobres. Desta maneira, movimento de mulheres se torna uma maneira mais adequada para falar de qualquer ativismo feminino, pois é capaz de considerar mulheres que participavam politicamente defendendo liberdade e a emancipação em contextos locais.

Esta discussão sobre as influências europeias durante do século XIX e XX em países do Oriente Médio foi realizada por Edward Said, em *Orientalismo*.<sup>38</sup> Tendo em vista o vínculo estabelecido ao longo da história com a sociedade europeia, mas principalmente durante o século XIX, Said afirma que discursos e interpretações foram sobressaindo-se às culturas, de forma que conflitos reducionistas surgiram de maneira unificadora e acabaram por atribuir identidades coletivas a multidões de indivíduos singulares.<sup>39</sup> Ou seja, criou-se a imagem do *outro* oriental a partir das diferenças com o *eu* ocidental.

Edward Said aponta que a *orientalização*, a produção de estereótipos sobre o Oriente, não deve ser entendida como uma fantasia europeia, mas sim como “um corpo elaborado de teoria e

---

<sup>38</sup> SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>39</sup> Said, 2007. p. 25.

prática”, pois a consolidação de discursos sobre o Oriente advém da proximidade e relação das declarações com “instituições do poder político e socioeconômico.”<sup>40</sup> Said atribuiu a *Orientalismo* uma leitura de Gramsci, na qual o autor faz uma breve distinção entre a sociedade civil e a sociedade política. A partir desta distinção, o argumento levantado é que a cultura deve estar em operação com a sociedade civil, onde a influência de ideias, instituições e pessoas, funciona por meio do consenso. Isso acontece pois “certas formas culturais predominam sobre outras, assim certas ideias são mais influentes que outras.”<sup>41</sup>

Essa predominância de ideias foi identificada por Gramsci como uma hegemonia, e para Said é a hegemonia cultural em ação que coopera para a concepção de Orientalismo. Isso acontece porque houve a perpetuação de uma noção coletiva identificando o *nós* europeu contra todos *aqueles não europeus*. Edward Said argumenta que o principal componente da cultura europeia que a tornou hegemônica dentro e fora da Europa, é a noção de “uma identidade europeia superior a todos os povos e culturas não europeus.”<sup>42</sup> Essa construção se perpetua em discursos que retratam uma superioridade sobre um atraso oriental.

Nas relações e produções do século XIX, a indagação imaginativa sobre o oriente se baseava numa consciência ocidental soberana, com ideias gerais sobre quem era o oriental “de acordo com uma lógica detalhada, regida não apenas pela realidade empírica, mas por uma bateria de desejos, repressões, investimentos e projeções.”<sup>43</sup> Reconhecer tais investimentos e projeções nos discursos sobre o oriente durante o século XIX e XX, nos permitem reconhecer narrativas que reforçam uma hegemonia cultural sobre países como Egito e Irã.

Devido a essa perspectiva de superioridade da sociedade ocidental em relação ao Oriente, reforçamos o uso do termo *movimento de mulheres*. Utilizaremos como exemplo Mahnaz Afkhami. A autora possui formação em universidades americanas e em diversos momentos defende pautas de um feminismo ocidental, mesmo quando se esforça para compreender as particularidades iranianas. Ao referir ao ativismo feminino iraniano enquanto movimento de mulheres, é possível romper com a perspectiva orientalizante, com a hegemonia cultural como foi apontada por Edward Said e com a ideia de que uma única elaboração da teoria feminista caberia a todas as mulheres do mundo. Desta forma, independentemente da reivindicação feminina no momento, coletiva ou

---

<sup>40</sup> Ibid, p. 33.

<sup>41</sup> Ibid, p. 34.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> Said, 2007, p. 35.

individual, é possível observar como são participantes do processo político como um todo. Assim sendo, a participação das mulheres na sociedade não depende apenas da influência feminista ocidental, mas também da percepção que elas tinham sobre o papel que desempenhavam.

Para elucidar melhor essa questão Karen Armstrong, na obra *Em nome de Deus*<sup>44</sup>, explica como muçulmanos do Egito e do Irã vivenciaram a modernização de maneira diferente de protestantes americanos e dos judeus. No caso dos primeiros, “impulsionados por sua própria espiritualidade os muçulmanos chegaram a muitas ideias e valores semelhantes as noções modernas”, suas concepções sobre religião e política, a liberdade intelectual dos indivíduos, e até mesmo concepções de justiça e equidade contidas no Alcorão, de alguma maneira se aproximavam de alguns traços de comportamento do Ocidente. Ao final do século XIX, muitos pensadores ilustres encantaram-se com o Ocidente.<sup>45</sup>

Eles constataram que europeus e muçulmanos possuíam valores comuns, embora os europeus tivessem construído uma sociedade muito mais eficiente, dinâmica e criativa. Uma sociedade que esses pensadores desejavam reproduzir em seus países.<sup>46</sup>

A respeito da eficiência, dinâmica e criatividade da sociedade Ocidental sobressair-se a Oriental, é uma justificativa comum em um discurso orientalizante, que compreende o primeiro como dotado de certa superioridade em relação ao segundo. Nesse aspecto, as diferenças culturais e contextos devem ser reforçadas, para que ao se analisar uma sociedade diferente se possa compreender que cada uma tem sua eficiência, dinâmica e criatividade de acordo com as necessidades locais, e não com a concepção do que o *outro* enxerga a partir desses conceitos, baseado em sua própria realidade.

Apesar de certo engrandecimento da autora em relação ao Ocidente, por outro lado sua perspectiva sobre os pensadores muçulmanos entrarem em contato com pensadores europeus aponta como isso os levou a ter novas perspectivas sobre o funcionamento de suas sociedades de origem. Armstrong afirma que na segunda metade do século XIX os pensadores muçulmanos entravam em choque com os ulemás, reivindicavam um Estado secular e “tentavam usar a religião para fundamentar mudanças fundamentais.”<sup>47</sup>

---

<sup>44</sup> ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>45</sup> Armstrong, 2009, p. 178.

<sup>46</sup> Ibid, p. 179.

<sup>47</sup> Os principais intelectuais da época são Fathadi Akhundzada (1812-1878), Mulkum Khan (1833-1908), Abdul Rahim Talibzada (1934-1911) e Mirza Aqa Khan Kirmani (1853-1896). Armstrong, 2009, p. 179.

Em alguns casos é inevitável que apareçam influências na correspondência entre uma sociedade e outra, mas é importante questionar como essas influências aparecem, como são recebidas pela sociedade e de que forma são reinterpretadas por ela. Assim como o véu enquanto símbolo cultural é compreendido pelo pensamento ocidental como sinônimo de submissão das mulheres, em alguns momentos a dupla jornada das mulheres ocidentais é vista pelas iranianas como contraproducente no processo de reconhecimento da ação feminina na completude de uma sociedade.<sup>48</sup> Com o intuito de compreender como a recepção e reinterpretação de ideias feministas e ideias ocidentais modernizantes foi feita pelas mulheres iranianas, é que esse capítulo se propõe a colocar em pauta a participação feminina em diversos momentos.

#### **1.4 – Mulheres na história do Irã**

Escolas para meninas instituídas desde o início do século XX e centros de ajuda que foram criados para auxiliar as mulheres nos quesitos básicos de saúde, educação e cursos profissionalizantes, possibilitou maior integração de mulheres na sociedade. Observamos no Irã como a urbanização crescente na primeira parte do século XX, devido às relações econômicas e políticas com nações europeias, provocaram rupturas sociais e culturais no país. Considerando mudanças modernizadoras instituídas pelos xás Reza Khan (1925-1941) e seu filho, Mohammad Reza Pahlavi (1942-1978), se tem a ideia de que a Revolução Iraniana de 1979 simplesmente acabou com os direitos das mulheres e instituiu um governo religioso.

Na leitura da pesquisadora iraniana Janet Afary, a Revolução de 1979 não foi um retorno ao passado, mas sim um novo estado reinventado e que expandiu certas práticas culturais e de gênero retrógradas, e as apresentou como Foucault chamou de “regime da verdade” por meio de tecnologias modernas de poder.<sup>49</sup> Como parte do comprometimento com a modernidade, o regime islâmico que substituiu a dinastia Pahlavi continuou as campanhas de alfabetização e de saúde. No que diz respeito as mulheres, à medida em que o regime adquiriu autoridade, ele estabeleceu novos discursos jurídicos sobre sexualidade, sobre as funções sexuais e reprodutivas das mulheres. Esses discursos são considerados novos visto que desde o início do século XX, com ênfase na dinastia Pahlavi, movimentos de mulheres se organizavam por seus direitos.

---

<sup>48</sup> AFSHAR, Haleh. *Islam and feminisms: an Iranian case-study*. New York: Palgrave, 1998. p. 8.

<sup>49</sup> Afary, 2000, p. 265.

Em um primeiro momento, o que se pode afirmar é que a participação das mulheres na sociedade iraniana sempre existiu, ainda que não no modelo relacionado a um ativismo político como se tem hoje. Para o entendimento da trajetória das conquistas das mulheres iranianas, devemos compreender que elas sempre desempenharam alguma função social dentro das possibilidades de cada momento histórico. No caso da Revolução de 1979, elas reivindicaram a saída do xá, tanto as que tinham discursos seculares quanto as que compartilhavam de concepções políticas religiosas para o país, pois de forma geral a sociedade concordava que o governo havia se tornado autoritário. Por isso, a revolução não deve ser considerada como um retrocesso de direitos, mas sim como uma nova leitura da sociedade na qual a participação das mulheres e suas pautas contribuíram para o momento histórico.

Se partirmos da ideia de que sua participação feminina só tornou-se relevante após o país receber influências ocidentais de modernização, isso as colocará em uma posição de passividade e submissão na história do Irã. Em suma, discutir as relações de gênero nos permite uma releitura histórica capaz de perceber amplas e diferentes maneiras de comportamento social, que não compreendam de forma etnocêntrica a demanda das mulheres por liberdade, pois essa pode ser interpretada de diversas perspectivas de acordo com as especificidades locais.

Reconhecer esses diferentes ângulos nos quais as pessoas experimentam suas sociedades, suas tradições e costumes, reforça a atenção aos limites teóricos e metodológicos nos estudos orientais, uma vez que os parâmetros de análise não servem igualmente a todas as comunidades. O historiador Nikkie Keddie, em *Women in the Middle East*, ressalta a dificuldade de encontrar documentos a respeito das sociedades pré-Islâmica, deixando a cargo dos registros feitos a partir de uma cultura oralmente difundida a responsabilidade de divulgar uma história do Oriente Médio, sobretudo documentos que discutam o feminino em sociedades anteriores a época moderna.<sup>50</sup> Segundo o autor, os estudos sobre as mulheres do Oriente se intensificaram durante os anos de 1930 e 1940, poucos textos sobre as mulheres foram escritos antes do terceiro século islâmico e até recentemente os textos refletiam a imagem tida por homens da elite sobre as mulheres em vez de material sobre como elas viveram e pensaram.<sup>51</sup>

O autor de *A History of Iran Empire of the Mind*, Michael Axworthy, contribuiu para o entendimento da correlação entre homens e mulheres na sociedade de maneira mais harmônica.

---

<sup>50</sup> KEDDIE, Nikkie. *Women in the Middle East: past and present*. Princeton: Princeton University Press, 2007. p. 09

<sup>51</sup> Keddie, 2007, p. 9.

Axworthy afirma que mesmo antes das mudanças sociais levadas através da industrialização e urbanização, a estrutura da sociedade iraniana era diferente desse pré-conceito estabelecido<sup>52</sup> de subserviência feminina. De forma geral, o autor afirma que a sociedade iraniana se caracterizava por uma organização nômade ou seminômade. Era uma sociedade integrada, vivendo geograficamente às margens econômicas, que assimilou a participação de mulheres e homens nas causas de grupo, na qual todos deveriam assumir uma responsabilidade.<sup>53</sup>

Ainda segundo Axworthy, a característica da sociedade iraniana que se destaca antes do século XX era de uma população rural e de trabalhadores, e dentre eles as mulheres desempenhavam papéis econômicos de acordo com as possibilidades que tinham.<sup>54</sup> Axworthy afirma que, mesmo entre as populações urbanas, a maior parte das pessoas eram pobres e mulheres precisavam trabalhar fora de casa. Mesmo no que concerne a questão da utilização do véu, o autor afirma ter sido de forma menos rigorosa do que se imagina.

[...] a situação que deveríamos imaginar como sendo típica – mulheres rigorosamente *veladas* que raramente saíam de casa e mesmo em casa deveriam se manter longe de homens que não fossem parentes – era na verdade incomum antes de 1900. Quando isso ocorria, era limitado a classe média ou classe alta das famílias nas cidades (precisamente a classe que possuía uma longa história, tal como escritores, letrados – provavelmente apenas quatro por cento das famílias em geral).<sup>55</sup>

Essa descrição da sociedade do século XIX apresentada pelo autor contribuiu para a desmistificação da ideia de subserviência das mulheres não inseridas em sociedade ocidentais. O que o autor afirma é uma restrição de espaço público às mulheres de famílias abastadas, mas com relação as demais mulheres pobres da sociedade, essas exerciam papéis econômicos que lhes eram acessíveis, trabalhando no campo ou tarefas domésticas de rotina. Mais adiante, o autor ainda afirma que a difusão do véu entre a população mais pobre da sociedade surgiu como uma maneira de reproduzir o comportamento das famílias abastadas da sociedade. Ou, como em regiões mais urbanizadas em que existiam prostitutas, o véu para o homem poderia significar que sua esposa não se encontrava exposta, o que lhes conferia certo *status* e poder.<sup>56</sup> A utilização do véu pelas

<sup>52</sup> AXWORTHY, Michael. *A history of Iran: Empire of the mind*. New York: Basic Books, 2016. p. 189.

<sup>53</sup> Axworthy, 2016. p. 190

<sup>54</sup> Ibid, p. 190.

<sup>55</sup> “So the setup we might think of as typical—of heavily veiled women seldom leaving the home and even in the home kept apart from males who were not relatives—was in fact atypical before 1900. When it did occur, it was limited to middle- or high-class families in towns (precisely the class that looms large historically, being the book-writing, book-reading class—perhaps only four percent or less of families overall).” Idem. Tradução nossa.

<sup>56</sup> Ibid, p. 190.

mulheres iranianas será retomada mais a frente, a fim de elucidar suas próprias concepções culturais da identidade e liberdade feminina no Irã.

A percepção defendida ao abordar a história das mulheres no Irã deve partir do entendimento de que, em cada sociedade, as relações sociais se constroem e são compreendidas pelos indivíduos de maneiras diferentes. Quando se compreende a reciprocidade nas comunidades e nas formas particulares como cada uma constrói sua experiência política, as mulheres são incluídas na história a partir das suas experiências em cada época, de acordo com as possibilidades disponíveis. Isso significa que as conquistas das mulheres por direitos fazem parte da sua relação com sua sociedade, seja ela Ocidental ou Oriental. Ainda que as influências ocidentais em relação à economia, política e feminismo estejam presentes no Irã, a análise final deve partir da recepção dessas ideias e a forma como as iranianas as encararam.

Isso quer dizer que as mulheres não eram subjugadas por seu gênero? Ou que elas não eram estavam sujeitas a decisões tomadas por homens? Isso coloca as mulheres iranianas como independentes durante toda a história do seu país? A historiadora Janet Afary parece ser quem melhor responde a essas questões, pois em *Sexual Politics in Modern Iran* a autora faz um amplo estudo sobre como as relações conjugais se desenvolveram no Irã desde o século XVIII. As mulheres estiveram sujeitas a casamentos arranjados, às ordens de figuras masculinas como seus avôs, pais, maridos, entre outros. Todavia, isso não quer dizer que elas não exerciam uma representação na sociedade, ou que elas mesmas não enxergassem alguma importância nesse papel. Cada indivíduo está sujeito a realidade de sua época e a maneira como ao longo do tempo as percepções da sociedade vão mudando. Ao longo dos capítulos reforçaremos a presença das mulheres na história do Irã e de seu exercício enquanto figuras também construtoras da política, é justamente a presença das iranianas na história que tornou necessário a reinterpretação de conceitos ocidentais por Mahnaz Afkhami, para que se adequassem a uma realidade não-ocidental.

### **1.5 – A influência de políticas globais no Irã**

A maneira como Mahnaz Afkhami descreve os eventos pré e pós-revolução de 1979 é característico da sua função política no Irã, pois por estar vinculada a *Women's Organization of Iran* (WOI) e, sendo esta uma organização governamental, seus discursos não apresentam críticas ao contexto social e político do país como um todo. Apesar do esforço da ex-ministra em confrontar as relações sociais de gênero no Irã, algumas de suas análises da realidade partiam de parâmetros

ocidentais sobre a forma como deveria ser a emancipação feminina. Por isso, deve-se fazer uma breve reflexão sobre como algumas mudanças globais dos séculos XIX e XX influenciaram em questões de gênero no Irã.

Ao tratarmos das influências ocidentais em outros lugares do mundo durante o segundo milênio, estamos – em alguns casos – nos referindo aos impactos das colonizações europeias. As relações entre diferentes povos e tribos sempre existiram, mas aqui abordaremos os desejos de diferenciação que as sociedades tendem a demonstrar quando interagem entre si. Segundo Boaventura de Sousa Santos, na perspectiva Ocidental, o Oriente representa o descobrimento primordial do segundo milênio. O ocidente não existe sem o contraste com o não-ocidente, pois o “Oriente é o primeiro espelho de diferenciação do milênio”<sup>57</sup> e a civilização alternativa ao ocidente.<sup>58</sup>

Essa distinção entre povos do ocidente e povos do oriente nos leva a uma reflexão sobre como distinguir o que é característico de um local e, em contrapartida, quais são as reinterpretações que uma sociedade faz das influências adquiridas por uma outra. Quando citamos as influências ocidentais no Oriente, estamos tratando de países que como o Afeganistão, Egito, Irã e Turquia, estabeleceram relações com o Ocidente e, ao fazerem, abriram espaço para novos olhares sobre a organização de suas sociedades. Olhares esses que perpassam por questões intelectuais, de tradição cultural e religiosa, de organização urbana e industrialização, e da própria perspectiva sobre o papel da mulher na sociedade. Ainda que possibilitem reinterpretações de conceitos para outras realidades, dificilmente essas relações se dão de forma horizontal.

Desta forma, devemos considerar o desenvolvimento dessas mudanças e a maneira como as populações dos locais citados perceberam essas transformações. No caso do Irã, o alinhamento de governantes iranianos ao longo dos séculos XIX e XX a políticas europeias não eram bem vistos pela população. Mesmo com políticas modernizadoras dos xás do Irã, o país permanecia em condições agrárias, o que gerou tensões entre diferentes setores da sociedade que não viam com bons olhos as relações entre oriente e ocidente. Com isso, perceberemos como as influências ocidentais realmente abriram um espaço para a participação popular, mas demonstrando como também entrou em conflito com a realidade social dos países, as diferentes concepções de modernização, as tradições religiosas e as tradições culturais dos locais ocupados pelas mulheres.

---

<sup>57</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. *Una epistemología del sur*. México: CLACSO Coediciones, 2009. p. 214.

<sup>58</sup> *Ibid*, p. 216.

Compreendendo as mudanças concomitantes no âmbito global e específico, poderemos estabelecer relações entre os pensamentos em voga na época e as realidades sociais que os receberam, e como os receberam.

Em meados do século XIX, as influências estrangeiras eram fortes no Irã devido as concessões feitas à Rússia e à Grã-Bretanha, realizadas pelos monarcas da dinastia Qajar (1779-1921). A forma como os xás tornaram produtos nativos instrumento de lucro estrangeiro enquanto o país continuava majoritariamente rural, gerou protestos por parte dos iranianos.<sup>59</sup> Em 1891, o xá Nasir al-Din, pressionado por uma greve desencadeada pelo acordo com a Grã-Bretanha quanto ao monopólio da indústria do tabaco no país, se viu obrigado a recuar frente as primeiras manifestações populares iranianas.<sup>60</sup>

Segundo Sanam Vakil, em *Women and Politics in the Islamic Republic of Iran*, os protestos pela concessão da indústria do tabaco incentivaram a formação das primeiras organizações de oposição as concessões feitas no final do século XIX. Essas contavam com a participação de diferentes setores da sociedade, tais como os *ulemás*, reformistas seculares, comerciantes e, entre eles, algumas mulheres. Esses diferentes setores da sociedade iraniana se reuniram em uma homogeneidade ideológica de que o xá Nasir al-Din já não representava o país, necessitando assim de uma reforma política.<sup>61</sup>

O que se seguiu na virada do século XIX para o século XX, foi uma crise política na capital Teerã: a Revolução constitucional (1905-1911).<sup>62</sup> Movimento de forças coletivas estimulado por novas ideias a respeito da política nacional sucedeu o estabelecimento de uma constituição. Segundo o historiador Peter Demant, “uma aliança contra o xá e contra os estrangeiros infiéis cresceu entre *mullas* e *baazaris*, a camada mercadora tradicional e devota”, que em 1905 foi aderida por outros grupos locais.

No início do século XX, inspirados pelos debates que chegavam do Ocidente, tais como traduções e o acesso à educação superior, surgiu uma nova classe média e intelectual inspirada em ideias europeias esclarecidas no Irã. Segundo Sanam Vakil, “esses intelectuais implantaram as ideias de uma sociedade moderna e desenvolvida, livre do despotismo e do imperialismo

---

<sup>59</sup> KINZER, Stephen. *Todos os homens do Xá*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2004. p. 48.

<sup>60</sup> DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 226.

<sup>61</sup> VAKIL, Sanam. *Women and Politics in the Islamic Republic of Iran: Action and reaction*. New York: Continuum, 2011. p. 26.

<sup>62</sup> Demant, 2008. p. 226.

estrangeiro na sociedade iraniana,”<sup>63</sup> abriram grupos para debater novas perspectivas políticas do país. Em Teerã, um grupo intitulado *Society of Learning*, impulsionou a abertura de escolas no final do século XIX e início do XX. O historiador iraniano Ervand Abrahamian, em *Iran between two revolutions*, afirma que

A composição do Comitê Revolucionário reflete tanto a homogeneidade ideológica como as diferenças sociais na formação de uma intelectualidade. Entre os cinquenta e sete, estão quinze funcionários públicos, oito educadores, quatro tradutores e escritores, catorze clérigos que tinham conhecimentos sobre as ciências modernas, um chefe de uma tribo, três comerciantes e quatro artesãos<sup>64</sup>.

Essa composição descrita por Abrahamian contribuiu para as observações de Sanam Vakil, pois percebemos que diferentes setores da sociedade iraniana dialogavam sobre mudanças no país. Mudanças que podem ser observadas no sentido global devido as influências europeias de produção e de consumo, suas influências diplomáticas, criação de escolas e saída de iranianos para estudarem fora de seu país, e nos novos padrões sobre como homens e mulheres deveriam viver em sociedade.<sup>65</sup> No aspecto local, essas ideias foram englobadas pela sociedade iraniana de forma heterogênea, devido a participação de diferentes grupos da sociedade nos debates políticos e econômicos que surgiam, e ao mesmo tempo homogêneo, no que se refere as preocupações a respeito das concessões que estavam sendo feitas.

A Revolução Constitucional, apesar de ter sido um movimento nacionalista formado por grupos diversificados da sociedade iraniana, pedia por reformas políticas, acreditava ser a democracia que colocaria fim na pobreza do país e que a retirada da dinastia Qajar seria também o fim da grande pressão estrangeira sob o país, ainda não se referia diretamente aos direitos das mulheres. Todavia, esses debates influenciaram o movimento que surgiu no decorrer do século XX: a abertura de precedentes para que as intelectuais de classe média pudessem ver a oportunidade de também escrever e intervir por seus direitos, como foi o caso, por exemplo, das escritoras Taj Saltaneh<sup>66</sup> e Bibi Khanoum Fatema Astarabadi.<sup>67</sup>

A abordagem de fatos do início do século XX inferem como, mesmo que aos poucos, as mulheres foram participando politicamente na sociedade iraniana. Como visto anteriormente, ao

---

<sup>63</sup> Vakil, 2011. p. 27

<sup>64</sup> ABRAHAMIAN, Ervand. *Iran between two revolutions*. Princeton: Princeton University Press, 1982. p. 78.

<sup>65</sup> HOURANI, Albert Habib; EICHENBERG, Rosaura. *O Pensamento Árabe Na Era Liberal-1798-1939*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 9.

<sup>66</sup> Filha do Xá Naser al-Din, pioneira no movimento pelos direitos civis das mulheres no Irã (1883-1936).

<sup>67</sup> Escritora iraniana e também pioneira na luta pelos direitos das mulheres no país (1858–1921).

desmistificar a ideia de submissão de mulheres não-ocidentais, podemos perceber que no contexto em que viviam elas exerciam algum tipo de papel social. As influências europeias contribuíram para que mulheres, mesmo que primeiro de classes abastadas, pudessem ter acesso à educação, ao ponto de usarem o que aprenderam justamente para se colocarem contra a excessiva exploração europeia e as falhas de um governo. A passagem do século XIX para o século XX representou a ascensão da participação feminina a outras esferas da sociedade iraniana.

Ao longo do século XX, mudanças econômicas, sociais e políticas continuaram se ampliando no Irã. Durante o processo da Revolução Constitucional, o que se percebeu foi uma mudança na consciência política dos iranianos. O pedido por uma constituição demonstrava a participação dos *baazaris* e *ulemás*, uma ampliação das ideias de soberania popular, inspiradas por obras da Revolução Francesa, além da contínua manifestação contra ocupações russas e britânicas.<sup>68</sup> O que chama a atenção no período é a reivindicação da criação de uma assembleia nacional para realizar reformas e fazer valer as leis.

Os primeiros anos do século XX no Irã foram marcados pela leitura pública de artigos da imprensa reformista, e o pedido da população por uma *Majlis*.<sup>69</sup> Apesar das discussões internas sobre a formação da *Majlis*, a experiência do período marcou a psicologia coletiva iraniana pois, ao pretender estabelecer novos parâmetros políticos e sociais para o país, incentivou a participação popular. No que concerne a participação feminina, a *Majlis* influenciou vários momentos em propostas sobre direitos civis das mulheres precisavam ser votadas, mas havia divergência sobre sua aprovação.

O período que se seguiu durante o século XX contou com mudanças políticas, econômicas e sociais no país. Após o fim da dinastia Qajar, de 1925 a 1941, o país teve um governante que focava em uma proposta de modernização, mas se empenhou em limitar a influência da Grã-Bretanha, Reza Khan, que se fez coroar imperador de uma nova dinastia, os Pahlavi. O novo monarca se inspirava na modernização da Turquia, para alcançar seus objetivos procurou conter o poder clerical, que de acordo com ele mesmo, era a principal causa de estagnação política e social no Irã. Se colocando contra essa posição, a partir de 1931, gradativamente mudanças foram sendo feitas no *Majlis* desde as leis de casamento e divórcio, afirmando o direito das mulheres de pedirem por

---

<sup>68</sup> Kinzer, 2004, p. 47.

<sup>69</sup> Palavra árabe que significa “lugar para sentar”, usada para descrever vários tipos de Assembleias legislativas nos países de cultura islâmica, sendo o termo equivalente a “legislatura” em alguns países, como é o caso do Irã. *Majlis*, equivale então, a parlamento.

divórcio dentro de algumas condições, mudando a idade mínima de casamento para as meninas e meninos, passando a ser a partir dos 15 e 18, respectivamente.

O governo fez investimentos e distribuiu recursos na expansão de escolas para meninas, incluindo em 1934 com o estabelecimento da Universidade do Teerã, onde as mulheres foram admitidas junto aos homens em 1935. Embora o Xá Reza Khan tenha favorecido melhorias para as mulheres, seus esforços estavam ligados a suas ambições mais amplas de modernização e não a uma preocupação real pelo direito das mulheres e o que isso representava para elas. A pesquisadora iraniana Sanam Vakil salienta uma questão cara aos xás do Irã ao longo do século XX no que se refere a participação feminina: a oposição clerical a concessão de direitos as mulheres. Com medo de protestos que pudessem ameaçar seu governo, organizações independentes de mulheres foram fechadas. Uma organização controlada pelo governo foi criada e administrada pela filha de Reza Khan, Ashraf Pahlavi, a fim de despolitizar o movimento de mulheres no país.<sup>70</sup>

Uma das ações mais significativas do Xá Reza Khan foi em 1936, quando forçou que as mulheres abandonassem o uso do *hijab* e outros tipos de véu.<sup>71</sup> Essa medida foi celebrada por mulheres seculares e de áreas urbanas no país, em contrapartida teve um efeito negativo no movimento das mulheres. Se de um lado mulheres que se identificavam com o feminismo comemoram a medida vendo-a como progressiva e uma espécie de confronto a misoginia clerical, de um lado, os *ulemás* usaram o decreto para argumentar que o movimento de mulheres tinha por objetivo desvestir as mulheres.<sup>72</sup> Por causa da pouca presença do estado no interior do país, e como a maior parte das mulheres da área rural se vestiam com suas roupas tradicionais, a lei não teve grande impacto imediato em suas vidas.

Para as mulheres de classe média baixa e as mulheres urbanas de baixa renda, que foram socializadas e educadas para aceitar o véu como a única forma legítima e aceitável de vestimenta, a lei que as desvelava estava longe de ser relacionado a liberdade. Segundo Sanam Vakil, isso fez com que muitas se sentissem obrigadas a permanecer em casa, desistindo de suas atividades públicas, incluindo fazer compras para suas famílias, procurar emprego fora de casa, visitar outros bairros e ir aos banhos públicos.<sup>73</sup> A lei que impedia o uso de véu e a sua forte imposição não só

---

<sup>70</sup> Vakil, 2011. p. 32.

<sup>71</sup> Ibid.

<sup>72</sup> Mahdi, 2004. p. 432.

<sup>73</sup> Segundo o dicionário Iranica Online as *Public baths* são ancestrais no Irã, pois com a conversão de iranianos ao Islã, esse se tornou um ritual de purificação e um requisito na vida religiosa. Além disso, os banhos eram frequentemente associados não só a purificação ou higiene pessoal, mas também para propósitos medicinais.

falharam em dar liberdade as mulheres das classes baixas, como também, de acordo com a análise de Vakil, fez com que as mulheres tivessem que confiar a seus maridos e filhos as tarefas públicas que geralmente elas mesmas realizavam.

Desta época em diante, o véu foi aos poucos se tornando um símbolo da narrativa de resistência, não inferioridade cultural quando comparada aos valores ocidentais, pelo contrário, era símbolo de dignidade e validava as narrativas a favor dos costumes tradicionais. Para as mulheres, o véu se tornou um símbolo de resistência ao que viam como ataque colonial e a forma que encontraram para resistir a dominação ocidental<sup>74</sup>. Em contrapartida, apesar das medidas realizadas pelo xá Reza Khan, a secularização da educação e o incentivo de mulheres no mercado de trabalho tinha muito mais a ver com um projeto de modernização alinhado a perspectivas ocidentais, do que propriamente com a emancipação feminina ou uma mudança real de seu *status* social.

Ainda que houvesse a secularização, educação e empregabilidade eram essenciais para o progresso nacional, ao mesmo tempo em que as mulheres iranianas deveriam manter seus papéis primários de esposas e mães. Uma dicotomia social e cultural persistiu. Mulheres educadas eram importantes para estimular as futuras gerações do Irã. Empregabilidade e inclusão social para as mulheres eram essenciais para projetar um estado-nação moderno.<sup>75</sup>

Mesmo com a introdução de reformas modernizadoras, o xá possuía uma visão da sociedade na qual as mulheres deveriam se manter ocupando papéis domésticos, ou seja, suas mudanças não foram profundas o suficiente para mudar relações estruturais de gênero na sociedade. Medidas mais incisivas foram tomadas por seu filho e sucessor, o xá Mohammad Reza Pahlavi, que assumiu em 1942. Devido ao alinhamento do xá Reza Khan a regimes fascistas, seu regime focava em um estado cada vez mais nacionalista e o culto a sua própria personalidade, inclusive declarando apoio a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. A Rússia, que há tempos mantinha relações com o país, temendo ataques pelas fronteiras, junto a Grã-Bretanha realizou uma espécie de pressão externa no país fazendo com que o exército iraniano se rendesse e o Xá abdicasse em 1941.

Após a Segunda Guerra Mundial, a ocupação do país pelas Forças Aliadas e a saída do Xá Reza Khan enfraqueceram o governo em relação aos seus opositores, criando a oportunidade para que novos grupos e partidos políticos se desenvolvessem. Isso também abriu espaço para novas

---

<sup>74</sup> “ While secularization, education and employment were essential to national progress, Iranian women were to retain their primary roles as wives and mothers. A cultural and social dichotomy persisted. Educated women were important for nurturing Iran’s future generations. Female employment and social inclusion was necessary for projecting a modern nation state.” Vakil, 2011. p. 33. Tradução nossa.

<sup>75</sup> Ibid. p. 33.

organizações de mulheres associadas a partidos políticos, *Women's Democratic Organization* é o exemplo de uma dessas organizações, essa especificamente estava associada ao *Tudeh Party*, equivalente aos partidos de esquerda e com ideias progressistas. Além dele, havia o *Women's Progressive Movement*, ramificação do *Society of Iranian Socialist* e o *Women's Committee*, associado ao *Nation's Party of Iran*. Na maior parte do tempo, a demanda deles era basicamente a mesma, focando em melhorias na saúde, abolição da poligamia e, a abolição do véu que havia sido concedida pelo Xá Reza Khan, sempre foi vista com entusiasmo por esses grupos.

O período que se seguiu com o Xá Mohammad Reza Pahlavi (1942-1978) deu continuidade ao programa de modernização do país nos moldes ocidentais, o que intensificou o embate entre clero e estado por considerarem as medidas governamentais como tóxicas para a comunidade islâmica. A cientista política iraniana, Hamideh Sedghi, reforça que durante o período Pahlavi o clero se colocou fortemente contra seus projetos, principalmente por parte do Aiatolá Ruhollah Khomeini. A autora destaca que as reformas do xá Mohammad Reza Pahlavi no chamado *Family Protect Law* (Leis de Proteção as Famílias), eram vistas como anti-islâmicas e tinham por objetivo separar as famílias muçulmanas. Essas acusações foram feitas dessa maneira porque, dentro dessas leis que foram atualizadas, concedia-se o direito do pedido de divórcio e a guarda dos filhos as mães, caso essa fosse a vontade das crianças.

O regime do xá Mohammad Reza Pahlavi foi marcado por um investimento ainda maior nas áreas mais afastadas da região urbana e, de certa forma, as mulheres foram beneficiadas por esse programa de governo. O monarca manteve os programas de modernização iniciados por seu antecessor e deu continuidade a eles, também continuou a investir em um Estado autoritário e teve mais influências das potências estrangeiras. Para Hamideh Sedghi, a política do último xá do Irã tanto influenciou como também teve influência dos debates de gênero da época, pois o estado iraniano exercia uma política de dominação e hegemônica, cooptando o próprio sistema social a seu favor.<sup>76</sup>

Ainda para Sedghi, no Irã, o estado incorporou as questões de gênero a suas políticas e fazendo isso, reestruturou algumas relações patriarcais familiares, trabalhistas e nas instituições educacionais. Muitas vezes o Estado associava as questões de gênero também às questões de classe e, conseqüentemente, isso dava a impressão de que apenas o investimento em trabalho seria o

---

<sup>76</sup> SEDGHI, Hamideh. *Women and politics in Iran: Veiling, unveiling, and revealing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 129.

suficiente. Além disso, as posições sociais que as mulheres alcançaram dependiam da maneira como eram estabelecidas relações com o regime Pahlavi, o qual tinha controle sobre quais deveriam ser as agendas, encorajando e desencorajando a participação política, as legislações e o controle social.

[...] a manipulação das questões de gênero aparecem como uma forma de buscar legitimidade, e as vezes para dar continuidade a ela, o Estado demonstra apoio para algumas questões das mulheres a fim de dar continuidade e consolidar seu poder, construindo sua imagem particular para o mundo.<sup>77</sup>

Nesta perspectiva, o Estado passou a usar as questões femininas para se promover frente as potências estrangeiras tentando construir a ideia de um país moderno e democrático. Em 1951 e 1952 as demandas pelo voto já apareciam no *Majlis*, mas realmente só foi concedido em 1963, com a Revolução Branca. Este nome foi dado a um programa de modernização total do país. Durante os anos de 1953, a oposição do Xá Mohammad Reza Pahlavi aos partidos independentes era forte, algumas organizações surgidas nos anos de 1940 sofreram ataques e se tornaram objeto de eliminação. Enquanto as organizações de mulheres sob controle do governo permaneceram e influenciaram as atividades das mulheres pelas décadas seguintes, dando continuidade ao processo de modernização, por outro lado, a unificação da liderança e a despolitização das demandas femininas através da centralização de organizações de mulheres foi a medida seguinte.

As demandas feitas pelas mulheres eram atendidas, contanto que estivessem de acordo com o plano de governo Pahlavi. Em 1959, 19 organizações foram colocadas sobre responsabilidade da *Federation of Women's Movement*, depois transformada em uma nova e ainda mais controlada organização, a *High Council of Iranian Women*. Entre 1966 e 1978, houve a substituição desta última por uma nova organização chamada *Women's Organization of Iran* – na qual Mahnaz Afkhami ocupava um dos cargos de liderança.

A WOI se tornou extremamente influente por seguir o projeto do Xá de expandir suas ideias para o interior do país, era oficialmente aberta e reconhecida. Todavia, autores como Sedghi defendem que o Estado em certos momentos se aproveitou das pautas femininas para agregar ao discurso de modernização. Sedghi considera que as questões femininas deveriam ter sido abordadas

---

<sup>77</sup> “[...] manipulating gender issues as a source of legitimacy, and sometimes as a response to its constituencies, the state draws on some women’s support in order to strengthen and consolidate its power and build its particular image to the outside world.” Sedghi, 2007. p. 130. Tradução nossa.

muito mais a partir dos problemas estruturais da sociedade, essa organização se tornou apolítica e muito focada em realizar atividades de caridade, no desenvolvimento de unidades profissionais.<sup>78</sup>

De qualquer maneira, a Revolução Branca em 1963 foi um momento de intenso embate entre o Estado e o clero, pois o Estado se colocou temporariamente superior a religião e aos seus oponentes seculares ao conseguir aprovar uma série de medidas que intensificam a modernização do país. Entretanto, essa modernização muitas vezes esbarrava em concepções muçulmanas, e especificamente em 1963, as medidas foram vistas por grande parte da população como autoritárias, pois para que fossem deferidas, o xá Mohammad Reza Pahlavi dissolveu a *Majlis*. O intuito era evitar oposições que barrassem suas medidas.<sup>79</sup>

Através do sufrágio feminino, permitido oficialmente a partir de 1963, e das políticas de gênero do monarca legalizadas apesar da oposição religiosa no *Majlis*, o xá demonstrou uma postura muito mais incisiva e mais bem-sucedida do que a de seu antecessor ao intensificar reformas no país. Na perspectiva de Sedghi, as medidas do Xá Mohammad Reza Pahlavi se caracterizaram por uma privatização e controle sobre as mulheres. Para a autora, o Xá se preocupava em manter uma relação com mulheres de classe média e classe média alta, por representarem as principais beneficiárias de suas medidas legislativas.<sup>80</sup>

Uma das principais e mais significativas mudanças foram as contidas no *Family Protect Law*, tanto de 1967 quanto sua atualização em 1975. Essas leis instituíram mudanças em relação a poligamia, aumento da idade para casamento, divórcio e o regime de compartilhamento da guarda pelos filhos foi realmente alterado na lei. Vale ressaltar que, não necessariamente por estar firmado em lei as alterações sociais eram efetivas, pois como dito anteriormente, as mudanças nem sempre eram instituídas da mesma maneira em todas as localidades do país, principalmente nas áreas rurais. Além disso, trata-se de um processo de modernização social tendo como parâmetro os moldes ocidentais que muitas vezes eram vistas como tóxicas. Ainda assim, as mudanças nas leis familiares demonstraram que existiam formas de requerer a validade dos direitos, mas sempre ressaltando as dificuldades sociais, jurídicas e religiosas envolvidas nesse assunto de acordo com cada local.

O estado continuou a aumentar o número de mulheres em posições e cargos executivos, realçando as oportunidades na arena pública, apontou mulheres como juízas – prática condenada pelos teólogos xiitas. Em 1975, as leis foram modificadas para dar direitos às mulheres a terem a

---

<sup>78</sup> Ibid, p. 130.

<sup>79</sup> Sedghi, 2007. p. 128.

<sup>80</sup> Ibid, 2007. p. 130.

custódia de seus filhos, facilitou leis contra o aborto e passou a oferecer aborto gratuito sob demanda. No mesmo ano, as demandas femininas ganharam um *status* ministerial, tendo uma mulher apontada para o cargo.<sup>81</sup>

O sociólogo iraniano Ali Akbar Mahdi aponta com criticidade esses desenvolvimentos, uma vez que tiveram espaço em uma atmosfera de contradições entre a liberdade das mulheres e a repressão patrimonial. Para ao autor, as mulheres foram escolhidas para posições executivas em ambientes dominados por homens e com a cultura e estrutura masculina forte. A burocracia imperial era uma instituição intolerante com decisões independentes feitas por elas, enquanto as oposições feitas aos homens não eram toleradas, principalmente nas questões políticas. Para o autor, as “oportunidades vieram com limitações, liberdade social com docilidade política”<sup>82</sup>.

Durante o período de 1977-1978 os movimentos contra o Xá se intensificaram, grupos de ativistas foram sendo formados e entre eles mulheres de todas as classes passaram a participar dos movimentos antigovernamentais, incluindo ativistas religiosos que trabalhavam próximos ao Aiatolá Khomeini recorreram ao apoio das mulheres para também se colocarem contra o monarca. Os protestos contra o Xá se intensificaram de acordo com a maneira que suas políticas de governo foram se tornando autoritárias, além de cada vez mais vinculadas à potências estrangeiras que exploravam o país.

Com mudanças focadas em modernizações, as perspectivas sobre relações de gênero foram se aprimorando nas discussões globais e auxiliando na compreensão das relações sociais entre homens e mulheres na sociedade e Mahnaz Afkhami, a frente da *Women's Organization of Iran*, associou isso a seu trabalho à maneira que lhe cabia. Em diferentes momentos houve uma relação em que as mulheres precisaram se apoiar nos homens no governo para que suas demandas fossem aprovadas. Ou seja, mesmo as concepções sobre os papéis de gênero da sociedade sendo aprimorados, ainda assim existia uma relação de poder na qual as mulheres precisavam se apoiar no Estado para adquirir direitos. Em uma via de mão dupla, o próprio xá Mohammad Reza Pahlavi se utilizava das pautas femininas que estavam em discussão para reafirmar a modernização do Estado iraniano.

As concepções de gênero desenvolvidas durante o século XX, tiveram grande impacto no envolvimento das mulheres iranianas na Revolução de 1979. Mudanças culturais colocadas pelo

---

<sup>81</sup> MAHDI, Ali Akbar. The Iranian women's movement: A century long struggle. *The Muslim World*. New York, n. 4, v. 94. 2004. p. 433.

<sup>82</sup> Ibid, p. 233.

xá Mohammad Reza Pahlavi não foram aceitas facilmente por todos os setores da sociedade, muitas de suas políticas de abertura do país para o desenvolvimento de indústrias estrangeiras provocaram mal-estar entre os iranianos. Mais à frente veremos que a tensão social não foi exclusivamente devido a concessão de direitos às mulheres, mas desempenhou também seu papel por entrar em conflito com algumas tradições culturais. Mahnaz Afkhami afirma que durante os anos de 1970 a WOI fez o melhor que podia para evitar confrontos com as autoridades religiosas.

Os eventos sociais e políticos do Irã, quando abordados a partir de uma categoria de gênero, possibilitam uma percepção de qual era o papel desempenhado pelas mulheres antes, durante e depois as trocas intelectuais com o Ocidente. As influências globais de modernização, industrialização e de teorias feministas no Irã, abriu espaço para movimentos de mulheres que surgiram ao longo do século XX. Também essa influência ocidental, possibilitou que Mahnaz Afkhami retornasse ao Irã e, alinhando suas pautas às pautas do Xá Mohammad Reza Pahlavi, trabalhou em favor da conscientização feminina.

Após essa breve introdução sobre as conjunturas nas quais Afkhami viveu, trabalhou e escreveu sobre, no capítulo seguinte seus discursos serão abordados afim de melhor elucidar de que maneira a reinterpretação de teorias ocidentais feministas contribuiu para a participação feminina na Revolução de 1979.

## **CAPÍTULO II – MAHNAZ AFKHAMI E A TRADUÇÃO DE CONCEITOS FEMINISTAS OCIDENTAIS**

No capítulo anterior, se pode observar como a industrialização e as trocas intelectuais entre Ocidente e Oriente proporcionaram novas interpretações sobre o funcionamento da sociedade como um todo, seja no aspecto econômico, social, cultural ou político. No que concerne a questão das mulheres, sua atuação na sociedade iraniana é algo anterior a influência estrangeira. Mulheres de classe abastada, mulheres da área urbana e mulheres do interior, seja em funções domésticas ou trabalho informal, exerciam papéis importantes na manutenção da família e da comunidade. A reflexão a ser colocada neste capítulo considera as diferentes formas da representação feminina ao longo dos séculos. As trocas intelectuais tornaram possível pensar novas perspectivas acerca da maneira como as mulheres participavam dos demais campos da sociedade, como a educação formal e superior, empregos, direitos civis, entre outros.

A proposta deste capítulo é compreender por quais parâmetros as teorias ocidentais sobre a participação feminina foram reinterpretadas, a fim de representarem uma alternativa de ativismo viável para as mulheres iranianas, que respeitasse as necessidades e tradições locais. Observaremos que mulheres de áreas urbanas e de classe média, mais próximas da vida modernizada incentivada pelo xá, tinham concepções diferentes de mulheres da classe urbana trabalhadora, de mulheres de aldeias, de mulheres de tribos, onde as mudanças não eram percebidas da mesma maneira. Mahnaz Afkhami descreve seu trabalho no interior do Irã como uma maneira de escutar essas mulheres, e propor maneiras práticas de chegar a elas, pois perspectivas teóricas não tinham o mesmo efeito.

Analisaremos os artigos escritos por Mahnaz Afkhami entre 1984 e 2016, todos disponíveis na *Foundation for Iranian Studies*, instituição criada pela própria ex-ministra em 1981. De maneira cronológica, as publicações são: *Iran - A Future in the Past: The 'Prerevolutionary' Women's Movement* (1996), *Women in Exile* (1994), *The Women's Organization of Iran: Evolutionary Politics and Revolutionary Change* (2002), *Women's Human Rights: From Global Declarations to Local Implementation* (2016). Além dos artigos escritos pela própria Mahnaz Afkhami, também analisaremos a entrevista concedida a jornalista iraniana Noushin Ahmadi Khorasani concedida em 2008, intitulada *Reform and Regression: The Fate of the Family Protec Law*. Escritos em diferentes momentos, mas todos após a Revolução de 1979, as publicações descrevem suas experiências e as expectativas que possuía para a emancipação feminina.

Ao falar da participação política de mulheres na Revolução de 1979, estamos nos referindo especificamente ao apoio das mulheres a revolução em si. Entretanto, a questão que se coloca é: por que mulheres apoiariam uma mudança tão significativa, uma mudança para um governo que trazia consigo novos discursos, mas que reforçavam um papel da mulher na sociedade voltado para sua família? Essa é uma questão interessante, pois partindo apenas das publicações de Mahnaz Afkhami, a apresentação da sociedade iraniana reflete apenas os aspectos positivos do movimento de mulheres, como as lutas refletiram aspectos positivos, e mudanças importantes. Ela reforça que nem o xá e nem o Estado nunca foram feministas, as mulheres encontraram obstáculos na sua luta por direitos, precisando conciliar suas pautas a estrutura patriarcal da sociedade.

No Irã, assim como em outras partes do mundo, as mulheres sempre tiveram que lutar por seus direitos. Mas, diferentes mulheres – e as mesmas mulheres em diferentes momentos no seu desenvolvimento pessoal – compreenderam o significado de “direitos” de várias maneiras de acordo com as especificidades de sua sociedade e cultura no momento. Certamente, em determinados momentos apenas grupos específicos de mulheres possuíam a oportunidade de participar do processo político que associamos aos direitos das mulheres. As mulheres ativistas pertenciam por definição a uma minoria de gênero, independentemente do seu status social. O problema enfrentado era o de conciliar os seus ideais com a estrutura patriarcal que se colocava em volta delas.<sup>83</sup>

Mahnaz Afkhami representa uma dessas mulheres, durante os anos de 1960 e 1970, tentando conciliar avanços para as mulheres às políticas do Estado. Todavia, como apontado, Mahnaz Afkhami era parte da classe abastada da sociedade, e ao ser confrontada pela realidade das mulheres do interior com quem buscou trabalhar, identificou que as mesmas teorias não cabiam a todas as mulheres. Sendo assim, a política do xá Mohammad Reza Pahlavi de continuar a modernização do país iniciada por seu pai, facilitou a discussão e a adaptação das pautas feministas para a realidade iraniana.

## 2.1 – A Reinterpretação de Conceitos Ocidentais

---

<sup>83</sup> “In Iran, as in other parts of the world, women have always had to fight for their rights. But different women--and the same women at different times in their personal development--understood the meaning of "rights" variably according to the society and culture of their specific environment at the time. Clearly at any given moment only certain groups of women possessed the opportunity to participate in the political processes we associate with women's human rights. The activist woman belonged by definition to a minority of her gender, regardless of her social status. The problem she faced was how to reconcile her ideals with the inertia marking the larger patriarchal society and culture that surrounded her.” AFKHAMI, Mahnaz. *The women's organization of Iran: Evolutionary politics and revolutionary change*. *Foundation for Iranian Studies*. Bathesda, p. s/n, 2002. Disponível em: <<https://fisi-iran.org/en/women/organization/introduction>>. Acesso em: 21 abr 2020. Tradução nossa.

Não é possível analisar os artigos de Afkhami sem paralelamente apontar as condições políticas nacionais do Irã durante a época, tanto a que viveu no Irã, quando o que escreveu após seu exílio em 1978. Primeiramente porque a autora estava diretamente vinculada ao regime Pahlavi, a organização de mulheres da qual fez parte era financiada pelo governo, e mal vista pelos setores conservadores da sociedade. Segundo porque, nos artigos escritos após a Revolução, a autora reforça que o Estado não era feminista, mas que ao aprovar medidas modernizadoras que se aproximavam de nações europeias, ao menos incentivou espaço para discussões sobre o tema. Posteriormente, o que se observa é uma mudança de perspectiva por parte de Afkhami, ao perceber que justamente o fato da organização ser tão próxima do governo, e tendo o regime agido com violência contra aqueles que protestavam pelo fim do regime Pahlavi, atribuiu também à *Women's Organization of Iran* os aspectos negativos atribuídos ao Estado.<sup>84</sup>

Realizar considerações sobre a conjuntura nacional é importante para a problemática da pesquisa, pois partindo apenas da perspectiva que Afkhami apresenta sobre 1978 e 1979, é incompreensível o apoio a uma revolução que trouxe consigo um grupo conservador que retomava o papel doméstico da mulher como o principal. Todavia, a maneira como a autora aborda os fatos em seus artigos é carregada de uma visão pré concebida sobre a Revolução de 1979, a revolução foi o principal marco do século XX no país, sendo muitas vezes associada a um momento de retrocesso nos direitos conquistados pelas mulheres. Em um artigo produzido em 2016, a pesquisadora Meredith K. Winn apresenta dados à respeito da educação superior no Irã quase trinta anos após a Revolução Iraniana. De acordo com a autora, no ano de 1997 as mulheres constavam 37% de todas as estudantes universitárias, e nos anos 2000, elas eram 45%. Esse número cresceu para 51% em 2005.<sup>85</sup> Ou seja, as mulheres não foram completamente impedidas de participar da sociedade.

Esses dados auxiliam na compreensão de que a percepção de Mahnaz Afkhami sobre a Revolução Iraniana é moldada de acordo com a sua posição de mulher abastada com formação no exterior, e que algumas informações são omitidas para que seu discurso seja condizente com a posição que ocupou. Afkhami não expõe em seus artigos que a década de 1960 se refere a um

---

<sup>84</sup> AFKHAMI, Mahnaz. The Fate of the Family Protection Law. *The Feminist School*. Interview granted to Noushin Ahmadi Khorasani. 2008. Disponível em: <<http://fis-iran.org/en/women/articles/reform-and-regression>>. Acesso em: 21 abr 2020.

<sup>85</sup> Winn, Meredith Katherine. *Women in High Education in Iran: How the Islamic Revolution Contributed to na Increase in Female Enrollment*. *Global Tides: Vol. 10, Article 10*, 2016. p. 8. Disponível em: <<http://digitalcommons.pepperdine.edu/globaltides/vol10/iss1/10>> Acesso em: 21 abr 2020.

momento em que o regime Pahlavi agia de forma autoritária, que as condições econômicas na sociedade eram desiguais devido a exploração estrangeira que levava poucos benefícios para regiões mais pobres do Irã. Neste sentido, verifica-se que o papel político das mulheres no contexto revolucionário não se refere apenas a demanda por direitos. Assim sendo, a reinterpretação de conceitos ocidentais para a experiência iraniana durante o século XX deve ser considerada.

De acordo com Afkhami, é importante conduzir a desmistificação da ideia de que mulheres pertencentes a um contexto sócio-político religioso estão majoritariamente em posição de submissão. Tomando conhecimento da participação de mulheres nos vários âmbitos sociais e na própria Revolução de 1979, é perceptível que as concepções feministas ocidentais não foram tidas como teorias universais pelas iranianas, mas antes, foram reinterpretadas para o contexto cultural vivido, propondo categorias com as quais elas pudessem se identificar.

A abertura de espaço para concepções ocidentais impactou de diferentes maneiras o contexto da Revolução Iraniana. Em um primeiro momento, ajudou no mapeamento dos principais problemas enfrentados pelas mulheres iranianas em seu dia a dia, assim como também o desenvolvimento de medidas que de alguma forma mudassem seu *status* na sociedade. Todavia, a não identificação com categorias universais sobre o que seria a emancipação das mulheres fez com que mulheres muçulmanas passassem a reivindicar sua própria categoria do que é ser mulher no Irã, e quais eram as suas demandas para que *seu* status na sociedade fosse reconfigurado. Ou seja, mais uma vez, diferentes mulheres, em diferentes épocas compreenderam o significado de “direitos” de acordo com as especificidades de sua sociedade em cada momento.

Segundo Michel Foucault em *Microfísica do Poder*, é tão errado buscar na proveniência de um acontecimento as razões para suas continuidades, assim como também é errado buscar na emergência de um movimento a razão para o resultado final. Por proveniência, o autor se refere ao conceito de *herkunft*, onde ao analisar um fato histórico, nos é permitido compreender e reencontrar as circunstâncias através das quais os acontecimentos se formaram.<sup>86</sup> E por emergência, o conceito de *entstehung*, que designa o ponto de surgimento. Segundo Foucault, a análise da *herkunft* deve mostrar como as forças agem umas contra as outras e como recobram vigor a partir do próprio enfraquecimento.<sup>87</sup> Enquanto *entstehung* designa a qualidade de um instinto, a emergência em um lugar de afrontamento.

---

<sup>86</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 20.

<sup>87</sup> Foucault, 1979, p. 23.

As emergências de diferentes discussões históricas, segundo Foucault, não são figuras sucessivas de uma mesma significação; “são efeitos de substituição, reposição e deslocamento, conquistas disfarçadas, inversões sistemáticas”.<sup>88</sup> Em outras palavras, uma análise histórica que fala de ideias e conceitos, que provem de momentos de mudanças, e que em determinado momento não pode ser ignorado das narrativas históricas.

Ao longo dos anos os objetos de estudo mudam, e de acordo com diferentes energias que emergem na sociedade, objetos antes ignorados nas narrativas históricas adquirem espaço e torna-se impossível não falar deles. Nesse caso, o feminismo é um bom exemplo para compreender isso. Mesmo o termo feminismo possuindo um espaço e tempo específico, a energia que emerge através dele é a atuação das mulheres em diferentes áreas da sociedade. Talvez não apenas a atuação, mas a possibilidade de inseri-las em diferentes momentos históricos enquanto sujeitos ativos, participantes da totalidade a partir de suas ações locais. Com isso, argumento que a energia que emerge através da maior atividade feminina fora do âmbito doméstico a partir do século XVIII industrial europeu, possibilitou perceber a ausência delas na escrita da história. Então, por mais que o termo não se aplique a todos os contextos, ou que as pautas de cada mulher sejam diferentes em cada região do mundo, o feminismo é uma influência global que perpassa por todos os âmbitos da história ao questionar a presença de mulheres nela.

Considerando todos os aspectos do feminismo enquanto um movimento iniciado por mulheres brancas, de classe média, com acesso à educação, entre tantos outros privilégios, ainda assim é importante reconhecer o trabalho realizado por elas. A questão, como a própria Afkhami aponta, é que conceitos como liberdade e emancipação tem significados diferentes para diferentes mulheres ao longo de diferentes épocas. Com isso, os questionamentos dos Estudos Subalternos proporcionam novas perspectivas para compreender a interação dos sujeitos subalternos com diferentes influências globais.

A proposta do grupo era um projeto que se esforçasse para estudar os atributos gerais da subordinação das sociedades do Sul Asiático, para compreender se essa condição acontecia em termos de classe, casta, idade, gênero, função ocupada ou algo semelhante. Além disso, analisava o problema de como conceitualizar o histórico e o político em um contexto completamente

---

<sup>88</sup> Ibid, 1979, p. 26.

modificado pela participação e mobilização política dos camponeses, sem lhes atribuir o emblema do atraso e da incompletude tradicionalmente ressaltada pelo historicismo clássico.<sup>89</sup>

Para além da intenção de estudar essas sociedades, as produções dessa época eram advindas essencialmente das chamadas “zonas periféricas”, algumas vezes também denominadas como de Terceiro Mundo. Os autores desse grupo têm influências de autores estruturalistas e pós-estruturalistas, e sua principal intenção era questionar a narrativa ocidental da modernidade e, a partir das margens, revelar o sujeito subalterno como parte constitutiva da experiência histórica. Essas produções são influenciadas por uma percepção das produções acadêmicas como detentoras de uma narrativa hegemônica, que conferiu a Europa um *locus* privilegiado de produção de conhecimento.<sup>90</sup>

Os autores do período dos anos de 1980, e suas abordagens, são conhecidos como pós-coloniais, devido justamente ao apontamento dessa hegemonia como uma relação direta com o período colonial. Esses autores colocam em questionamento a maneira como intelectuais europeus, ao tentarem dar voz a sujeitos fora de seus eixos de experiência, acabavam por reproduzir narrativas que os mantinham como sujeitos marginalizados, não os integrando efetivamente na narrativa histórica.<sup>91</sup>

Assim sendo, a perspectiva pós-colonial proporciona novos panoramas para a narrativa de que mulheres muçulmanas são submissas, ou a ideia de que tem uma liberdade limitada pelos homens. Para a concepção ocidental, como é defendida inclusive por Mahnaz Afkhami, a relação entre homens e mulheres onde o Islã se faz presente e é perpetuada por uma estrutura patriarcal. A partir da perspectiva dos Estudos Subalternos, as relações de gênero são analisadas segundo cooperação entre os indivíduos enquanto mútuos agentes de transformação social e cultural. Além disso, possibilita um olhar sob as mulheres muçulmanas do Irã enquanto indivíduos com opiniões singulares de acordo com o tempo e espaço que pertencem.

As contribuições dos Estudos Subalternos colocaram sobre si a incumbência de desconstruir a fronteira cultural constituída historicamente pela colonização, com novas propostas epistemológicas definidas pelo método de desconstrução dos essencialismos. Essa é uma influência das problematizações feitas a respeito das ciências exatas ao longo do século XX, nas ciências humanas tende a questionar a reprodução de uma relação dicotômica entre Primeiro e Terceiro

---

<sup>89</sup> GANDHI, Leela. *Postcolonial theory: a critical introduction*. New York: Columbia University Press, 1998. p. 01.

<sup>90</sup> Gandhi, 1998, p. 02.

<sup>91</sup> Ibid, 1998, p. 02.

Mundo, Norte e Sul. Start Hall afirma que o conceito de pós-colonial pode nos ajudar a descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais, que marca a transição irregular da era dos Impérios para o momento de pós-independência ou da pós-colonização.<sup>92</sup>

Apesar da região do Irã nunca ter sido propriamente uma colônia de algum dos impérios europeus, a presença da Rússia e da Grã-Bretanha no século XVIII e XIX era significativa, principalmente pela exploração de matéria prima. No século XX, essa relação foi percebida através dos projetos focados na modernização e industrialização do Irã a partir do modelo Ocidental. Sendo assim, compreender a relação pós-colonial pode ser útil também, de maneira mais simbólica, para identificar quais são as novas relações e disposições do poder que emergem nesta nova conjuntura.

As diferenças entre as culturas colonizadoras e colonizadas permanecem profundas, mas nunca operam de forma absolutamente binária, nem certamente o fazem. O pós-colonial não se trata de designar um “antes” e um “agora”, ele nos obriga a reler os binarismos como formas de transculturação, de tradução cultural, destinadas a perturbar para sempre os binarismos culturais do tipo aqui/lá. Nestes termos, Mahnaz Afkhami é um exemplo de como conceitos de liberdade e emancipação passaram por uma tradução cultural para terem significado para as mulheres iranianas fora das áreas urbanas. Os conceitos são os mesmos, mas os significados são diferentes para diferentes grupos.

A relevância da teoria pós-colonial para uma pesquisa a respeito de mulheres no Irã, muçulmanas ou seculares, é a compreensão do “global” que não significa universal, nem tampouco é algo específico a alguma nação ou sociedade. Trata-se de como as relações entre o *eu* e o *outro* se complementam, se deslocam, reorganizando-se e moldando um ao outro. É o feminismo ocidental que propõe práticas e teorias, mas quando relacionado à práxis da conjuntura iraniana, foi reorganizada por Mahnaz Afkhami enquanto Ministra em Relações das Mulheres e Secretária Geral da *Women's Organization of Iran*.

## 2.2 – A Conjuntura pré-revolucionária

---

<sup>92</sup> HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Humanitas, 2009. 101-118.

Observando as fontes de 1984<sup>93</sup> e de 1994<sup>94</sup> escritas pela autora, na primeira a mesma relata as ações que estavam sendo desenvolvidas pela *Women's Organization of Iran* (WOI) no contexto pré-revolucionário, e na segunda sobre seu exílio, comentando suas impressões sobre o momento, sua insatisfação com o regime do Aiatolá Khomeini e sua política como retrocesso para o Irã. Entretanto, em uma entrevista a Noushin Ahmadi Khorasani<sup>95</sup> em 2008, ao falar sobre as ações da WOI durante período revolucionário, ela apresenta uma perspectiva que não aparece nos outros textos: se mostra mais crítica em relação a associação da WOI ao governo do Xá Mohammad Reza Pahlavi.

Nosso maior erro foi que, no entusiasmo para atingir nossas metas, nós atribuímos nosso sucesso conquistado com grande esforço, a partir das nossas próprias iniciativas, ações e decisões à Princesa Ashraf e ao xá, imaginando que isso manteria longe oponentes ao movimento das mulheres.<sup>96</sup>

A experiência de Mahnaz Afkhami no Irã esteve intrinsicamente ligada a *Women's Organization of Iran* (WOI) desde anos de 1970. Em seus artigos, a autora se preocupa em destacar como a pesquisa de campo no interior do Irã estimulou a alfabetização, treinamento profissional e autossuficiência financeira das mulheres. De acordo com Afkhami, em 1977, mais de um milhão de mulheres utilizavam os serviços da WOI por todo o Irã.<sup>97</sup> Nas vésperas da Revolução, aproximadamente dois milhões de mulheres no Irã trabalhavam como assalariadas nos setores públicos e privados; 187.928 de mulheres estavam estudando em diferentes unidades das universidades iranianas; aproximadamente 150.000 mulheres ocupavam cargos governamentais, 1.666 ocupavam cargos de liderança; e vinte e duas deputadas na *Majlis*, duas senadoras, uma embaixadora, três vice-ministras, uma governadora provincial, cinco prefeitas e 333 conselheiras municipais eram mulheres.<sup>98</sup>

---

<sup>93</sup> AFKHAMI, Mahnaz. Iran: A Future in the Past: The 'Prerevolutionary' Women's Movement. In: MORGAN, Robin (Ed.). *Sisterhood is global: The international women's movement anthology*. New York: Feminist Press, 1996. p. 330-338.

<sup>94</sup> AFKHAMI, Mahnaz. *Women in exile*. Charlottesville: University of Virginia Press, 1994.

<sup>95</sup> AFKHAMI, Mahnaz. The Fate of the Family Protection Law. *The Feminist School*. Interview granted to Noushin Ahmadi Khorasani. 2008. Disponível em: <<http://fis-iran.org/en/women/articles/reform-and-regression>>. Acesso em: 21 abr 2020.

<sup>96</sup> "One of our major mistakes was that, in our enthusiasm to reach our goals, we continuously attributed the successes we had achieved with hard work, through our own initiatives, actions and decisions to Princess Ashraf or the Shah, thinking that this would keep opponents of the women's movement at bay." AFKHAMI, 2008, n.p. Tradução nossa.

<sup>97</sup> Afkhami, 2016, p. 18.

<sup>98</sup> NOSHIRAVANI, Reyhaneh. *Iranian Women in the Era of Modernization: A Chronology*. 25 ago 2009. Disponível em <<https://www.fis-iran.org/en/women/milestones/pre-revolution>> Acesso em 22 abr 2020.

O contato com o Ocidente através de viagens, traduções e formação acadêmica no exterior formou uma classe média e intelectual inspiradas em ideias europeias esclarecidas, estimularam propostas de democratização do estado mesmo que no início não falassem objetivamente da participação feminina, contribuíram para a ampliação destes debates.<sup>99</sup> Para assimilar as mudanças ocorridas é importante ressaltar como as teorias e estudos sobre as mulheres foram sendo aprimorados, a fim de entender o caminho trilhado por elas e os impactos dos demais indivíduos sociais nesse processo de luta por direitos iguais.

Uma das obras lidas por Afkhami, e que contém indagações sobre os papéis de gênero, foi a obra de Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*. A autora propôs novos questionamentos sobre o que seria o feminino e se este realmente existia, através de perspectivas biológicas e psicanalíticas, tomando como exemplo o próprio conceitualismo sobre a feminilidade, algumas vezes como um termo abstrato ao mesmo tempo em que “sua negação não representa para os interessados uma libertação e sim uma fuga inautêntica.”<sup>100</sup> Posteriormente, na análise das trajetórias e perspectivas da história das mulheres e das relações de gênero, Maria Izilda Santos de Matos recobra aspectos importantes dos processos de busca por abordagens que dessem vozes às mulheres. Nas décadas de 1970 e início de 1980 as novas tendências da historiografia possibilitaram uma análise da participação feminina no âmbito político e privado de forma simultânea.<sup>101</sup>

Seguindo essas perspectivas teóricas sobre os papéis de gênero na sociedade, Mahnaz Afkhami realiza uma análise da história contemporânea do Irã e assinala como a conjuntura revolucionária de 1979 estava vinculada também a sua história de vida. Seu posicionamento político a respeito dos direitos civis das mulheres a colocou em uma posição de destaque no Irã, tanto no regime do Xá Mohammad Reza Pahlavi, quanto para a República Islâmica do Irã, apesar de terem sido de maneiras distintas. Afkhami escreve após 1979, coloca suas perspectivas sobre as conjunturas pré e pós revolucionária voltadas especialmente à categoria com a qual trabalhava. Além disso, por ter sido professora na *National University of Theran*, seus textos não só relatam sua experiência pessoal, como também demonstram um esforço de análise do período de maneira acadêmica e crítica.

---

<sup>99</sup> Como por exemplo a Revolução Constitucional (1905-1911).

<sup>100</sup> BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 8.

<sup>101</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. *Mandrágora*, São Paulo, n. 19, v. 19. 2013. p. 5-15.

Na apresentação do livro *Women in Exile*, organizado por Afkhami e publicado em 1994, a autora relata a importância do exílio nas suas perspectivas sobre o passado, tanto no que se refere a sua atuação à frente da WOI, quanto a nova experiência que se delineou para ela nos Estados Unidos. Exilada desde novembro de 1978, a autora descreveu os acontecimentos revolucionários do Irã reconhecendo que seu exílio fazia parte da visibilidade alcançada por ela através de seus projetos no Irã, voltados para a temática feminina. Devido a esse contexto em que escreve e a maneira mais acadêmica de abordar os fatos, sua análise se dirige para um público específico, para um público com uma visão próxima à dela sobre o pré e pós revolução.

Reforçando a importância da WOI, defendendo-se das acusações realizadas contra ela após a revolução, de que cometia crimes de corrupção na terra e guerra contra Deus, e observando com criticidade a instituição da República Islâmica do Irã após 1979, Mahnaz Afkhami defende suas ações reiterando sempre o trabalho de base, reforçando a importância da educação e do treinamento profissional para mulheres que pertenciam a classe mais pobre da sociedade.

Neste capítulo, analisaremos como Mahnaz Afkhami percebia o panorama feminino iraniano a partir dos anos de 1960, tendo em vista seu espaço de experiência e horizonte de expectativas sobre a causa. Por conseguinte, suas considerações sobre a conjuntura revolucionária de 1979 serão colocadas em pauta para análise das ideias políticas defendidas por ela, procurando compreender de que forma os fatos e as perspectivas de Afkhami convergem e divergem sobre um mesmo momento histórico.

As reinterpretações de conceitos feministas por Afkhami para o espaço de experiência das mulheres iranianas, entretanto, foram percebidas de maneiras distintas. Se por um lado a WOI estimulou mulheres a participarem de processos de alfabetização, cursos profissionalizantes e, de certa forma, a própria conscientização de seu papel social, por outro lado as ações de Afkhami foram interpretadas como um projeto de influência ocidental que tinha por objetivo subtrair as tradições culturais e religiosas da sociedade. A fim de reconhecer de que forma essa reinterpretação influenciou o apoio de mulheres a revolução, por último neste capítulo buscaremos reconhecer de que forma as mulheres iranianas reivindicaram uma identidade singular dentro deste contexto político.

### **2.3 – A experiência de Mahnaz Afkhami e a experiência iraniana**

Em 1994, ao publicar a obra *Women in Exile*, Mahnaz Afkhami relatou seu dilema pessoal ao precisar reformular noções de sua própria identidade, nacionalidade, empregabilidade e a forma como encarava as informações passadas pela mídia internacional sobre a revolução de 1979. Entre as lembranças da infraestrutura feminista que afirma ter constituído no Irã, estão os centros construídos nas áreas rurais que incluíam leituras, discussões e o crescimento da consciência feminina sobre elas mesmas. Segundo Afkhami, mesmo que as atividades não fossem propriamente políticas, elas intensificaram uma conscientização que culminou na massiva participação de mulheres na Revolução de 1979.<sup>102</sup> Na opinião da autora, seu exílio estava diretamente relacionado com seu trabalho pelos direitos das mulheres e, para o que ela chama de revolucionários fundamentalistas, as feministas eram o primeiro alvo.

A autora foi precisa ao identificar a importância da conscientização feminina para que as mulheres reconhecessem o papel representado por elas na conjuntura política revolucionária, mas aborda isso como se antes da WOI essa percepção de consciência de seus espaços não fosse tão óbvia para mulheres mais pobres. Sob a consideração de Mahnaz Afkhami a respeito da Revolução Iraniana de 1979, retoma-se a problemática do por que mulheres apoiaram a Revolução, uma vez que o governo seguinte revogou direitos sobre família e casamento, conquistados durante o século XX? Essa indagação se coloca, pois, os discursos da ex-ministra tendem a apresentar as ações positivas realizadas sob sua administração a frente da WOI. A maneira como Mahnaz Afkhami aborda os fatos, a revolução e o governo que se seguiu após a conjuntura, delegaram as mulheres uma posição de subalternidade, quando comparado as transformações sociais proporcionadas pela WOI. Entretanto, se deve reforçar que a principal pauta da Revolução era a queda do xá, o aspecto religioso aparece como um algo a mais, uma concepção a ser defendida pelas comunidades dentro desse processo.

Partindo do ponto de vista que foca nos benefícios alcançados pelas mulheres e a instabilidade da conjuntura revolucionária, as considerações a serem feitas neste momento partem do princípio de que não houve um apoio a uma revolução religiosa que colocava abertamente a revogação de direitos. Primeiramente, devemos considerar que os atores da história não estão cientes dos acontecimentos futuros, não podem prever o resultado de suas manifestações, ainda que possuam objetivos e expectativas ao participar de movimentos políticos. O apoio das mulheres a revolução, e posteriormente ao Aiatolá Khomeini, estava relacionado de forma estreita à forma

---

<sup>102</sup> Afkhami, 1994. p. 4.

autoritária como o xá Mohammad Reza Pahlavi conduzia seu governo. Desta forma, abordaremos o processo de envolvimento político das mulheres na Revolução de 1979, a partir da análise do discurso de Mahnaz Afkhami sobre as medidas da WOI para incentivar a conscientização das mulheres do país.

Ao analisar os artigos de Mahnaz Afkhami, estamos considerando a maneira como a autora experimentou e quais eram as expectativas para os projetos da WOI, focando na maior liberdade das mulheres. O historiador Reinhart Koselleck apresenta as categorias de experiência e expectativa como capazes de demonstrar que todas as histórias são parte da história vivida, construída pelas pessoas que atuaram nela. Entretanto, isso não quer dizer que apontaremos uma história concreta sobre o passado, presente ou futuro das mulheres iranianas. Mas sim que, através da experiência vivida por Afkhami, teremos um ponto de partida para compreender algumas transformações das décadas de 1960 e 1970.

Koselleck argumenta que categorias como experiência e expectativa se apresentam relacionadas em qualquer tempo e espaço. Compreendendo que “não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”<sup>103</sup>, quando Afkhami descreve seus projetos no interior do Irã, estamos nos referindo a dois tipos de tempo e espaço que coexistem no mesmo contexto. O primeiro é o da própria autora, de sua experiência americana e das expectativas para as mulheres iranianas. O segundo, trata-se das próprias iranianas, que como a própria Mahnaz Afkhami aponta, era a WOI que precisava se adequar as mulheres de regiões mais afastadas, e não as mulheres que precisavam se adequar a WOI.

Em 1975, a WOI havia construído uma rede de 349 filiais e 120 centros, e havia chegado a compreensão dos problemas e das demandas de diferentes grupos de mulheres. A experiência demonstrou que para ganhar máximos resultados os centros precisavam se manter como parte integral da comunidade, que seu tamanho e aparência não podiam distinguir-se da arquitetura entorno deles, e os centros menores, cada um de acordo com uma distância caminhável dos bairros vizinhos, eram mais convidativos do que grandes, com estruturas mais elaboradas.<sup>104</sup>

<sup>103</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 307.

<sup>104</sup> “By 1975 WOI had built a network of 349 branches and 120 centers and had reached an understanding of the problems and demands of different groups of women. Experience showed that to gain maximum results the centers must remain an integral part of the community, that neither size nor appearance must differ markedly from the surrounding architecture, and that small centers, each within walking distance of neighboring homes, were more inviting than larger, more elaborate structures” Afkhami, 2002, n.p. Tradução nossa.

A própria experiência de se aproximar de regiões mais simples demonstrou a Mahnaz Afkhami que propostas que incentivassem as mulheres, precisavam se adequar a realidade vivida por elas, para que elas se identificassem e pudessem ter novas expectativas. Os conceitos de experiência e expectativa indicam uma vinculação entre o antigo e o futuro, “cuja conexão só se pode reconhecer depois de se haver aprendido a compor a história a partir dos dois modos de ser, o da recordação e o da esperança.”<sup>105</sup> Em outras palavras, o que se projeta para o futuro advém da recordação da experiência vivida individualmente ou coletivamente. Na perspectiva de Koselleck, as categorias se adequam a análises do tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro, e nesse movimento, “elas dirigem ações concretas no movimento social e político.”<sup>106</sup>

A descrição feita por Afkhami sobre a representatividade da WOI no Irã contemporâneo será examinada frente ao próprio espaço de experiência do qual a autora parte para escrever seus artigos, assim como de seus horizontes de expectativas na época em que atuava como secretária geral e Ministra em Assuntos das Mulheres.

Eu havia perdido meu cargo como ministra de relações das mulheres em um gesto do regime [do Xá Mohammad Reza Pahlavi] de apaziguar as relações com os *mullahs*. Isso era propenso, como meu esposo dizia, como a feminista com maior visibilidade do país eu seria presa ao chegar ao aeroporto.<sup>107</sup>

A ex-ministra relata que, entre as acusações feitas a ela pelo novo governo incluíam “corrupção na terra” e “guerra contra Deus” e, em sua opinião, “ser acusada de algo pela República Islâmica do Irã era o mesmo que ser condenada.”<sup>108</sup> Devido a seu auto exílio em 1978, e a impossibilidade de retornar ao Irã desde então, os discursos da ex-ministra demonstram frustração diante das expectativas projetadas para as mulheres do país. Por outro lado, Afkhami não faz uma análise do país como um todo, em poucos momentos retrata as desigualdades do país como fruto das próprias medidas do xá.

As manifestações que se seguiam ao longo dos anos contra o regime do xá Mohammad Reza Pahlavi, foram somadas a insatisfação popular, a violência da polícia do Estado para conter protestos, as desigualdades sociais entre os centros urbanos e as periferias, a pressão religiosa para o fim da influência ocidental, e até mesmo setores seculares pediam a retirada do xá por não

---

<sup>105</sup> Koselleck, 2006, p. 308.

<sup>106</sup> Ibid, 2006, p. 308.

<sup>107</sup> “I had recently lost my cabinet post as minister of state for women’s affairs as the regime gesture of appeasement to the mullahs. It was very likely, my husband was saying, that as the most visible feminist in the country I would be arrested on arrival at the airport.” Afkhami, 1994. p. 02. Tradução nossa.

<sup>108</sup> Afkhami, 1994, p. 01.

concordarem com a exploração americana no país. Todos esses fatores fazem parte da experiência de Afkhami no Irã nos anos de 1970, e ao omitir isso em seus artigos, também omite a experiência vivida por outras categorias, como por exemplo as mulheres que eram diretamente afetadas pelas desigualdades no país. A divergência das concepções da autora e a realidade histórica e social do Irã, demanda uma discussão sobre as diferentes experiências e expectativas, assim podemos perceber e assimilar as mútuas influências entre as mudanças globais e as mudanças locais iranianas.

O filósofo Hans-Georg Gadamer, em sua obra *Verdade e Método*, se apropria da ideia heideggeriana da *estrutura de compreensão* “segundo a qual qualquer ato compreensivo está condicionado, de modo ontológico, pelos preconceitos e opiniões daquele que o empreende”.<sup>109</sup> Em outras palavras, há sempre uma relação entre as experiências daquele que empreende uma pesquisa histórica e o que projeta para seu estudo/objeto. Nessa abordagem, aquele que empreende o projeto inconscientemente leva à suas análises seus próprios pré-conceitos, mas à medida que seu material é revisado, parece haver o reconhecimento desses aspectos que o precedem, para então buscar o conhecimento a respeito do objeto trabalhado.

[...] o conhecimento se dá numa relação entre um eu, portador de uma tradição dada, de preconceitos, opiniões e valores e um “outro”. Esse outro, na verdade, de forma contrária ao pensamento iluminista e romântico, não é pura alteridade, mas constitui a tradição da qual participa o sujeito que compreende.<sup>110</sup>

A partir da afirmação de Pereira, se entende que em uma empreitada que se propõe a analisar eventos históricos, a questão sobre o "eu" e o "outro" tem sua importância na maneira como as experiências afetam o olhar sobre o passado, pois retoma a questão da identidade tanto de quem analisa quanto do grupo que está sendo analisado. A partir da afirmação do que “eu sou”, de forma positiva, se atribuiu ao outro o aspecto negativo de mesma ordem, “ele não é”. Uma leitura que foque em tal binarismo, não é capaz de reconhecer o outro para além de suas distinções em relação a ele mesmo e, por isso, é impossibilitado de visualizar a tradição como algo que tanto o “eu” quanto o “outro” são mútuos participantes. Ambos fazem parte de uma mesma tradição, mas que dependendo do ângulo, analisa o "outro" apenas pelas suas distinções, e não por suas contribuições para a tradição.

<sup>109</sup> PEREIRA, Luisa Rauter. O debate entre Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck a respeito do conhecimento histórico: entre tradição e objetividade. *História da Historiografia*, Mariana, n. 7, v. 4, p. 245-265, 2011. p. 250.

<sup>110</sup> Ibid, p. 250.

No discurso de Mahnaz Afkhami, sua identidade iraniana e seu espaço de experiência ocidental unem-se em uma perspectiva sobre a realidade das mulheres iranianas nessa posição de alteridade, de distinção ao invés de participante da tradição existente. Apesar de possuírem a mesma nacionalidade, as perspectivas de mundo eram divergentes, e para além das problematizações sobre a estrutura patriarcal da sociedade, a tradição religiosa também era presente. Como foi assinalado por Karen Armstrong, um dos principais dilemas do século XX era a tentativa de se absorver ideias modernas ocidentais num contexto islâmico ou, por outro lado, regimes que adotavam uma ideologia secularista.

É importante reforçar, como foi apresentado no primeiro capítulo, que de alguma forma, as mulheres iranianas atuavam na sociedade, contribuíram para a manutenção dela, mesmo que inconscientemente, dependentes de uma estrutura social que antecede as problematizações do século XX. Sendo assim, se deve assimilar como o estranhamento causado pela experiência e a realidade visualizada por Afkhami aparecem em seus artigos publicados. Ao empreender projetos em áreas distantes da classe média urbana, suas percepções sobre a participação feminina foram se reestruturando. Se essa mudança quanto ao próprio pensamento de quem escreve é compreensível ou não ao autor, há o que Gadamer chama de  *fusão de horizontes*, “momento em que o horizonte passado e o horizonte do intérprete se unem num único horizonte.”<sup>111</sup>

A partir dos textos escritos por Mahnaz Afkhami, há o esforço para compreender como a fusão de horizontes, entre a experiência do passado e o afastamento histórico pelo qual interpreta os eventos da revolução, aparecem na sua leitura da história. “O sentido de um texto é formado antes no curso da história, que normalmente ultrapassa o que um autor tinha em vista”<sup>112</sup>, ou seja, as circunstâncias exteriores a quem escreve influenciam tanto no seu discurso, quanto as próprias ideias que estava a defender. Assim como também, os discursos de Afkhami foram se modificando em alguns aspectos específicos à medida que sua própria vivência nos Estados Unidos, sua experiência, amadurecimento pessoal, seus projetos e contatos após o exílio a levou a reavaliar sua própria compreensão dos fatos, seu papel nele e das próprias mulheres. Se nas publicações próximas a Revolução de 1979 a autora reforça o importante papel desempenhado na WOI, nos artigos publicados no século XXI a autora empreende autocríticas quanto ao seu desempenho.

---

<sup>111</sup> Pereira, 2011, p. 251.

<sup>112</sup> Ibid, p. 252.

Uma das primeiras publicações de Mahnaz Afkhami consta no livro *Sisterhood is Global*.<sup>113</sup> A obra foi organizada por Robin Morgan, publicado em 1996 e denominado como uma antologia do movimento internacional de mulheres devido aos diversos artigos escritos por mulheres de diferentes países. Em *Iran - A Future in the Past: The 'Prerevolutionary' Women's Movement*, Mahnaz Afkhami expõe suas principais ideias e experiências em relação a extensão dos direitos femininos na sociedade iraniana. O texto redigido pela autora parte de suas concepções pessoais sobre os eventos que antecederam a Revolução de 1979. Afkhami salientou as principais mudanças no país com base na sua experiência enquanto professora na *National University of Iran* e, como secretária geral da *Women's Organization of Iran* entre os anos de 1967 e 1978.

A fim de elucidar as mudanças que sucederam ao fim da dinastia Pahlavi, a autora inicia o artigo publicado em 1984 citando a execução da ex-ministra Farroukhrou Parsa.<sup>114</sup> Afkhami reforça que o objetivo no novo governo era reduzir a influência de mulheres que defendiam pautas feministas no país. Farroukhrou Parsa era Ministra da Educação durante o regime do Xá Mohammad Reza Pahlavi, reconhecida por se posicionar pela não obrigatoriedade de meninas usarem véus nas escolas, e por estabelecer uma comissão que revisava livros didáticos para propor uma imagem não-sexista das mulheres. Afkhami afirma que Parsa representava uma das muitas mulheres que se colocavam em favor dessas pautas e, nos anos seguintes a sua morte, “muitas mulheres marcharam contra a tirania dos *mullas*”, o que por consequência causou o espancamento e prisão de muitas destas pelo novo regime iraniano.<sup>115</sup>

Muitas foram espancadas, esfaqueadas, presas. Algumas muito jovens foram processadas e executadas, elas se identificavam apenas como “lutadoras, filhas do Irã”. Nenhuma identificação a mais era necessária. Era o tipo de mulher que o regime planejava a destruir.<sup>116</sup>

Afkhami se colocava de maneira contundente sobre a Revolução de 1979 e a discussão sobre o papel das mulheres nessa sociedade pois, assim como Farroukhrou Parsa, a autora tinha grande visibilidade no Irã por seu papel a frente da WOI, o que a tornou alvo do novo regime. Essas

---

<sup>113</sup> AFKHAMI, Mahnaz. Iran: A Future in the Past: The 'Prerevolutionary' Women's Movement. In: MORGAN, Robin (Ed.). *Sisterhood is global: The international women's movement anthology*. New York: Feminist Press, 1996. p. 330-338.

<sup>114</sup> Afkhami, 1996, p. 330.

<sup>115</sup> Ibid.

<sup>116</sup> “Some of the very young were tried and executed without ever identifying themselves as other than “fighters, daughters of Iran.” No further identification was necessary. It was the type of woman the regime meant to destroy.” Ibid.

declarações devem ser pensadas no contexto em que escreve e porque razão ela faz essa interpretação da Revolução.

De acordo com o historiador Quentin Skinner, “não é possível estudar apenas aquilo que um escritor *disse* sem que tal ponha em causa as nossas próprias expectativas e os nossos preconceitos acerca do que eles estarão a dizer.”<sup>117</sup> Essa observação deve ser levada em consideração quando, enquanto se faz uma análise de uma cultura diferente, em um momento de divergências políticas e culturais, e sobre uma figura como Afkhami, que se coloca em favor dos direitos das mulheres, para que o discurso dela não seja levado em consideração como um fato, mas sim como uma interpretação possível.

No caso de Afkhami, ainda podemos citar a utilização de referências americanas, mas que em seu olhar adquirem novos argumentos. Primeiramente, a necessidade de reinterpretar teorias feministas ocidentais e concepções de direitos humanos, a fim de se adequarem a vivência das mulheres iranianas de classe baixa e zona rural. Segundo, reforçar que no Irã, as mulheres sempre tiveram que lutar uma penosa batalha, sobretudo quando a educação para mulheres não era aceita enquanto parte de seus direitos humanos.

Mahnaz Afkhami afirma que “o Estado viu isso como uma oportunidade de equipar as mulheres com os meios intelectuais necessários para tornar os homens capazes de servir ao estado”, ou seja, utilizando uma demanda por direitos femininos como pauta para motivar a modernização do Irã. Em terceiro lugar, por ter sido secretária da WOI, um argumento frequente da autora são as realizações da organização e suas conquistas, como a modificação do *Family Protect Law* em 1975. Afkhami atribuiu a força que as mulheres conquistaram à WOI, pois a organização “se empenhou em juntar pequenos grupos distribuídos em diversas regiões em uma única organização, obrigando o Estado a prestar atenção tanto nos centros quanto na periferia.”<sup>118</sup>

Esses argumentos defendidos por Afkhami demonstram como a conscientização de mulheres sobre os espaços que elas podiam ocupar na sociedade se expandiram, e a tradução cultural tem um papel nisso. Como sinalizado anteriormente, a autora possui influências de formação ocidental e suas perspectivas sobre como diferentes conceitos podem ter diferentes significados se transformaram à medida que teve contato com outras experiências. Todavia, Afkhami também demonstra em seu discurso uma necessidade de reafirmar um desenvolvimento

---

<sup>117</sup> SKINNER, Quentin. Significação e compreensão na história das ideias. \_\_\_\_\_. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Lisboa: Difel, 2005. p. 83.

<sup>118</sup> Afkhami, 2002, p. 02.

específico durante o regime Pahlavi que, aparentemente, se perdeu após a Revolução de 1979. Apesar de não nomear desta maneira, a autora compreendeu a necessidade da tradução cultural, e por isso teve importante papel a frente da WOI. Mas também, enquanto mulher de seu tempo e horizonte de experiência, a autora tende a reforçar uma noção linear de progresso no que se refere as mulheres do Irã.

#### **2.4 – Mahnaz Afkhami à frente da *Women's Organization of Iran***

Mahnaz Afkhami, enquanto indivíduo que obteve educação superior em outro contexto cultural, a associação ao que lhe era familiar, ou seja, de seu espaço de experiência, é relevante para pensar as próprias classificações que faz da condição feminina no Irã em seu primeiro contato, ao ingressar como professora de literatura na *National University of Iran*, após dezessete anos nos Estados Unidos.<sup>119</sup> Na época em que retornou ao Irã, a autora tinha por volta de 26 anos, e diz ter encontrado alunas energizadas por suas histórias de liberdade e direitos das mulheres ocidentais, mas as mesmas perspectivas não cabiam às mulheres do Irã. Suas interpretações da sociedade em um primeiro momento se voltavam a questões de direitos humanos e liberdade das mulheres, de acordo com o que via como importante para ela, levando em consideração aquilo que lhe era familiar. Entretanto, ao obter mais contato com o contexto cultural iraniano, ao conhecer a situação de mulheres de regiões afastadas, ela pode reconhecer que as necessidades básicas ali eram outras e que apenas discussões teóricas não seriam suficientes para conscientizar a todas as mulheres.

Como suas ações estavam relacionadas ao plano de governo do xá, retomaremos alguns fatos históricos iranianos. Em 1961, a fim de aprovar suas reformas, o xá Mohammad Reza Pahlavi dissolveu o parlamento por tempo indeterminado, além de aprovar medidas por conta própria. Protestos em Teerã denunciavam as ações do xá como inconstitucionais. As autoridades do governo prenderam alguns líderes religiosos, alguns que até haviam sido pró-regime, e a polícia reprimiu e prendeu seus seguidores. Em 1963, a Revolução Branca foi anunciada pelo xa Moahammad Reza Pahlavi, com propostas para reformas sociais que incluíam alfabetização, reformas de leis rurais, direitos para trabalhadores industriais e, como citado, aumento da participação das mulheres nas eleições e, por fim, o direito das mulheres ao voto se tornou oficial em março de 1963.

O impacto imediato da Revolução Branca foi o segmento de uma série de protestos contra o estado, isso porque, no caso iraniano, já havia uma insatisfação popular em relação a forma como

---

o Xá Mohammad Reza Pahlavi conduzia de forma autoritária seu programa de modernização do Estado. Segundo Karen Armstrong, a Revolução Branca beneficiou mulheres de classes mais altas, pois as reformas proporcionaram melhoria de status e instrução. Porém, o programa de reformas também demonstrou que tal programa era insuficiente, beneficiou principalmente os ricos, concentrou-se nas cidades e dedicou-se menos às áreas rurais.<sup>120</sup>

Tanto Sedghi quanto Armstrong interpretam tais mudanças como uma maneira de se aproximar do Ocidente, de um modelo de desenvolvimento, do que propor mudanças mais profundas na estrutura social. Enquanto produtor de petróleo, gás natural, entre outras matérias primas, o Xá Mohammad Reza Pahlavi focou em aplicar os lucros em projetos militares.<sup>121</sup> Sendo assim, Armstrong aponta que “as estruturas básicas da sociedade permaneciam intactas e um abismo ainda maior separava os ricos ocidentalizados e os pobres tradicionais, abandonados ao etos agrário.”<sup>122</sup>

Compreender esse momento de transformações sociais é essencial para a análise dos discursos de Afkhami, pois é nesse contexto em que ela viveu e trabalhou em uma instituição do regime Pahlavi. Ao citar o abismo existe entre ricos e pobres nessa sociedade, também se fala do trabalho que foi realizado por ela, que quando secretária geral da WOI, viajou por áreas mais afastadas do Irã para conhecer a realidade das mulheres que ali viviam. Karen Armstrong relata um êxodo rural entre os anos de 1968 e 1978, o qual aumentou a população urbana de 38 por cento para 47 por cento.<sup>123</sup> Teerã, a capital do país, teve sua população quase duplicada e não pôde acomodar a todos nos centros urbanos, condicionando aos recém-chegados das zonas rurais às periferias.

Teerã se viu dividido em dois setores: modernizado e tradicional. As classes altas e médias, ocidentalizadas, deixaram a parte velha para instalar-se nos novos bairros residenciais e empresarias do norte, onde havia bares e cassinos, onde as mulheres se vestiam a moda europeia e se misturavam livremente com os homens

<sup>120</sup> ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 258.

<sup>121</sup> Durante o regime Pahlavi, (1941-1978), o Irã se tornou o quarto maior produtor de petróleo e o segundo maior exportador do mundo. Em parte, devido ao consórcio em 1954 que concedeu ao país 50% dos lucros, e por outro lado, de forma mais expressiva, devido a *Organization of Petroleum Exporting Countries* (OPEC). Um dos pilares do regime Pahlavi incluía o tratamento preferencial concedido aos militares. O Xá Mohammad Reza Pahlavi iniciou um novo momento no país depois dos anos de 1954: mudou o nome de ministro da defesa para ministro de guerra, para deixar claro que os civis não tinham participação nas questões militares. O Irã se tornou um dos poucos países no mundo com um ministro de guerra a invés de ministro da defesa. No período entre 1954 e 1977, o orçamento militar cresceu 12% e seu orçamento anual saltou de 24 para 35%. ABRAHAMIAN, Ervand. *A history of modern Iran*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 123-124.

<sup>122</sup> Armstrong, 2009, p. 277.

<sup>123</sup> Armstrong, 2009, p. 278.

em público. Parecia um país estrangeiro para os *baazaris* e os pobres, que permaneceram na parte velha e nas áreas adjacentes ao sul.<sup>124</sup>

Essas mudanças na sociedade iraniana estavam se desenvolvendo desde o início do século XX, mas foi com o xá Mohammad Reza Pahlavi que elas se colocaram de maneira mais incisiva, até mesmo pela maneira autoritária como conduziu a Revolução Branca. Neste momento de divisão entre o moderno e o tradicional, as manifestações que se seguiram após a instituição das novas leis, são interpretadas de duas maneiras distintas. No começo da década de 1960, o Aiatolá Khomeini passou a obter visibilidade por realizar críticas ao governo entre seus alunos, em um momento em que poucos se colocavam contra o regime. Segundo Karen Armstrong, “Khomeini protestava contra a crueldade e injustiça do governo, a dissolução inconstitucional do *Majlis*, a tortura, a supressão de toda oposição”<sup>125</sup> além de criticar a subserviência aos Estados Unidos.

Autores como Hamideh Sedghi e Ali Akbar Mahdi, assim como Karen Armstrong, interpretam a posição crítica de Khomeini direcionada ao regime do xá Mohammad Reza Pahlavi como um todo. Já na perspectiva de Mahnaz Afkhami, os protestos que se seguiram aos pontos aprovados pela Revolução Branca em 1963 eram direcionados ao processo de emancipação feminina no Irã. Segundo Afkhami, a vitória das mulheres pelo direito ao voto neste período, levou manifestações da oposição religiosa sob a liderança do Aiatolá Khomeini. De acordo com a autora, Khomeini havia feito pedidos ao xá Mohammad Reza Pahlavi contra a reforma agrária e ao voto feminino, que foram ignorados pelo monarca. No mesmo ano, devido a movimentação crítica ao estado realizada pelo Aiatolá Khomeini, ele foi exilado pelo xá na Turquia.

Para Afkhami, o sufrágio feminino a partir de 1963 foi essencial para estimular a participação de mulheres na política. Rapidamente organizações de mulheres se expandiram, comunicando suas necessidades e demandas. Esse momento impulsionou mulheres de diversos grupos a se reunirem para estudarem maneiras de melhorar a estrutura das atividades direcionadas as mulheres no país, havia a necessidade de unificação das forças.<sup>126</sup> Em *The Women's Organization of Iran: Evolutionary Politics and Revolutionary Change* (2002), a autora descreve a reunião da organizada pela *High Council of Women* em 1966, na qual cinquenta e cinco associações de mulheres, de diferentes regiões do país, se filiaram à nova organização, a *Women's Organization of Iran*. Segundo Afkhami, alguns grupos de mulheres como advogadas e

---

<sup>124</sup> Ibid.

<sup>125</sup> Ibid, p. 281.

<sup>126</sup> Afkhami, 1996, p. 331.

universitárias, apesar de envolvidas nos projetos da organização, preferiram se manter autônomas.<sup>127</sup>

Mahnaz Afkhami descreve a *Women's Organization of Iran* como uma instituição não-lucrativa, trabalhando na maior parte do tempo com voluntários. As filiais eram implantadas em qualquer localidade onde houvesse capacidade para trinta mulheres se reunirem em assembleia geral. Nessas reuniões eram escolhidas diretoras e a secretária da filial. É interessante notar que a média de membras da filial era de mulheres no final dos vinte e início dos trinta anos, geralmente professoras ou funcionárias do governo em cargos não tão elevados, e algumas donas de casa.<sup>128</sup>

A respeito da necessidade de uma unificação de forças, o que Mahnaz Afkhami observou como a junção de catorze organizações em 1964 para a criação de um espaço de debate sobre maneiras de viabilizar uma estrutura organizacional na qual as mulheres pudessem atuar. Já na perspectiva de Ali Akbar Mahdi, foi apontado como organização centralizada pelo regime do xá Mohammad Reza Pahlavi para que o estado pudesse controlar e despolitizar suas demandas.<sup>129</sup> Ainda que os direitos das mulheres fossem institucionalizados e legitimados, eles estavam sob o controle do governo, como exemplo o autor cita o fato de que, mesmo antes da Revolução Branca, já haviam escolas para meninas que surgiram ao longo do século XX, movimento de mulheres independentes que se colocavam contra o xá Reza Khan devido as concessões realizadas a Grã-Bretanha e Rússia.

É possível notar com base na divergência de opiniões sobre o espaço de debate e as conquistas das mulheres iranianas, que já do século XX havia uma mobilização feminina por seus direitos civis. Essa afirmação só é possível porque Ali Akbar Mahdi, ao descrever o período da Revolução Constitucional, elucidou que durante esse momento, mulheres se mobilizaram em protestos nas ruas, participaram de algumas lutas, se juntaram a atividades contra as forças estrangeiras, e, nesse percurso, as mulheres reconheceram seu potencial para se organizarem politicamente.<sup>130</sup> A constituição de 1906 não concedeu as mulheres o *status* de cidadãs na sociedade iraniana, mas o período constitucional abriu espaço para organizações secretas de mulheres como a *Women's Freedom Society* e a *Society of Masked Women*.<sup>131</sup> Sendo assim, quando

---

<sup>127</sup> Afkhami, 2002, p. 8.

<sup>128</sup> Ibid, 2008, p. 8.

<sup>129</sup> Mahdi, 2004, p. 432.

<sup>130</sup> Mahdi, 2004, p. 428.

<sup>131</sup> *Anjoman-e Azaadi-ye Zanaan* e *Anjoman-e Zannan-e Neqaabpush*, respectivamente em farsi. Mahdhi, 2004, p. 428.

se fala da conquista do espaço social pelas mulheres, se deve considerar as organizações independentes do início do século XX, mas com a ressalva de que suas demandas foram aprovadas à medida em que eram compatíveis com as políticas de Estado durante o século XX.

Retomando a perspectiva de Afkhami, a questão que se coloca é se após a Revolução Branca, as discussões entre diferentes grupos de mulheres sobre maneiras de atuarem na sociedade também não era uma maneira de vincular suas pautas às pautas do estado, a fim de conquistarem sua aprovação pelo Xá? Para responder a essa problemática, é necessário retomar o fato de que a composição da *Majlis* contava com grupos seculares e com grupos religiosos, assim como a tradição cultural e religiosa se faziam presentes no discurso do Xá Mohammad Reza Pahlavi para obter aprovação popular, por mais modernizantes que suas medidas fossem.

A cientista política iraniana, Hamideh Sedghi, apresenta esse momento de embate entre o projeto de modernização do Xá e a estrutura religiosa da sociedade. A autora afirma que sua análise sobre os eventos que antecederam a Revolução de 1979 acontece a partir da visualização do Estado por suas políticas de gênero, e controversamente, a autora analisa gênero pelas lentes do Estado. O Estado Iraniano é uma organização que envolve o exercício de políticas de dominação e hegemonia, incluindo seu monopólio por maneiras coercivas pelo aparato do sistema político e social. O argumento de Sedghi é que, de tempos em tempos, o Estado elenca seus interesses, ideologias e estruturas; esses aspectos passam por mudanças, pois o governo responde de diferentes maneiras às mudanças. Sendo assim, a autora assume que o Estado não tem um gênero neutro, mas sim que é centrado nessa perspectiva, nos parâmetros que estabelece para as mudanças.

Neste aspecto, a análise de Hamideh Sedghi se aproxima das perspectivas de Afkhami sobre o período, apesar de Sedghi apresentar muitas críticas à ex-ministra. O argumento que se repete é do que o Xá se utilizou das políticas femininas para validar o Estado iraniano enquanto modernizado e livre. Através da associação de políticas de gênero às suas reformas políticas, o Xá Mohammad Reza Pahlavi proporcionou um espaço mais amplo de diálogo para as mulheres em vários setores da sociedade (político, econômico, educacional). Todavia, ao mesmo tempo em que o Xá se preocupava em adotar políticas de gênero, em outros aspectos ele era autoritário, além de acusado de corrupção devido as concessões feitas a Grã-Bretanha e aos Estados Unidos, enquanto grande parte do país permanecia agrário. Nas palavras de Mahnaz Afkhami, isso pode ser

observado a partir dos princípios nos quais a WOI foi fundada em 1966: aprendizagem, trabalho, crescimento e contribuição com o modelo de nação moderna da dinastia Pahlavi.<sup>132</sup>

A aproximação de diferentes grupos de mulheres para discutirem a estrutura feminina na sociedade iraniana, levou em consideração uma das principais problemáticas apontadas por Afkhami: como conciliar a modernização do *status* feminino e ao mesmo tempo negociar com os aspectos culturais e religiosos da sociedade? Esse questionamento aparece nos textos da autora, e a solução apontada pela WOI foi a de que os objetivos deveriam ser atingidos de acordo com o espírito do Islã e da cultura tradicional do país, de forma que a “participação completa das mulheres fosse atingida a partir dos métodos que elas mesmas escolhessem.”<sup>133</sup>

Mahnaz Afkhami reforça que o feminismo era visto como um fenômeno do ocidente, mas compreendia que as ideias que deram origem ao movimento não deveriam ser julgadas a partir da sua validade apenas em um espaço. Ela afirma que, durante a história, ocidente e oriente dispuseram de mútuas relações de troca, mas apesar disso, a WOI reforçava a importância de se reinterpretar conceitos de acordo com as origens culturais do povo iraniano. Consciente de que a audiência imediata da WOI eram mulheres das crescentes áreas urbanas, alfabetizadas, de classe média, Afkhami reforça a necessidade de se encontrar meios de atingir uma comunicação efetiva com as áreas rurais e as massas urbanas, a partir de temas relevantes para as mulheres desses locais.

Afkhami é precisa ao dizer que as atividades dos centros incluíam educação, treinamento profissional, aconselhamento familiar, creches, assistência jurídica, entre outros. Para que a comunicação fosse efetiva, dependendo da preferência, talento e habilidade de cada grupo de mulheres em diferentes áreas, alguns locais possuíam recitação do Corão, enquanto em outros centros, havia times de futebol ou aulas de defesa pessoal.<sup>134</sup> Sobre a necessidade de atingir outros públicos a partir de temas relevantes a cada área, é interessante retornar a perspectiva de Hamideh Sedghi a respeito disso.

Para Sedghi, o Estado incorpora políticas de gênero com objetivo de reestruturar relações familiares patriarcais, relações no mercado de trabalho e instituições educacionais. Além disso, a autora salienta que a posição das mulheres depende do relacionamento com o Estado, de forma que ele promove agenda para controlar uma classe particular de mulheres e/ou suas atividades. E, não menos importante, a autora compreendeu que houve por parte do Estado a manipulação do tema

---

<sup>132</sup> Afkhami, 1996, p. 331.

<sup>133</sup> Ibid.

<sup>134</sup> Afkhami, 1996, p. 332.

gênero como fonte de legitimação, “o estado desenha em algumas mulheres o suporte com o intuito de firmar e consolidar seu poder, e construir uma imagem particular para o mundo de fora.”<sup>135</sup>

Os pontos levantados por Sedghi para demonstrar como o Estado se apropria de pautas femininas com o propósito de buscar afirmação junto ao Ocidente é importante para pensar a problemática colocada no início, por que as mulheres apoiaram a revolução e como as concepções de identidade podem divergir de uma região para outra.

Para reforçar tal afirmação, usemos como exemplo a entrevista concedida pelo xá Mohammad Reza Pahlavi à jornalista italiana Oriana Fallaci em 1973<sup>136</sup>. Além de perguntas direcionadas a forma como conduzia seu regime, a jornalista também o questionou sobre sua opinião a respeito da poligamia no país e sobre sua monarquia estar associada às mulheres.

A jornalista, por ser crítica ao islã, fez diversas perguntas com o objetivo de tocar nos pontos sensíveis do regime do Xá, tal qual perguntar ao Xá se ele possuía outro casamento, uma vez que era permitido em sua religião, ele respondeu a ela:

Sim, certamente. De acordo com a minha religião, eu poderia, desde que minha esposa consentisse. E, para ser honesto, deve-se admitir que há casos em que... quando a esposa está doente, por exemplo, ou quando ela se recusa a agir de acordo com suas obrigações de esposa, deste modo causando a infelicidade de seu esposo... [...] Alguém tem que ser um hipócrita ou um inocente para acreditar que o marido vai tolerar esse tipo de coisa. Na sua sociedade, quando alguma coisa desse tipo acontece, o homem não procura uma amante, ou até mesmo mais de uma? Bem, na nossa sociedade, ao invés disso, um homem pode ter outra esposa. Desde que sua esposa concorde e a corte aprove. Entretanto, sem essas duas condições nas quais eu baseei minha lei, um novo casamento não pode acontecer.<sup>137</sup>

A questão que se coloca a partir desta declaração do Xá é: como um líder de governo, que proclama a importância da modernização de sua sociedade e na qual as mulheres adquiriam cada vez mais direitos, ainda aponta que as mulheres, quando não cumprindo seus deveres de esposas, abriam espaço para que marido pudesse ter outra esposa? Isso evidencia que não necessariamente

---

<sup>135</sup> Sedghi, 2007, p. 130.

<sup>136</sup> FALLACI, Oriana. The Shah of Iran: An Interview with Mohammad Reza Pahlevi. *New Republic*, Washington, p. s/n, 1973. Disponível em: <<https://newrepublic.com/article/92745/shah-iran-mohammad-reza-pahlevi-oriana-fallaci>>. Acesso em: 21 abr 2020.

<sup>137</sup> “Yes, certainly. According to my religion, I could, so long as my wife grants her consent. And, to be honest, one must admit there are cases where... When a wife is ill, for instance, or when she refuses to perform her wifely duties, thereby causing her husband unhappiness... Let’s face it! One has to be a hypocrite or an innocent to believe a husband will tolerate that kind of thing. In your society, when something like that occurs, doesn’t a man take a mistress, or even more than one? Well, in our society, instead, a man can take another wife. So long as his first wife agrees and the court approves. Without those two conditions on which I have based my law, however, the new marriage cannot take place. So can you believe that I, my very self, would break the law by marrying in secret?” Ibid. Tradução nossa.

porque havia políticas direcionadas as mulheres também o Estado era feminista ou sequer compartilhava das concepções de tal teoria. Esse questionamento foi colocado ao Xá pela jornalista, pois ela o interroga sobre a questão das mulheres em seu regime, uma vez que seu nome está associado a essa discussão. Na perspectiva da jornalista, o Xá Mohammad Reza Pahlavi não dava tanta importância quanto parecia ao fato das mulheres terem ou não uma atuação social. Para o Xá, as coisas se colocavam nos seguintes termos:

Eu acredito que sua suspeita se justifica. [...] Vamos colocar desta forma. Eu não subestimo [as mulheres], como se pode observar pelo fato que elas obtiveram mais vantagens da Revolução Branca do que qualquer outro. Eu tenho lutado arduamente para obter direitos e responsabilidades iguais para elas. Eu as tenho incorporado no exército, onde elas têm seis meses de treinamento militar antes de serem mandadas para filas para lutar contra o analfabetismo. Não se deve esquecer que eu sou filho do homem que removeu o véu das mulheres no Irã. Mas eu não seria sincero se declarasse que eu tenho sido influenciado por qualquer uma delas. Ninguém pode me influenciar, ninguém mesmo. E uma mulher menos ainda. Na vida de um homem, a mulher conta somente se permanecer bonita e graciosa, e se souber como se manter feminina e... Esse trabalho de Mulheres Liberais, por exemplo. O que essas feministas querem? O que elas querem? Igualdade, você diz? Realmente. Eu não quero parecer rude, mas... você pode ser igual aos olhos da lei, mas não, eu peço desculpas ao dizer isso, não em habilidade.”<sup>138</sup>

As declarações do Xá, em primeira instância, não parecem condizer com o programa que está proposto. Como um regime que propõe avanços nas demandas feministas, possui um líder que, de certa forma, não as vê como iguais em todos os termos? Essa é uma questão que se coloca em diversos trabalhos de mulheres iranianas que analisam a sociedade pré-revolucionária, justamente argumentando que o Xá e o Estado iraniano nunca foram feministas, mas utilizavam dessa pauta para proferir discurso de modernização.

Sendo assim, o argumento de Hamideh Sedghi se confirma, ao dizer que o Estado usava das políticas de gênero para consolidar seu poder. E, no que concerne a problemática levantada, deve-se considerar que as mulheres iranianas enxergassem esse projeto modernizador de outra forma. Retomemos Afkhami a fim de elucidar como as mulheres iranianas se colocavam a respeito

---

<sup>138</sup> “I fear your suspicion is justified. Women, you know... Look, let’s put it this way. I don’t underestimate them, as shown by the fact that they have derived more advantages than anyone else from my White Revolution. I have fought strenuously to obtain equal rights and responsibilities for them. I have even incorporated them in the Army, where they get six months’ military training before being sent to the villages to fight the battle against illiteracy. Nor should one forget that I’m the son of the man who removed women’s veils in Iran. But I wouldn’t be sincere if I asserted I’d been influenced by a single one of them. Nobody can influence me, nobody at all. And a woman still less. In a man’s life, women count only if they’re beautiful and graceful and know how to stay feminine and... This Women’s Lib business, for instance. What do these feminists want? What do you want? Equality, you say? Indeed! I don’t want to seem rude, but... You may be equal in the eyes of the law, but not, I beg your pardon for saying so, in ability.” Ibid. Tradução nossa.

dos moldes nos quais a modernização estava sendo feita. A autora relata um evento em que escritoras americanas foram ao Irã e não compreenderam porque as mulheres estavam aprendendo ofícios de cabeleireiras ao invés de estarem engajadas em aspectos mais políticos/teóricos.

## **2.5 – Mulheres iranianas e as diferentes concepções de identidade**

A ascensão de mulheres a instâncias de destaque político, como é o caso de Mahnaz Afkhami, demonstra como a luta pelos direitos no Irã referente a elas apresentou resultados pragmáticos. Ainda que essa ascensão tenha dependido de fatores econômicos e políticos internos e externos, o fato de os movimentos focarem nas necessidades básicas, como saúde e educação, abriu precedentes para que as mulheres pudessem alcançar cargos de destaque.

No início dos anos de 1970, Afkhami relatou que seu trabalho na WOI a convenceu que se familiarizar com outras formas de ver o mundo e o lugar da mulher nele, viagens e diálogos com outras localidades serviriam como elementos para o estabelecimento de estratégias do que poderia contribuir ou não para elas mesmas. Segundo a autora, esse processo demonstrou que linguagens e conceitos utilizados por feministas ocidentais eram menos atraentes para as mulheres iranianas. Havia, por parte de Afkhami, a ideia de que seria bom que as experiências e as opiniões das feministas ocidentais pudessem ser compartilhadas com as iranianas, de forma construtiva, as incentivando a pensar sobre o que achavam relevante para sua realidade.

Entretanto, segundo Afkhami, nenhum dos modelos parecia funcionar para elas, o que a levou a perceber que os problemas estruturais que afetavam as mulheres pelo mundo eram basicamente os mesmos e, sendo assim, a universalidade dessa condição das mulheres deveria ser abordada por diversas rotas e circunstâncias, através da solidariedade e a troca de experiência entre essas perspectivas que eram diferentes e ao mesmo tempo parecidas na base de suas estruturas.

Apesar das aspirações similares, as prioridades e estratégias deveriam caber em circunstâncias específicas, o que também as levaria a escolher rotas heterogêneas de acordo com sua própria cultura, a fim de estabelecer mudanças. Uma das alternativas encontradas em 1973 entre Mahnaz Afkhami e suas colegas, foi o convite para que feministas ocidentais fossem até o Irã para que pudessem conhecer os projetos desenvolvidos e assim, quem sabe, realmente ampliar esses diálogos. Entre as convidadas a comparecerem ao Irã estavam Betty Friedan, Germaine Greer e Helvi Sipilä. Destes diálogos com feministas ocidentais, duas das três experiências merecem

destaque para dar continuidade ao argumento de Mahnaz Afkhami sobre a necessidade de reinterpretação das teorias feministas para outro contexto cultural.

Segundo a autora, as visitantes demonstraram diferentes níveis de compreensão das complexidades, do contexto cultural e das limitações para os trabalhos que desejam realizar. Uma das visitas a um centro da WOI localizado em uma favela na zona sul do Teerã, em que Betty Friedan perguntou a uma mulher “por que você está estudando para ser cabeleireira? Essa é uma habilidade tradicionalmente feminina.”. Nas palavras de Afkhami,

Nós não poderíamos esperar que ela compreendesse o imenso esforço feito para que uma mulher semialfabetizada, pobre e da periferia ganhasse consciência apenas para querer sair de sua casa e ir a uma aula, nem ela poderia perceber o que uma mulher deve fazer para obter o acordo dos homens em sua casa para fazê-lo.<sup>139</sup>

A afirmação de Afkhami conduz a uma percepção da autora da diferença não só teórica, como de classe, entre suas convidadas e as membras da organização. Em um segundo momento, o encontro organizado em Shiraz a pedido de Germaine Greer, juntamente com as estudantes da *Pahlavi University* também demonstrou a distância de perspectiva entre as convidadas e as iranianas. Seu discurso começou em um tom calmo, falando sobre os problemas das mulheres e suas necessidades, como se aquelas mulheres fossem muito parecidas com as que participavam de suas aulas. Porém, segundo Afkhami, seu discurso não funcionou com as iranianas. Era incomum que as estudantes desafiassem um palestrante, especialmente uma visitante de fora, mas uma delas se levantou e disse “Como você pode pressupor o que nós precisamos? Por que você está pregando para nós sobre as nossas escolhas de vida?”

Germaine ficou surpresa. Não era como se ela estivesse dizendo algo terrivelmente radical. Foi a impressão que ela deu de que, de alguma forma, elas precisassem de alguma direção ou orientação do Ocidente. Em sua defesa, ela explicou que não havia tal intenção, então a moça se acalmou e a conversa foi retomada.<sup>140</sup>

Os dois exemplos citados tratam de mulheres influentes no que concerne a teorias feministas ocidentais, mas a forma como se portaram frente a um movimento de mulheres que se encontrava no começo reflete a inexperiência com o *outro* que difere de uma experiência préveia.

<sup>139</sup> “We couldn’t expect her to understand the immense effort it took for a semi-literate, poor woman from the slums to gain the self-awareness just to want to leave her house and come to a class, nor could she realize what such a woman must do to gain agreement from the menfolk in her household to do so.” Afkhami, 2016, p. 08. Tradução nossa.

<sup>140</sup> “Germaine was taken aback. It wasn’t that she was saying something terribly radical. It was the impression she gave that they were somehow in need of Western direction and guidance. To her credit, Germaine explained that she had no such intention, and the young women relaxed and the conversation resumed.” Ibid. p. 131. Tradução nossa.

Estes fragmentos demonstram que o empenho para a autossuficiência das mulheres se tratava efetivamente de ações pragmáticas e a abertura de um diálogo com feministas ocidentais confirma a ideia de que existe um estereótipo colocado sobre outra cultura e que, determinadas teorias necessitam de uma reinterpretação para se tornarem aplicáveis em outras perspectivas espaço-temporais. Neste ponto a importância da WOI e as viagens realizadas por Mahnaz Afkhami ao interior do país para vivenciar a multiplicidade de situações vividas pelas mulheres iranianas colaborou para uma reinterpretação das ideias feministas, como a própria autora propõe e, conseqüentemente, os centros estabelecidos geraram efetiva participação social das mulheres no Irã.

Os fatores que podem ser compreendidos a partir disso são, em primeiro lugar: a necessidade de se abandonar o paradigma de submissão existente substituindo-o por uma análise profunda da sociedade iraniana. Compreendendo que as multiplicidades culturais não podem ser assimiladas apenas por estereótipos, mas sim por aprofundamento em suas particularidades. Em segundo lugar, considerando a longa duração pelas quais as mudanças culturais passam, e por todos os processos de emancipação que as mulheres passam dentro de uma sociedade patriarcal, é compreensível que em determinados momentos a participação das mulheres seja através do que lhes é mais acessível. Ainda que as mulheres de regiões mais pobres não compartilhassem das mesmas experiências e expectativas em relação a sua liberdade, é possível reconhecer uma série de transformações a partir da influência da *Women's Organization of Iran*.

Existiam 12.403 mulheres que faziam parte do Literacy Corps, ensinando nas aldeias. Em 1978, 39% das meninas de até seis anos e acima eram alfabetizadas. A porcentagem de meninas nas escolas primárias aumentou 34% de 1966 para 45,55% em 1977. No nível universitário, as mulheres representavam 30% dos estudantes. Elas foram encorajadas a participar de cursos técnicos e científicos com o incentivo de bolsas de estudos. Um sistema de quotas foi implantado para oferecer um tratamento preferencial na eleição de mulheres que se voluntariassem a entrar em campos técnicos ou tradicionalmente mais próximos das mulheres.<sup>141</sup>

Mesmo que o Xá não fosse exatamente um apoiador das causas feministas, o fato é que as medidas da WOI obtiveram resultados, além de visibilidade internacional, o que era a real intenção

---

<sup>141</sup> “There were 12,403 Literacy Corps women teaching in villages. By 1978, 39% of all females aged six and above were literate. The percentage of girls in primary schools had increased from 34% in 1966 to 42.55% in 1977. At the university level, women comprised 30% of the student population. They were encouraged to take part in technical and scientific fields through the provision of special scholarships. A quota system was established to give preferential treatment to eligible girls who volunteered to enter technical fields or fields traditionally closed to women.” Afkhami, 2002, n.p. Tradução nossa.

do monarca. A maior participação feminina trouxe a demanda para que o próprio Estado abrisse espaço para que as mulheres discursassem sobre seus direitos. Essa visibilidade não adquiriu só aspectos positivos. As atividades da WOI entraram em conflito com a versão do islã aclamada por alguns fundamentalistas religiosos e, talvez mais importante, devido aos esforços da organização, muito do poder e da autoridade dessa ala religiosa foi sendo perdida judicialmente na medida em que as interações familiares foram removidas da jurisdição clerical e se tornaram de importância e decisão da corte da família.<sup>142</sup>

Afkhami afirma que durante a década de 1970 a WOI fez o melhor que podia para evitar confrontos com as autoridades religiosas. Segundo Ali Akbar Mahdi, o período correspondente aos anos de 1977 e 1978 referem-se ao momento em que a oposição ao xá Mohammad Reza Pahlavi foi intensificada e, para mobilizar uma força contra ele, ativistas religiosos se juntaram ao Aiatolá Khomeini, inclusive apoiando-se na participação de mulheres muçulmanas.<sup>143</sup> Em alguns casos, durante o período de ação da WOI, algumas questões que se referiam a aspectos específicos Corão foram deixados como parte de planos secundários. A prioridade era assegurar objetivos imediatos e possíveis de serem alcançados.

A relação entre a organização e a aproximação com questões islâmicas era baseada no respeito pela maioria das mulheres iranianas, incluindo líderes do movimento, que desejavam continuar seguindo sua fé, mas ao mesmo tempo acreditavam nas possibilidades de crescimento, mudança e progresso. No processo de desenvolvimento e construção da jurisprudência Islâmica, as interpretações do Corão e depois da *fiqh* – jurisprudência islâmica decidida pelos acadêmicos – foram a essenciais.

Os ajustamentos e interpretações ao longo do tempo deram às leis islâmicas uma flexibilidade que permitiu sua integração em diversas culturas,<sup>144</sup> o que demonstra flexibilidade de adaptação. Durante o século XIX e XX existiram diversos tipos de feministas, então também é possível abrir uma análise para os diversos tipos de islã. A flexibilidade das leis islâmicas abriu espaço para que mulheres muçulmanas pudessem interpretar e analisar os textos e contextos do Corão para criar novas e permissivas formas das leis islâmicas.

Como proposto anteriormente, Haleh Afshar argumenta que existem diversas escolas de pensamento a respeito da participação de mulheres muçulmanas nos espaços públicos,

---

<sup>142</sup> Afkhami, 2002, n.p.

<sup>143</sup> Mahdi, 2004, p. 7.

<sup>144</sup> Afshar, 1998, p. 1.

principalmente devido ao pouco apoio recebido por parte dos acadêmicos muçulmanos. Entretanto, existe um debate com outra vertente que pauta a participação das mulheres desde a época do Profeta<sup>145</sup>, afirmando a influência e participação das mulheres na difusão da religião, da política e da cultura.

Um dos exemplos citados que merece destaque é a utilização do *chador*, durante muito tempo visto como elemento de exclusão das mulheres da esfera pública. De um lado, se coloca um discurso do ocidente que descarta o uso do véu por vê-lo como antagônico a civilização e ao progresso e, por outro lado, interpretações que advém dos textos do Corão. Dentre essas escolas de pensamento, a que merece destaque trata de uma refutação à ideia Ocidental de submissão das mulheres, utilizando-se do próprio véu como forma de fuga das pressões estéticas e de serem vistas apenas como objetos sexuais, o que viabiliza a participação de mulheres muçulmanas em papéis políticos pois ao utilizarem o véu, encontram-se livres de sofrer qualquer tipo de assédio ou até mesmo objetificação.

Uma vez que as mulheres se libertam das algemas da feminilidade e demandas pela sexualidade, elas se tornam seres humanos; elas podem ganhar o olhar e deixar de ser objeto de atenção. Ao tornar as mulheres fisicamente invisíveis, o véu permite as mulheres ser tornarem intelectualmente e politicamente ativas, livre do assédio e da objetificação.<sup>146</sup>

O intuito de discutir tal argumento é demonstrar que, dentro de uma perspectiva não Ocidental, existem mulheres que reconhecem sua participação na sociedade através dos elementos que possuem, como por exemplo o véu. Percebemos que estigmas estabelecidos sobre elementos simbólicos de outra comunidade, são utilizados para refutar uma imagem de subserviência.

Mesmo que a narrativa desta mulher religiosa seja considerada, ela deve ser analisada dentro de aspectos tão específicos quanto os que são usados para a desmistificação desta imagem. A abordagem de Afkhami não deve ser a única considerada, uma vez que, dentro do próprio islã existem mulheres que se posicionam a respeito da história da própria religião, assim como elas se posicionam de maneira sócio-política a respeito disso. A partir do levantamento bibliográfico realizado principalmente por Haleh Afshar, aparecem mulheres acadêmicas que reconhecem sua

---

<sup>145</sup> Ibid. p. 11.

<sup>146</sup> “Once women have freed themselves from the shackles of femininity and its demands for sexuality, they become human beings; they can gain the gaze and cease to be the object of attention. By making them physically invisible, the veil allows women to be intellectually and politically active, unimpeded by harassment and objectification.” Ibid. p. 15.

religião como uma forma de resistência e utilizam-se dos versos do Profeta contidos no Corão para legitimar a participação feminina em diversos âmbitos.<sup>147</sup>

Ainda que houvesse a intenção de realizar mudanças e modernizações dentro da sociedade iraniana, as implicações de uma alteração tão profunda na base religiosa, principalmente quando ela está localizada dentro do próprio *Majlis*, podem resultar em múltiplas ações tanto contra como a favor, exemplo disso foi a forma como houve aproximação cada vez maior do programa de modernização. Vale ressaltar que as conquistas das mulheres e sua emancipação não foram diminuídas apenas pela retirada da restrição de uso do véu, existia um programa de governo político que tinha implicações muito maiores, sendo esta ação apenas um reflexo disso.

Partindo de uma perspectiva de gênero proposta por Joan Scott, o debate acerca da Revolução Iraniana não se insere somente na questão religiosa e nos impactos que tiveram na vida das mulheres. Antes disso, é preciso analisar quais eram as relações diretas nessa sociedade entre o setor religioso presente na política. Afkhami ressalta que por mais que desejassem mudanças, ela tinha a percepção de que lidavam com uma tradição muito mais antiga no país, que existiam os momentos certos para se posicionarem e exigirem os direitos.

[...] na política, como em outros empreendimentos, é preciso julgar se é útil tentar reformas que tenham boas chances de sucesso e, assim, melhorar a vida das mulheres tanto quanto conforme possível ou é preferível esperar até que o ideal se torne realizável.<sup>148</sup>

Isso também pode ser percebido pela forma como gradativamente as ações da WOI conquistaram espaço para as mulheres e, na medida em que elas passavam a participar ativamente da política dentro do próprio parlamento, isso levou resultados efetivos para as iranianas. Portanto reforçamos a importância da contextualização de um determinado grupo social antes da aplicabilidade de ações teóricas pragmáticas.

## 2.6 – O legado histórico das influências ocidentais no Irã

---

<sup>147</sup> Afshar, 1998, p. 15.

<sup>148</sup> “[...]in politics, as in other endeavors, one must judge whether it is useful to attempt reforms that have a good chance to succeed and thus to improve women’s lives as much as possible or is it preferable to wait until the ideal becomes realizable.” AFKHAMI, Mahnaz. *The Fate of the Family Protection Law. The Feminist School*. Interview granted to Noushin Ahmadi Khorasani. 2008. Disponível em: <<http://fis-iran.org/en/women/articles/reform-and-regression>>. Acesso em: 21 abr 2020.

O *chador* foi escolhido como um elemento a se destacar devido ao fato de, assim como o termo feminismo, em alguns momentos causar uma discussão ambígua quanto a sua representação social. Como assinalado, dependendo do ponto de vista, um mesmo elemento pode aparecer como sinônimo de opressão ou de liberdade para participar politicamente da sociedade. Acreditar na retirada do véu da maneira como foi feita em 1936 como forma de emancipação, não reflete na participação das mulheres na sociedade. Em locais em que a religiosidade e as tradições possuíam maior aderência, esta ação tomou caráter de desrespeito e a posicionamentos contrários. Retirar símbolos que desempenham diferentes significados para um determinado grupo não foi o suficiente para uma aderência ao programa de modernização proposto.

A maneira como Mahnaz Afkhami abordou as singularidades das iranianas de regiões afastadas, e sua preocupação em manter as tradições locais, foi o que tornou as ações da *Women's Organization of Iran* importantes para as mulheres iranianas. A análise dos artigos demonstra que uma 'história das mulheres' não é suficiente para tratar os termos em que elas conquistaram direitos dentro da sociedade. A partir da abordagem de Joan Scott, no que se refere à categoria de gênero, não é possível isolar a participação masculina da sociedade para apenas falar das conquistas que as mulheres tiveram ao longo do século. Por essa razão, logo de início apontamos a influência das relações do Estado com a experiência de Afkhami, foram acontecimentos concomitantes que não podem ser considerados separadamente.

A narrativa a respeito das funções das mulheres na sociedade se modificaram, tanto de maneira global, como de maneira local. À medida que se conscientizavam sobre seus direitos, lutaram por pautas que proporcionassem relações mais igualitárias. O problema nesse primeiro ponto foi que esse diálogo entre mulher e sociedade, mulher e economia surgiu, em grande parte, entre mulheres de classe média alta, pautando-se em suas experiências para descrever o que consideravam como liberdade e emancipação.

Verificamos que em países como o Irã essa demanda por direitos tem suas singularidades. A influência do feminismo ocidental existe, mas muitas vezes é colocado a partir de uma relação de poder, que compreende as mulheres muçulmanas em uma posição de subalternidade por não compreenderem seu papel social e sua identidade nos exatos termos da teoria feminista.

Nesse aspecto, a teoria pós-colonial propõe que uma análise que correlacione a influência de uma sociedade sobre a outra, deve comprometer-se a acompanhar as traduções culturais que foram feitas entre diferentes grupos. O *eu* e o *outro* não devem ser colocados em binarismos

limitados, se trata de relações complementares. Além disso, as categorias não são universais, e por não se aplicarem da mesma maneira em todos os contextos, quando fogem do eixo ocidental, tendem a ser compreendidas como algo incompleto, algo ainda por realizar.

Isso contribui para a análise dos artigos de Mahnaz Afkhami porque demonstram como a autora, mesmo considerando a importância da tradução cultural, ainda continua enxergando o movimento das mulheres iranianas como incompleto, como um projeto interrompido após a Revolução de 1979. Quando assume uma posição pouco crítica aos efeitos do regime Pahlavi nas desigualdades perpetuadas no país, Afkhami expõe uma narrativa que considera apenas os aspectos positivos da modernização. Por esse ponto de vista, a Revolução parece realmente um momento de retrocesso. Porém, quando se considera como outras mulheres enxergavam essas mudanças com base em suas experiências locais, percebemos que a análise da autora pode reforçar a ideia de submissão das mulheres.

Isso não desqualifica o importante trabalho da *Women's Organization of Iran* enquanto organização empenhada na ampliação da participação das mulheres, pois demonstrou resultados significativos. No capítulo seguinte, abordaremos mais sobre a participação das iranianas nos protestos pela revolução.

### CAPÍTULO III – REPRESENTAÇÃO POLÍTICA FEMININA NO IRÃ

No prólogo de *Women in Exile*, Mahnaz Afkhami declara:

Por uma década eu definia a mim mesma de acordo com meu lugar no movimento das mulheres iranianas. A questão “Quem sou eu?” era respondida não indicando gênero, religião, nacionalidade, ou vínculos familiares, mas pela minha posição como secretária geral da *Women’s Organization of Iran*, um título que descrevia minha profissão, indicava minha causa, e definia a filosofia por trás da minha existência. Naquela manhã de novembro em 1978, eu me dei conta de que uma separação formal e imediata com a WOI era necessária. Naqueles momentos de turbulência, em que a própria existência do movimento estava comprometida, a WOI não precisava de uma secretária geral que havia se tornado *persona nongrata* para o sistema e a sua oposição.<sup>149</sup>

O fragmento demonstra seu abalo em relação às manifestações do ano de 1978, diz respeito a própria identidade da autora e sua identificação com a causa pela qual trabalhava. Interessante notar que anteriormente apontamos essa mesma percepção por parte de mulheres iranianas, no debate sobre como intelectuais feministas fora do Irã enxergavam o trabalho de Afkhami em relação a projetos de autossuficiência financeira. Além disso, a autora reconhece que naquele momento sua imagem não seria benéfica para WOI. Entretanto, por que a autora aponta que a própria existência do movimento estava comprometida?

Ao problematizarmos o apoio das mulheres iranianas a Revolução de 1979, chegamos à prévia conclusão de que apenas os artigos de Mahnaz Afkhami não eram suficientes para responder à questão. Assim como, não eram capazes de responder a hipótese inicialmente apresentada: o apoio das mulheres a um governo religioso a partir da Revolução Iraniana, reflexo da reinterpretção de conceitos ocidentais que proporcionaram a elas espaço para reivindicar noções locais de política e identidade.

Conforme apresentado, é necessário conhecer as intenções do ator político na história, ou seja, os artigos de Mahnaz Afkhami. No caso iraniano, também considerar a modernização do Estado como aspecto que ampliou a participação feminina na sociedade. Apesar da formação intelectual em outro país, Afkhami, ao retornar ao Irã, verificou que apenas modernizar o país não era o suficiente, considerando que no interior as reformas não chegavam da mesma maneira, e

---

<sup>149</sup> “For a decade I had defined myself by my place within the Iranian women’s movement. The question “Who am I?” was answered not by indicating gender, religion, nationality, or family ties but my position as the secretary general of the Women’s Organization of Iran, a title that described my profession, indicated my cause, and defined the philosophic framework for my existence. On that November morning in 1978, I realized that an immediate and formal severance of my connection to WOI was absolutely necessary. In those days of turmoil, when the movement’s very existence was threatened, WOI did not need a secretary general who had become *persona nongrata* to the system and its opposition.” AFKHAMI, Mahnaz. *Women in exile*. Charlottesville: University of Virginia Press, 1994. p. 03.

algumas vezes não eram bem aceitas. Por essa razão, parte da tradição religiosa precisou ser incorporada a seu projeto, a fim de aproximar mais mulheres dos centros que forneciam alfabetização, creches, saúde e assistência jurídica.

Para entender a colocação da autora sobre enxergar as nuances de 1978 como comprometedoras para o movimento de mulheres, e para verificar a hipótese inicialmente apresentada, este capítulo tem por objetivo abordar qual foi a reivindicação das mulheres que participaram da Revolução. Mahnaz Afkhami apresenta sua perspectiva pessoal do motivo pelo qual houve a aderência, mas também é importante apresentar diferentes perspectivas não só sobre o movimento de mulheres naquele momento, assim como retomar fatores sociais que possam ter influenciado essa mobilização.

### 3.1 – A conjuntura revolucionária de 1979

Ao final da década de 1970, o Irã passou por uma série de manifestações contra o regime do xá Mohammad Reza Pahlavi, culminando em sua deposição em fevereiro de 1979 e a aclamação da Revolução. Durante esta década, os efeitos da aproximação entre ocidentais ricos e iranianos ricos ficou cada vez mais evidente, pois os centros urbanos e a elite continuaram sendo os maiores beneficiados das concessões realizadas pelo xá. Enquanto o estado se tornava próspero, investia em industrialização, construção civil e exploração do petróleo, por outro lado o contexto de 1970 é de desemprego, pequenos comerciantes que não conseguiram competir com o influxo estrangeiro e uma alta inflação que, por fim, começou a afetar os ricos. Além disso, a fim de conter os protestos dos iranianos insatisfeitos, o Estado utilizou a força militar e tornou-se cada vez mais autocrático.<sup>150</sup>

A instabilidade política do Irã aproximou a população dos ulemás, que consentiam a respeito do restabelecimento da Constituição de 1906, destituída pelo xá em 1963. Nesse processo, os *ulemás* se dividiam entre os que condenavam os confrontos com o regime, como é o caso do aiatolá Shariatmadari, e por outro lado o aiatolá Taleqani, que fora preso várias vezes por protestar contra os excessos do regime, se alinhou a reformadores laicos “que queriam uma república islâmica, mas não um governo clerical.”<sup>151</sup> No aspecto religioso, Khomeini era uma oposição forte à dinastia Pahlavi. Mesmo exilado do Irã desde 1963, os pronunciamentos dele chegavam ao país

---

<sup>150</sup> Armstrong, 2009, p. 334.

<sup>151</sup> Ibid, p. 335.

e o aiatolá aos poucos passou a representar uma alternativa ao xá. De acordo com o pesquisador Hamid Algar, o Aiatolá Khomeini era considerado importante devido aos seus estudos éticos sobre filosofia espiritual (*irfan*) e suas aulas ministradas na cidade de Qum, capital espiritual do islã no Irã.<sup>152</sup>

Com a Revolução Branca de 1963, Khomeini já havia se colocado contra as ações do xá, apontava que eram formas de impor uma dominação norte-americana no país e realizava sermões de alcance nacional. O contexto dos anos de 1970 demonstrou que a Revolução Branca proporcionou acesso a aspectos da vida moderna como eletricidade, a televisão e ao transporte moderno, mas que não era suficiente para muitos iranianos, pois “a revivescência religiosa do país revelou que muita gente não se contentava com essas conquistas exteriores (*zaheri*)”. Apesar do acesso a bens de consumo, a rápida modernização fez com que alguns iranianos percebessem as influências estrangeiras como uma forma de envenenamento da sociedade, demonstrando que a modernização foi inevitavelmente superficial.<sup>153</sup>

Com exceção de parte da elite iraniana, a modernização proposta pelo xá não direcionou os aspectos econômicos, culturais e religiosos em um mesmo patamar e muito menos em uma mesma direção. Ainda em 1978, a repressão policial por parte do regime intensificou protestos. A presença popular, secular e religiosa nas ruas, e em última instância da classe média, manifestaram-se contra a violência utilizada pelo estado, pelos mártires e pedindo o fim da monarquia. À medida que os protestos se intensificaram, o xá Mohammad Reza Pahlavi realizou concessões a população, mas já era tarde demais, pois o processo revolucionário já havia sido iniciado. E, embora nem as opiniões sobre Khomeini fossem divergentes, “os liberais da classe média percebiam que as massas o apoiavam como nunca apoiaram e decidiram unir-se a ele para derrubar o xá.”<sup>154</sup>

Em 8 de setembro de 1978, o xá decretou a lei marcial, concedendo controle militar da administração da justiça, e proibiu aglomerações. Todavia, já havia uma manifestação programada para o dia na praça de Jaleh, em Teerã. Segundo Karen Armstrong, vinte mil manifestantes se reuniram e, ao recusarem dispersar, “os soldados abriram fogo, matando possivelmente novecentas

---

<sup>152</sup> ALGAR, Hamid. *Islam and revolution: Writings and declarations of Imam Khomeini*. Berkeley: Mizan Press, 1981. p. 14.

<sup>153</sup> Armstrong, 2009, p. 337.

<sup>154</sup> Ibid, p. 341.

peessoas.”<sup>155</sup> Este dia ficou conhecido como Sexta-feira negra, após o massacre nem mesmo apoio o apoio americano conseguiu salvar a imagem do xá.

Para os iranianos, Khomeini aparecia como uma alternativa a Pahlavi, seja pela representação da sua figura e de seus discursos, mas também pela incapacidade de governar do xá. Com os avanços violentos contra os manifestantes, a figura do xá Mohammad Reza Pahlavi tornou-se cada vez mais insustentável como uma figura de poder, e foi nessa conjuntura que a concepção de Revolução, o próprio termo, foi apropriado por Khomeini a fim de demonstrar que um novo contexto estava surgindo.

Ao longo dos anos, o que se percebeu foi a utilização da força militar de forma violenta para impedir oposições ao xá, e segundo Hannah Arendt, a revolução só é possível em uma conjuntura de plena desintegração do poder num regime, pois as revoluções são a consequência da queda da autoridade política, e nunca a causa.<sup>156</sup> Quanto mais o xá usava a força armada contra os protestos, em sua maioria pacíficos, mais a sua autoridade era questionada. Assim como foi o caso da sexta-feira negra: a ordem do xá era para que não houvesse protesto, mas sua autoridade já não era exercida. As revoluções são o reflexo da falta de autonomia para se impor o respeito, mas o êxito só é possível se existir um número de homens preparados para esse colapso, dispostos a assumir o poder, “ansiosos em se organizarem e agirem em uma causa comum.”<sup>157</sup>

Mesmo após seu exílio do Irã em 1963, o aiatolá Khomeini continuou a exercer críticas ao regime Pahlavi. Ainda que no começo das manifestações os ulemás tenham se dividido entre aqueles que acreditavam que o xá poderia mudar, e aqueles que pediam por uma república islâmica, no final de 1978, após as ações autoritárias do xá, Khomeini apareceu como a figura mais adequada para dar fim ao regime autoritário. Após a Revolução de 1979, Karen Armstrong afirma que o próprio Khomeini questionou o local por ele ocupado e o Irã passou por problemas até se estabilizar, mas para a conjuntura revolucionária, o importante é compreender que não havia uma figura ou grupo para disputar o local de poder com o aiatolá.

---

<sup>155</sup> Ibid.

<sup>156</sup> Arendt, 1988, p. 93

<sup>157</sup> Ibid, p. 93

No que concerne a participação feminina, Mahnaz Afkhami afirma no artigo *The Women's Organization of Iran* escrito em 2002,<sup>158</sup> que a contribuição internacional foi crucial para o desenvolvimento da WOI. Ao adotar um Plano de Ação Mundial a partir da Primeira Conferência de Mulheres das Nações Unidas em 1975, no México, o Irã recebeu visibilidade internacional ao compilar e apresentar diversas estatísticas feitas a partir de estudos em diversas universidades, que consideravam a participação das mulheres nas decisões familiares, no direito, educação, empregos, saúde, entre outros.<sup>159</sup> O *World Plan of Action* desenvolvido em 1975 foi adaptado pela WOI para formular e implementar um Plano de Ação Nacional, que permitiu a Organização se tornar parte integral do processo de decisões políticas do país. Não apenas em questões consideradas tradicionalmente femininas, mas em todas as decisões do governo que impactassem a vida das mulheres.

Para a autora, muitos autores iranianos descrevem o xá como uma figura onipotente no Irã, mas ela afirma que para que ele desse suporte a qualquer causa política, era necessário que houvesse uma pressão social a respeito. À medida que a WOI crescia, havia argumentos que diziam que a organização era uma espécie de “braço” do xá, porém Mahnaz Afkhami defende que o envolvimento das mulheres na revolução vai além disso. Ela afirma que a WOI se empenhava em buscar aliados no governo, com o objetivo de produzir pautas convergentes e condições em que suas pautas femininas fossem apoiadas.

Quando as mulheres falhavam em apresentar essa percepção, elas também falhavam em mobilizar o suporte do estado a favor de suas demandas.<sup>160</sup>

A partir da afirmação de Mahnaz Afkhami, percebemos que a associação aos homens no governo era uma maneira de propor visibilidade e promover avanços nos direitos femininos no Irã. A autora afirma que, apesar do progresso feito ao longo dos anos de 1930, 1940 e 1950, as mulheres iranianas do início dos anos de 1960 continuavam privadas de alguns direitos básicos, sociais e políticos. Entre eles, a impossibilidade de viajar sem a autorização por escrito de seus maridos; não podiam iniciar processos de divórcio, exceto em casos extremos de doença, insanidade, prisão ou

---

<sup>158</sup>AFKHAMI, Mahnaz. *The women's organization of Iran: Evolutionary politics and revolutionary change. Foundation for Iranian Studies*. Bathesda, p. s/n, 2002. Disponível em:<<https://fis-iran.org/en/women/organization/introduction>>. Acesso em: 21 abr 2020.

<sup>159</sup> Afkhami, 2016, p. 10.

<sup>160</sup> “Whenever women failed to elicit this perception, they also failed to mobilize the state's support in favor of their demands.” Afkhami, 2002, n.p.

deserção dos esposos. Além disso, também era privado às mulheres tornarem-se guardiãs de seus filhos, mesmo após a morte do pai. Nesses casos, algum outro membro da família, como pai ou tio, precedia a figura da mãe.

Elas não podiam ser juízas ou se tornarem diplomatas de carreira. Elas não podiam transferir sua cidadania a seus filhos; na realidade, sua cidadania estava em risco caso se casassem com um não-iraniano. Elas herdavam de seus pais apenas metade do que seus irmãos recebiam e de seus maridos apenas um quarto quando não havia crianças e um oitavo se houvesse crianças. Elas poderiam ser divorciadas de seus maridos com ou sem conhecimento prévio com uma simples declaração unilateral, ou poderiam encarar a presença de uma segunda, terceira, quarta mulher em suas casas a qualquer momento. Forçadas por necessidade econômica e pela aprovação patriarcal, elas podiam ser contratadas temporariamente para casamentos por períodos de horas a anos em lugar de seus serviços sexuais sem direitos executáveis para elas ou qualquer criança que resultasse da união.<sup>161</sup>

De acordo com esses apontamentos feitos por Afkhami, percebemos a privação de vários aspectos não só sociais, mas familiares e econômicos, em relação às iranianas. Porém, devemos retomar a perspectiva de Koselleck e repensar os argumentos da autora sob a visão de que “as experiências passadas sempre contem resultados objetivos,” que passam a fazer parte do modo como a autora elabora suas expectativas.<sup>162</sup> Em outras palavras, é necessário retomar as experiências de Afkhami para compreender por qual razão esses aspectos sociais da vida feminina eram considerados por ela como privações. Ao localizar a autora em seu tempo e espaço de formação, o olhar dela sobre a experiência iraniana é de uma mulher que foi educada em um país no qual o direito ao voto feminino vigorava desde 1920.<sup>163</sup>

A base de formação da autora é apenas um dos aspectos, vale ressaltar que ela fazia parte do contexto privilegiado do Irã. Além disso, a autora se refere no fragmento destacado às mulheres que não possuíam direitos como *elas*, e não se incluí enquanto parte dessas mulheres iranianas. Por que não pensar as limitações existentes enquanto *nós*? Afinal, Mahnaz Afkhami não faz parte desse grupo de mulheres que precisa lutar por seus direitos?

Essas observações são relevantes pois, como foi apontado por Koselleck, é possível que as pessoas se adaptem a um arsenal de experiências, de maneira que o que se tinha como experiência anterior possa se modificar. Quando as mudanças são lentas, a ruptura entre a experiência adquirida

---

<sup>161</sup> Afkhami, 2002, n.p.

<sup>162</sup> Koselleck, 2006, p. 314.

<sup>163</sup> Em 26 de agosto de 1920, a Emenda 19 à Constituição americana concedeu as mulheres direito ao voto.

e a expectativa a ser descoberta não era tão grande. No caso de Afkhami, isso pode ser percebido a partir da sua experiência americana e o retorno ao Irã para trabalhar como professora universitária. Entretanto, a ruptura entre a experiência de seu histórico e suas expectativas se chocam ao entrar em contato com a realidade iraniana.

Por sua origem, Mahnaz Afkhami projetava os aspectos da vida familiar e econômica das mulheres como privadas, por não se encaixar no que ela tinha como experiência. Entretanto, é necessário mais uma vez retomar Koselleck, para compreender que a transição de experiências passadas para expectativas vindouras não acontece de forma equilibrada para todas as classes sociais. Segundo o autor, “no mundo da política, com crescente mobilização dos meios do poder,” é preciso reconhecer uma diferença ampla “e consciente entre a experiência transmitida e a nova expectativa que se manifesta.”<sup>164</sup>

Reconhecer essa diferença entre a nova experiência e a expectativa é essencial para compreender o pensamento de Afkhami e a participação das mulheres na Revolução. Retomando o contexto de 1978 e 1979, estamos apontando uma mobilização social que, além de sofrer com as desigualdades econômicas, passava por uma modernização superficial do país. Desta maneira, as novas experiências em relação ao acesso a carros, eletricidade e televisão não significavam a mesma coisa para a classe média urbana e para a classe trabalhadora urbana, muito menos para populações de vilarejos e aldeias no interior. Ademais, o que para Mahnaz Afkhami representava privações às mulheres, deve ser reconsiderado a partir das circunstâncias nacionais. Será que as iranianas do interior e mais pobres também enxergavam o fato de não poderem ser juízas, ou não poderem votar, tão relevante assim?

Possivelmente as prioridades das mulheres pobres eram diferentes das prioridades das mulheres de classe abastada, as experiências e expectativas delas não eram exatamente as mesmas. A partir da percepção de ruptura de sua própria experiência com a dessas mulheres no interior, abordaremos quais foram as medidas que Mahnaz Afkhami afirma terem passado por reinterpretções para se aproximarem de mulheres de regiões mais pobres e, de que maneira, isso influenciou na participação delas na Revolução de 1979.

---

<sup>164</sup> Koselleck, 2006, p. 315.

### 3. 2 – Mudanças à nível local

Os discursos de Mahnaz Afkhami analisados no capítulo anterior, demonstram uma percepção da sociedade iraniana no século XX, a qual deve ser considerada como fragmento de uma realidade muito mais ampla. Inserida na conjuntura do regime Pahlavi, os artigos publicados por Afkhami após seu exílio reforçam a importância desempenhada pela *Women's Organization of Iran* na conscientização e aumento da atuação feminina na sociedade, e muito menos em uma crítica à instabilidade do regime, da economia do país e a relação com clero xiita. Foi possível perceber até este ponto que a base teórica feminista de Afkhami, aos poucos foi confrontada por uma perspectiva das mulheres iranianas, que defendiam ideias de liberdade e emancipação capazes de englobar suas tradições culturais. Ademais, considerando que seus artigos são publicados após 1979, a distância em relação aos eventos também é um fator a ser considerado na narrativa de Afkhami e em sua percepção do cenário em que atuou.

Ao escolher defender fortemente a inserção feminina em escolas, mercado de trabalho e assistência à saúde em locais mais afastados, a ex-ministra não apresentou críticas contundentes a todo o sistema político ao qual as ações defendidas por ela estavam inevitavelmente vinculadas. A ausência do posicionamento de Afkhami contra as medidas autoritárias do regime Pahlavi é alvo das críticas de historiadora iraniana Hamideh Sedghi, que defende uma posição das mulheres iranianas menos pacífica quanto aos “benefícios recebidos do Estado”, e mais ativa no questionamento de suas estruturas políticas e ideológicas.

Como alguém à frente de uma organização governamental, Mahnaz Afkhami também estava sujeita as decisões do xá, assim como se beneficiava do que era aprovado em prol da causa por ela defendida. Porém, é importante reforçar que os atores históricos não são capazes de prever exatamente os resultados de suas manifestações, são movidos por seus horizontes de expectativas, pela possibilidade de algo melhor do que o presente. A própria posição de Afkhami no contexto revolucionário reforça essa perspectiva, na posição de destaque internacional que ocupava: um posicionamento contra o xá poderia demonstrar um posicionamento a favor de Khomeini, e de algumas práticas conservadoras que não eram próprios de seu discurso. Ao mesmo tempo, ao não e colocar contra o regime do xá, sua narrativa se torna complacente ao regime autoritário de Pahlavi.

Sendo assim, dentro das condições possíveis à Mahnaz Afkhami enquanto secretária geral da *Women's Organization of Iran*, abordaremos quais foram as medidas adotadas por ela para tentar conciliar a experiência iraniana, propor mudanças para as mulheres e a tentativa de manter tradições religiosas e culturais. A preocupação teórica é reconhecer como os discursos dos atores políticos se adaptam as circunstâncias de cada momento, como é o caso de Afkhami. Ao associar o quadro geral do país às pautas de gênero, se espera compreender como concepções ocidentais sobre a atuação feminina na sociedade foram reconfiguradas para o contexto iraniano, indicando a concepção de identidade iraniana.

Mahnaz Afkhami apresenta-se como uma autora crítica no que concerne as pautas sobre gênero e as desigualdades da sociedade iraniana, o que pode fazer com que seu discurso pareça ambíguo por não se colocar também criticamente contra o regime Pahlavi. Todavia, retomando a perspectiva sobre discursos de atores políticos de Quentin Skinner, o que Afkhami escreveu após a Revolução Iraniana, demonstra suas estratégias retóricas para produzir textos que direcionassem o leitor a apreciar as ações positivas em relação a WOI. Ações essas que, em grande medida, foram proporcionadas por todo o plano de governo do regime Pahlavi, que focava na modernização do Estado. A autora não enfatiza que algumas dessas medidas eram feitas de maneira autoritária, apenas reforça que as mulheres tiveram que lutar por seus direitos e conquistar seus espaços.

Devido a essas estratégias usadas pelos atores políticos que Quentin Skinner salienta a importância de, ao analisar textos dessa natureza, se atentar tanto ao que foi escrito como as intenções por trás do que se disse. Por exemplo, quando Mahnaz Afkhami reforça a importância que a WOI teve para as mulheres, sua intenção é reforçar que antes da Revolução as mulheres estavam adquirindo cada vez mais acesso à educação, saúde, empregabilidade, mudança nas leis sobre casamento, divórcio, poligamia, entre outras mudanças consideradas por ela como positivas. Como alguém à frente de uma organização do governo que foi substituído, seus discursos podem não falar diretamente do regime do Xá Mohammad Reza Pahlavi em todos os seus aspectos, mas sua intenção é reforçar que, pelo menos em relação as mulheres, era melhor.

A narrativa de Afkhami reforça a ideia de que mudanças globais, como a discussão sobre os papéis de gênero na sociedade, influenciaram ambientes distantes culturalmente de onde a teoria foi elaborada. A partir dessa perspectiva, a autora contribui para a reflexão sobre como os movimentos locais recebem e reinterpretam novas perspectivas culturais. Além disso, esse

intercâmbio de ideias demonstra como a retórica de um ator político precisa estar em constante reajuste para se adequar a linguagem daqueles que o escutam.

Em uma análise mais específica da conjuntura iraniana nos anos que antecederam a Revolução, nota-se que não foram só as discussões sobre gênero que chegaram ao país e passaram por reinterpretações. O projeto do xá Mohammad Reza Pahlavi de industrialização, modernização e exploração do país, alcançou tradições culturais, sociais, religiosas e econômicas do país. Essa associação com a história do Irã é importante pois demonstra como o contato de Afkhami com as iranianas proporcionou novas convicções sobre um movimento de mulheres fora do ocidente, assim como as iranianas foram estimuladas a agir politicamente a partir de referências estrangeiras, ainda que essas não fossem percebidas diretamente na época.

Na concepção seguida por Quentin Skinner para análise dos argumentos apresentados por um ator político, é importante conhecer os motivos, as intenções e a relação que o autor estabelece com o que escreveu. Segundo Skinner, estar ciente da relação do autor com seu objeto, é “tentar saber quais razões que levaram o autor a realizar esses atos discursivos, isso para além do seu caráter e do seu estatuto de verdade enquanto proposições.”<sup>165</sup> Ou seja, quais eram as intenções de Mahnaz Afkhami ao publicar sobre sua experiência enquanto ministra no Irã? Qual é o público que a autora desejava alcançar? Questionamento sobre as intenções e o estatuto de verdade, são aspectos reforçados na análise do discurso de Afkhami, pois muitos de seus artigos e livros publicados são em inglês, posteriores a Revolução e direcionados ao público acadêmico. Todos esses pontos são aspectos que devem ser considerados em sua retórica.

Para o historiador John Pocock, a linguagem é referencial e alude a diferentes objetos de uma experiência da qual se provém. No caso da linguagem em discursos públicos de uma sociedade institucional e política, “pode-se esperar que ela aluda a instituições, autoridades, valores simbólicos e acontecimentos registrados que ela apresenta como parte política dessa sociedade”, uma linguagem constituída a partir de seu próprio caráter.<sup>166</sup> Dessa forma, é possível perceber que cada contexto linguístico indica um contexto político, social e histórico, no interior do qual a própria linguagem se situa, como é o caso de Afkhami. Todavia, Pocock reforça que cada

---

<sup>165</sup> Skinner, 2005, p. 136.

<sup>166</sup> POCOCK, John Greville Agard. *Linguagens do Ideário Político Vol. 25*. São Paulo: Edusp, 2003. p. 36.

linguagem seleciona e prescreve o contexto dentro do qual ela deverá ser reconhecida. Isso acontece porque a linguagem deve apresentar uma dimensão histórica, a partir de suas representações das configurações sociais, dos acontecimentos históricos, valores, modo de pensar sobre os quais ela prescreve o passado.

Como exemplo da utilização da linguagem por parte de Mahnaz Afkhami, é interessante observar em *Iran: A Future in the Past*, publicado em 1996, como a autora descreve o público inicial da *Women's Organization of Iran* e quais eram os objetivos a serem alcançados. Segundo a autora, os esforços iniciais eram baseados em conceitos como: cada indivíduo da sociedade deveria ser encorajado a aprender, trabalhar, crescer e contribuir para a construção da nação; esses objetivos poderiam ser atingidos com o espírito do Islã e das tradições culturais da nação. Além disso, a participação completa das mulheres deveria ser atingida pelas próprias mulheres, pelo método que escolhessem, a autossuficiência financeira, mobilização de diferentes grupos de mulheres em diferentes camadas da sociedade.<sup>167</sup>

A participação das mulheres era encorajada em diversos aspectos da sociedade, todavia, Afkhami argumenta que a audiência imediata do movimento crescia na área urbana, alfabetizada e de classe média. Em relação às comunidades distantes dessa realidade, “maneiras tiveram que ser encontradas para chegar as mulheres das zonas rurais e às massas urbanas, e a comunicação tinha que ser feita pensada em termos relevantes para suas vidas.”<sup>168</sup> É a partir desta percepção, de que a comunicação para zonas distantes dos centros urbanos necessitavam de termos e uma comunicação relevante de acordo com a experiência, que podemos apontar a mudança de linguagem por parte da autora. O feminismo teórico seria infrutífero longe da área urbana e alfabetizada.

Seguindo a concepção de John Pocock, é compreensível a razão pela qual em diversos momentos Mahnaz Afkhami reforça ter sido necessário conhecer o interior do Irã, conhecer mulheres que tinham necessidade de uma assistência pragmática e efetiva. Ao se aproximar dos valores e modo de pensar dessas mulheres, Afkhami adaptou os centros da WOI para que cada vez mais mulheres fossem atraídas e participassem. Em *The Women's Organization of Iran:*

---

<sup>167</sup> AFKHAMI, Mahnaz. *Iran: A Future in the Past: The 'Prerevolutionary' Women's Movement*. In: MORGAN, Robin (Ed.). *Sisterhood is global: The international women's movement anthology*. New York: Feminist Press, 1996. p. 331

<sup>168</sup> Ibid.

*Evolutionary Politics and Revolutionary Change*<sup>169</sup>, publicado em 2002, Afkhami assinala como as mulheres representam uma força de trabalho no mundo todo, e sua participação efetiva nas atividades é essencial para o desenvolvimento e progresso para todos. A autora reforça que existem problemas de direitos humanos, planejamento familiar, campanhas contra o analfabetismo e pobreza que, em sua perspectiva, só podem ser resolvidos com a atuação efetiva nas mulheres na sociedade. Partindo dessas problemáticas, Afkhami assinala que em cada local existiam resistências, e a WOI tinha que se organizar para alcançar mulheres nessas áreas.

[...] as suspeitas e a falta de confiança de qualquer programa de organização que ativamente envolvesse a participação das mulheres, tinha um grande obstáculo a superar. Muitos homens se sentiam ressentidos a qualquer esforço que tentasse levar as mulheres de casa para a sociedade. Muito trabalho teve que ser feito para convencer as pessoas de que o objetivo era fortalecer a família. Mudando o nome dos centros de *House of Women* para *Family Welfare Centers* foi um aspecto dessa campanha. Em vários locais, levar mulheres influentes para as atividades dos centros ajudou a ganhar confiança e prestígio. Em Qum, por exemplo, a participação das filhas do Aiatolá Shariatmadari foi a chave para a viabilidade do centro. Solicitando conscientemente a participação feminina de membros das famílias de líderes do clero nas atividades do centro sempre que necessário, e incluindo instruções religiosas e leituras do Corão em classes especiais em algumas áreas, a WOI minimizou o confronto com o clero, os quais representando uma oposição explícita, poderiam ter reduzido drasticamente a expansão da rede.<sup>170</sup>

Devido à condição conflituosa que se colocava entre a tradição, e a modernização, principalmente no que concerne às mudanças culturais, tais quais a participação feminina ativa na sociedade, é possível compreender que a posição tomada de associação ao clero nesses aspectos era a medida cabível no momento para incentivar a participação feminina. Além disso, a associação à instituição religiosa e a nomeação do centro para algo próximo da realidade das mulheres, demonstra como a retórica foi usada por Afkhami para aproximar mulheres de seu projeto. Posteriormente, é esse mesmo incentivo de participação através da assimilação da religião que

---

<sup>169</sup> Afkhami, 2002, n.p.

<sup>170</sup> “[...] suspicion and distrust of any program of organized activity involving women was a great hurdle to overcome. Many men resented any attempt to draw women out of the house and into society. Much work had to be done to convince the people that the goal was indeed to strengthen the family. Changing the name of the centers from Houses of Women to Family Welfare Centers was an aspect of this campaign. In many locations, drawing influential women into the activities of the centers helped in gaining trust and prestige. In Qom, for instance, Ayatollah Shariatmadari's daughters' participation was key to the center's viability. By consciously seeking the participation of female members of the families of the leading clergy in the center's activities wherever necessary, and by including religious instruction and the reading of the Qur'an in special classes in some areas, the WOI minimized confrontation with the clergy, whose overt opposition would have drastically curtailed the expansion of the network.” Afkhami, 2002, n.p.

abriu espaço para que surgissem organizações específicas de mulheres islâmicas que se colocavam contra as propostas modernas do xá.

Há uma discussão em voga sobre, de maneira pragmática, até que ponto essa associação de uma organização vinculada ao regime Pahlavi e o clero proporcionou bons resultados? Em *Mahnaz Afkhami: A Memoir*, revisão realizada por Janet Afary da entrevista oral concedida por Afkhami em farsi no ano de 2003, ela aborda a Revolução Iraniana a partir desse questionamento. Nesta entrevista, a ex-ministra declarou que, olhando para trás sobre sua própria experiência no Irã, Afkhami se arrependeu do fato de ao perseguir seus objetivos, ela encorajou a liderança da WOI a se juntar a um único partido, *Rastakhiz*, o qual foi formado pelo Xá em 1975. Afkhami enxerga isso como seu maior erro político. Para Afkhami, assim como para algumas pessoas da época, os atos de protestos estavam sendo fabricados pela SAVAK<sup>171</sup> e, mesmo quando o Xá Mohammad Reza Pahlavi levou a discussão sobre revidar os protestos, ainda se continuava a acreditar que era algo fabricado pela polícia secreta.

Segundo Afary, a ex-ministra Mahnaz Afkhami diz que não queria entrelaçar a organização a um problema que parecia ter sido fabricado, então não quiseram revidar. Sendo assim, apesar da Afkhami não dirigir uma crítica mais direta ao xá, isso demonstra que ela tinha consciência do que estava acontecendo, em relação a forma autoritária como o xá governava e agia contra os manifestantes nos anos de 1970. Como no momento em que as coisas estão acontecendo as pessoas não tem como prever os resultados, essa declaração demonstra que não se acreditava que o apoio conservador – ou talvez, as próprias manifestações contra o xá – fossem levar a algo como uma Revolução.<sup>172</sup>

No prólogo de *Women in Exile*, publicado em 1994, Mahnaz Afkhami explica que estava em Nova York em novembro de 1978, para uma reunião das Nações Unidas para finalizar um acordo entre o Irã e a ONU, para a criação do *International Center for Training and Research on Women* (INSTRAW). Próximo da data de retorno ao Irã, Afkhami recebeu uma ligação de seu esposo, Gholam Reza Afkhami, a aconselhando a não retornar ao país. Na entrevista, a autora

---

<sup>171</sup> A SAVAK foi criada pelo xá Mohammad Reza Pahlavi em 1957, instituída como polícia secreta, serviço de segurança interno e serviço de inteligência do regime.

<sup>172</sup> AFARY, Janet. Mahnaz Afkhami: A Memoir. *Journal of Middle East Women's Studies*. Durham, v. 1, n. 1, p. 147-157, 2005. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/40326852](http://www.jstor.org/stable/40326852)>. Acesso em: 21 abr 2020. p. 155.

reconhece a participação da WOI da seguinte maneira: “a WOI teve uma participação na Revolução de 1979, apesar de não ter sido a esperada pelas líderes feministas seculares. Muitas recrutas se juntaram as demonstrações islâmicas e concederam suporte ao aiatolá Khomeini.”<sup>173</sup> Além disso, Janet Afary reitera a seguinte afirmação de Afkhami:

Quando Mahnaz Afkhami indagou a respeito das filiações políticas das mulheres, recebeu a seguinte resposta de uma secretária executiva da WOI: “Elas são nossas próprias membras. Nos vivíamos dizendo que devemos mobilizá-las, devemos mobilizá-las. Nós não dissemos mobilizá-las para quê. Agora elas estão mobilizadas, elas dizem morte ao Xá!”<sup>174</sup>

Essa perspectiva demonstra o impacto da adaptação da retórica de Afkhami para alcançar mulheres de outras áreas, além das áreas urbanas e de classe média. Segundo Afkhami, a WOI sempre teve autonomia para tomar decisões e lamenta o fato de que estivesse tão vinculada a imagem da família real, o que em sua perspectiva foi o que desestabilizou o que havia alcançado. Entretanto, em muitos momentos é possível perceber que a WOI era utilizada para a propaganda do próprio regime Pahlavi.

A mobilização das mulheres durante a Revolução de 1979 foi percebida pela autora como um processo, e não algo pontual. Ela afirma que à medida que a WOI obteve mais influência, oposições aos seus esforços se tornavam mais explícitas. Havia a esquerda que, oponente ao regime, desacreditava do movimento, pois “reconhecer o impacto da organização seria o equivalente a reconhecer o sucesso do regime em uma importante área da política social.”<sup>175</sup> De outro lado, havia fundamentalistas religiosos que se opunham a WOI porque as atividades conflitavam com sua versão do islã. De acordo com Afkhami, parte da oposição religiosa também estava relacionada aos esforços da WOI para que o poder e autoridade do clero do *Majlis* diminuísse. Como por exemplo, quando a pasta de assuntos jurídicos relacionados a família foi removida da jurisdição clerical e se tornou domínio dos tribunais da família.<sup>176</sup>

---

<sup>173</sup> Afary, 2005, p. 156.

<sup>174</sup> “When Afkhami inquired about the political affiliations of the women, she was told by an executive secretary of WOI, “They are our own members. We kept saying we should mobilize them, we should mobilize them. We didn't say we should mobilize them for what. Now that they are mobilized they say death to the shah!” Afary, 2005, p. 156. Tradução nossa.

<sup>175</sup> Afkhami, 2002, n.p.

<sup>176</sup> Ibid.

Apesar dessa oposição, Mahnaz Afkhami afirma que dentro da WOI mantinha-se uma relação amena com a religião, citações do Alcorão eram usadas como suporte aos direitos das mulheres, modelos existentes de parentes do profeta foram adotados como heroínas do movimento, entre elas Zainab. Seu heroico discurso sobre os inimigos da família era testemunho expressivo para a coragem de uma mulher.<sup>177</sup>

Essa aproximação com o islã era baseada no respeito as opiniões da maioria das mulheres iranianas, incluindo muitas líderes do movimento, que desejavam profundamente se manter de acordo com as orientações religiosas do islã e permitiam a si mesmas a possibilidade de crescer, mudar e progredir.<sup>178</sup>

É interessante observar como Mahnaz Afkhami considerava aspectos religiosos para agregar mulheres a WOI, de acordo com o contexto no qual atuava, essa era a maneira de se aproximar das mulheres, além de propor um local convidativo onde elas pudessem se identificar. A autora afirma que “ainda que fosse justificável e cômodo o esforço muçulmano e feminista para alcançar direitos humanos”, elas não poderiam ser conquistadas sem uma subordinação as prescrições islâmicas, “ou render-se a uma interpretação sem sentido do adjetivo islâmico para definir feminismo.”<sup>179</sup> Tais observações demonstram o reconhecimento da autora de que os certos conceitos não funcionam da mesma maneira em todos os locais.

Quando observamos a maneira como Mahnaz Afkhami relaciona as pautas feministas ao contexto específico iraniano, percebemos por parte da autora um empreendimento de tradução. Boaventura de Sousa Santos explica que o trabalho de tradução é “o procedimento que permite criar uma inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis [...]”<sup>180</sup> Neste sentido, podemos dizer que o trabalho da WOI, e consequentemente de Afkhami, se trataram de um procedimento que não atribuiu ao feminismo um estatuto de totalidade como procedimento de conscientização e luta por direitos das mulheres. Todavia, as experiências das mulheres iranianas foram tratadas de acordo com as experiências locais – partes –, ao mesmo

---

<sup>177</sup> Ibid.

<sup>178</sup> “This approach to Islam was based on respect for the opinion of the majority of Iranian women, including many leaders of the movement, who deeply wished to remain within the spiritual guidelines of Islam yet also allow themselves possibilities of growth, change, and progress.” Afkhami, 2002, n.p. Tradução nossa.

<sup>179</sup> Ibid.

<sup>180</sup> SANTOS, Boaventura Sousa. Hacia una sociología de las ausências y una sociología de las emergências. In: \_\_\_\_\_. *Una epistemología del sur*. México: CLACSO Coediciones, 2009, p. 136.

tempo inseridas na totalidade – seja do Irã, ou de um momento global no qual as mulheres revogaram seu espaço em diferentes sociedades.

Em relação à participação das mulheres na revolução de 1979, a autora reconhece como parte da mobilização da própria WOI, assim como de organizações de décadas anteriores. Por parte da *Women's Organization of Iran*, nos anos de 1960 e 1970, reuniões em grupo, conferências e discussões eram elaboradas para conscientizar as mulheres a participarem e posicionarem-se sobre suas demandas. Na perspectiva da autora, houve uma conscientização política coletiva, que pedia por um governo mais livre e igualitário, mas que foram mal interpretados pelos fundamentalistas religiosos.

Os fundamentalistas revolucionários interpretaram mal os objetivos da revolução declarando apoio a *liberdade e igualdade* das mulheres, e denunciando o tratamento delas como objetos sexuais, ao mesmo tempo em que cuidadosamente evitavam qualquer discurso concreto e substancial para a agenda delas. Nos momentos em que as ativistas pediam uma declaração explícita nos assuntos específicos dos direitos das mulheres e em seu status, elas eram acusadas de propor pautas secundárias e advertidas a manter a unidade da categoria no propósito contra o regime. O esforço mobilizado pelas mulheres ativistas durante décadas, combinado com o discurso enganoso sobre o status das mulheres, foi instrumental para que elas participassem dos protestos.<sup>181</sup>

Como supracitado, na perspectiva da autora os religiosos se aproveitaram do trabalho realizado pela WOI para mobilizar as mulheres, porém de forma vazia e sem realmente incluí-las. Todavia, devemos lembrar que Afkhami escreve enquanto uma mulher exilada de seu país, como secretária geral da organização da qual mulheres se mobilizaram pedindo a Revolução de 1979. É necessário ter cautela com esse argumento pois, na perspectiva da autora, as mulheres aparecem como sujeitos manipuláveis, sem autonomia para decidir o motivo pelo qual participavam nas manifestações.

Como foi apontado anteriormente pela própria Afkhami, no caso específico das mulheres iranianas, elas perceberam a conscientização política da importância de sua atuação, mas a

---

<sup>181</sup> “The fundamentalist revolutionaries misrepresented the aims of the revolution by avowing their support for “freedom” and “equality” of women and denouncing the treatment of women as sex objects, while carefully avoiding concrete statements on the substance of their agenda for women. Whenever women activists asked for clarification of positions on specific issues of women's rights and status, they were accused of introducing secondary issues and admonished to maintain the unity of rank and purpose against the regime. The mobilization efforts launched by women activists in the preceding decades combined with the revolution's misleading assertions about the status of women was instrumental in drawing women to the demonstrations.” Afkhami, 2002, n.p.

direcionaram para o correspondente próximo a seu horizonte de experiência. Esse campo de experiência pode ser cultural, como a não identificação com as políticas do xá; pode ser religioso, uma vez que a narrativa de Khomeini contra as ações autoritárias do xá também as contemplavam, e até mesmo no campo social, em suas concepções de identidade e comunidade, que não estavam sendo representadas pelo xá.

Certamente Afkhami desempenhou um papel importante no desenvolvimento da atuação das mulheres na sociedade iraniana, pois ao começar um trabalho de base, pode atingir o público exatamente nas questões que consideravam como essenciais. Por outro lado, justamente isso impulsionou a conscientização das mulheres iranianas de que é possível propor alternativas. No aspecto social, a insatisfação é algo recorrente. Se antes da Revolução, a WOI era vista como uma organização que ia contra princípios islâmicos e que tinha uma influência ocidental que não era bem quista, no pós-Revolução àqueles que se identificavam com a proposta de modernização do xá Mohammad Reza Pahlavi, enxergaram a possibilidade de uma República Islâmica do Irã como um retrocesso nos direitos conquistados pelas mulheres e pode-se dizer até mesmo pela sociedade como um todo. A WOI era a representação do desconforto social em relação a mudanças estruturais no que concerne a atuação feminina.

A linguagem política adotada por Afkhami em seus discursos e relato sobre sua atuação no Irã são percebidos de duas maneiras. A primeira delas demonstra o sentimento de nostalgia e de insatisfação por não poder ter continuado seu projeto no Irã a frente da WOI, e na segunda, demonstra gozar de certo orgulho pelo que pôde fazer até 1978. Essas duas faces da retórica de Afkhami demonstram que assim como sua linguagem precisou se adequar às mulheres do interior do Irã, suas opiniões não continuaram as mesmas com o passar dos anos, pois ela também teve acesso a novas linguagens para reinterpretar a Revolução. Em 1978, Afkhami tinha por volta de 37 anos, e seu artigo de 1984 demonstra ressentimento pelas mortes de mulheres que se opuseram a Revolução e ao permanecerem no país, lidaram com a política no novo regime. Por outro lado, em *The Women's Organization of Iran* e em entrevista a Noushin Ahmadi Khorasani no ano de

2008<sup>182</sup>, é possível notar como as percepções de Afkhami mudaram e amadureceram sobre os eventos da época, e até mesmo sobre sua própria atuação na conjuntura.

O Estado, claro, nunca foi feminista. No Irã, as mulheres sempre tiveram que lutar uma penosa batalha. Os homens que apoiavam as mulheres no governo eram úteis, mas eles raramente ocupavam posições relacionadas aos direitos das mulheres, particularmente nos domínios das leis.[...] A história da WOI lidando com o Estado é em parte a história da mobilização das mulheres para converter homens no governo para ajudar a convencer outros, notavelmente os clérigos muçulmanos, que as demandas das femininas não eram boas apenas para a modernização e desenvolvimento, mas também era socialmente e culturalmente inofensivo.<sup>183</sup>

Nos primeiros artigos, Mahnaz Afkhami fazia menções pontuais à influência estatal na conscientização feminina, apresentando mais os aspectos de uma sociedade patriarcal e a necessidade de ações de base, pragmáticas. Entretanto, no artigo publicado em 2002, a autora apresenta uma sociedade iraniana na qual aborda a cooperação de homens e mulheres, e até mesmo do impacto dentro do governo. Ainda que, em um primeiro momento, os homens apareçam como figuras complexas da estrutura patriarcal, difíceis de agregar as pautas femininas, o aumento da participação das mulheres passou a ter influência e afetá-los, de maneira que não foi possível conter as mudanças.

Ao identificar as barreiras para alcançar as demandas femininas, Afkhami diz ter sido atribuição da WOI e seus aliados a função de se associar ao governo e a outros fortes grupos políticos locais, para produzir as condições nas quais a convergência de pautas pudesse ser alcançada.<sup>184</sup> Sendo assim, vinte e três anos após a Revolução, as assimilações sobre a conjuntura na qual a WOI tinha espaço passaram a ser analisadas dentro do contexto mais amplo do Estado. Reforçando a via de mão dupla entre a busca de apoio do governo como a convergência de pauta

---

<sup>182</sup> AFKHAMI, Mahnaz. The Fate of the Family Protection Law. *The Feminist School*. Interview granted to Noushin Ahmadi Khorasani. 2008. Disponível em: <<http://fis-iran.org/en/women/articles/reform-and-regression>>. Acesso em: 21 abr 2020.

<sup>183</sup> “The state, of course, was never feminist. In Iran, women always had to fight an uphill battle. The converted men in the government were useful; but they rarely occupied positions directly related to women’s rights, particularly in the realm of law. [...] The history of WOI’s dealing with the state is in part a history of women mobilizing converted men in the government to help convince others, notably Muslim clerics, that women’s demands were not only good for modernization and development but also socially and culturally innocuous. In time, women were able to talk directly to the unconverted, but by then WOI had achieved significant power in its own right.” Afkhami, 2002, n.p. Tradução nossa.

<sup>184</sup> Ibid.

com outros grupos, a retórica de Afkhami se voltou para a amplitude social na qual as mulheres reivindicavam seus direitos.

A maior contribuição por parte de Afkhami a frente da WOI foi a percepção de que a relação das mulheres com a sociedade fazia parte de uma construção, uma estrutura que só podia ser modificada se começasse pela base. O alinhamento dela ao governo do Xá Mohammad Reza Pahlavi e a ausência de críticas contundentes ao governo não diminui o fato de que, por sua percepção particular, a ex-ministra soube reconhecer que, primeiramente, as teorias com as quais ela havia tido contato nos Estados Unidos não seriam suficientes para alcançar mulheres da classe popular.

A própria Mahnaz Afkhami reconhece as barreiras sociais, culturais e religiosas a serem repensadas ao querer inserir um novo tipo de relação de gênero na sociedade, e foi através desse contato mais próximo que isso foi possível. E por fim, mas não menos importante, a junção dessas duas percepções, a levou a considerar um dos fatores fundamentais para o funcionamento dos Centros, que era a importância religiosa para o público que ela queria atingir.

O apoio do Aiatolá Sharatmadari e a participação de suas filhas em um dos eventos da WOI, oficinas de leitura do Corão e atividades que permitiam as mulheres interagir com uma nova proposta sem deixar sua base religiosa, é algo que se deve reconhecer como significativo. A conscientização proposta por Afkhami a frente da WOI nas áreas educacionais, trabalhistas, e na própria legislação, contribuíram para que as próprias mulheres iranianas pudessem aderir ao discurso Revolucionário e – não todas – às propostas do Aiatolá Khomeini. Esse aspecto é algo que a própria ex-ministra reconhece ao apontar que os projetos de conscientização da WOI encorajaram as mulheres a participar politicamente da Revolução.

A maneira como tanto Afkhami quando as mulheres iranianas assimilaram e atribuíram novos significados sobre os papéis de gênero na sociedade, é considerado como um novo paradigma emergente no Irã. De acordo com Boaventura de Sousa Santos, um paradigma emergente acontece de forma analógica ou tradutora, ou seja, “incentiva os conceitos e teorias desenvolvidas localmente a emigrar para outros lugares cognitivos” e a partir disso podem “ser

utilizados fora de seu contexto de origem.”<sup>185</sup> Esse paradigma emergente é observado no caso das mulheres iranianas de maneira prática, não se baseando exclusivamente em termos teóricos. O questionamento sobre teorias femininas ocidentais abriu espaço para uma percepção de identidade local que se afastava de alguns aspectos defendido pela teoria, geralmente a forma de se vestir e o papel doméstico ainda desempenhado pela mulher.

Nesse sentido, devemos compreender que por mais que a autora acredite ter acessado locais afastados, a interpretação dela da razão pela qual as mulheres se mobilizaram é insuficiente. Sendo assim, é necessário verificar outras abordagens sobre a conjuntura de 1979.

### 3.3 – Mulheres e Revolução

A conscientização a respeito da luta das mulheres por mais direitos sociais emergiu fortemente no século XX, justamente em países que não se desenvolveram da mesma forma que a Europa ou a América do Norte, como é o caso de países da América Latina, assim como no Egito e até mesmo no próprio Irã.

A amplitude da discussão sobre os papéis de gênero no século XX estiveram desde locais desenvolvidos e urbanizados, até locais afastados dos centros urbanos. Santos afirma que o paradigma emergente é algo que “se constitui ao redor de grupos sociais concretos com projetos de vida locais.”<sup>186</sup> A afirmação de Boaventura de Sousa Santos nos permite interpretar a narrativa de Afkhami enquanto indivíduo que fez parte de um grupo concreto, que pertence a categoria mulher, mas as pautas a serem defendidas e postas em prática dependem dos projetos de vida locais. Isso justifica porque mulheres de centros urbanos do Irã estiveram mais propícias as pautas femininas ocidentais, uma vez que os projetos do xá chegavam de maneira mais incisiva. Enquanto com classes pobres, Afkhami afirma que trabalhos de base antecederam discussões teóricas, de forma que “nós saímos da evidente experiência teórica – nós não começamos com o pressuposto de tentar encaixar a realidade nisso.”<sup>187</sup>

---

<sup>185</sup> Santos, 2009. p. 49.

<sup>186</sup> Santos, 2009, p. 48.

<sup>187</sup> AFKHAMI, Mahnaz. Women’s Human Rights: From Global Declarations to Local Implementation. *Foundation for Iranian Studies*. Bethesda, p. 1-21, 2016. Disponível em: <<https://fis-iran.org/en/women/organization/introduction>>. Acesso em: 21 abr 2020. p.5.

Em suma, pautas de grupos semelhantes se relacionam, mas as realidades locais projetam conquistas de acordo com suas necessidades, seja a leitura do Corão nos centros da WOI, a reivindicação pelo direito de também interpretá-lo, a participação política na Revolução, ou até mesmo o uso do véu enquanto embasamento da importância da identidade.

Em *Um discurso sobre as ciências*<sup>188</sup>, Boaventura de Sousa Santos apresenta uma forma de análise dos eventos a partir das condições e possibilidades humanas, que são projetadas a partir de um tempo-espaço, se constitui a partir da pluralidade metodológica, das diferentes maneiras de se *fazer* algo. Para o autor, a correspondência entre diferentes métodos “pode captar um silêncio que persiste entre cada língua que questiona”.<sup>189</sup> Em outras palavras, cada método é utilizado para algo específico e, quando responde a questão previamente colocada, é capaz de inovar cientificamente e possibilita a aplicação do método em contextos diferentes. Em seu texto, Santos foca nas inovações científicas do século XX, mas a ideia de perceber como diferentes métodos são utilizados em diferentes épocas e contextos, também pode ser aplicada aos artigos escritos por Mahnaz Afkhami.

Afkhami, como uma mulher de seu tempo e espaço, esteve vinculada a uma conjuntura política singular na História, e suas percepções a respeito demonstram as diferentes referências que ao longo dos anos foram relacionadas a seu trabalho. Nesse sentido, a relevância de sua participação e descrição da história iraniana foi justamente a aproximação de um espaço diferente do seu habitat natural, assim como a percepção de que uma metodologia diferente era necessária para um contexto diferente, e alcançou mudanças significativas com isso. Ainda que se coloque em pauta sua visão dual da sociedade iraniana – entre a necessidade de modernização ao mesmo tempo em que valorizou tradições culturais –, Afkhami foi capaz de usar ferramentas e a influência que possuía para aproximar cada vez mais mulheres a diferentes espaços da sociedade, de forma civil e até mesmo política.

Cabe compreender o movimento de mulheres no Irã como a ressignificação política de um movimento político. Ou seja, compreender como as iranianas interpretaram ideias femininas a partir de suas visões de mundo, propondo maneiras locais da atuação feminina. Isso não exclui a

---

<sup>188</sup> SANTOS, Boaventura Sousa. Un discurso sobre las ciencias. In: \_\_\_\_\_. *Una epistemología del sur*. México: CLACSO Coediciones, 2009.

<sup>189</sup> Santos, 2009, p. 49

resistência de mulheres que continuaram argumentando a favor dos direitos retirados e do progresso, mas traz à tona um outro tipo de organização política através da forma como cada cultura concebe sua identidade, e até mesmo sua própria liberdade. Além disso, a reivindicação feminina seja por direitos ou pela Revolução não era um fato isolado, elas fizeram parte de uma conjuntura complexa e repleta de nuances, divergências quanto as tradições e o desenvolvimento do Irã.

Assim sendo, para compreender a participação das mulheres no contexto revolucionário, utilizaremos o caso de uma pequena cidade do Irã para traçar um panorama do que este momento representou tanto nos centros urbanos, quanto em cidades menores. A antropóloga Mary Elaine Hegland realizou trabalhos de pesquisa no Irã durante os anos de 1978 e 1979, na cidade de Alibad<sup>190</sup>, próximo a Shiraz. A atuação das mulheres durante a Revolução Iraniana diz respeito a continuação de atividades relacionadas ao nível político local.

A autora afirma que à nível local, as mulheres representam papéis centrais nas questões de comunicação, conexões, persuadindo outras pessoas e grupos, com o intuito de proteger os interesses e bem-estar de seus familiares, para promover justiça, e manter a harmonia da comunidade. Esse argumento é baseado nas relações mantidas pelas mulheres nessa cidade, pois suas rotinas eram baseadas na convivência doméstica e na convivência com sua comunidade. A percepção de que suas preocupações não estavam mais contidas à nível apenas local de sua comunidade, mas eram tema de forças à nível nacional, elas se juntaram aos homens nas manifestações revolucionárias com a intenção de influenciar o curso das políticas nacionais.

A principal discussão proposta por Hegland, é uma abordagem da mulher iraniana fora das cidades grandes do Irã, e a forma como o conflito entre Khomeini e o xá as atingia. Muitas vezes se tem como fato apenas os grandes protestos e os episódios nos quais o Estado utilizou de violência para conter os protestos de maneira mais incisiva, mas isso não significa que protestos menores em cidades pequenas não ocorressem. Afinal de contas, os locais realmente industrializados do Irã eram poucos e a maior parte da população era composta por pequenos comerciantes e trabalhadores rurais. À medida que as manifestações aconteciam, o regime Pahlavi reprimia as ações e, alguns

---

<sup>190</sup> De acordo com Mary Elaine Hegland, para proteger a privacidade da cidade na qual a pesquisa foi realizada e o nome das pessoas envolvidas, a autora esclarece que nesse artigo usa pseudônimos.

casos, deixava mortos, feridos e presos políticos que eram lembrados em novos protestos, na movimentação popular pelos mártires.

No início dos protestos, a reação das mulheres aos acontecimentos era em forma de choro, lamentos, cabelos sendo arrancados, mulheres batendo em seus peitos pelos mártires, recolhendo-se em suas casas e nos quintais dos atingidos, em alguns casos questionando diretamente os responsáveis. Eventualmente, seus protestos evoluíram para manifestações noturnas na cidade tomando como exemplo as mulheres que iam as manifestações em Shiraz, cidade próxima. Essas manifestações foram acontecendo até que, “finalmente, as mulheres levaram seus protestos para além da pequena cidade e participaram das marchas revolucionárias na cidade de Shiraz.”<sup>191</sup>

No contexto da cidade de Aliabad, as mulheres se sentiam como as principais responsáveis pelo bem-estar e segurança dos membros de suas famílias. Assim como, do outro lado, os cidadãos esperavam que as mulheres fossem completamente responsáveis por cuidar dos filhos, maridos e tarefas domésticas. Esse também é o aspecto apresentado por Mahnaz Afkhami sobre cidades do interior do Irã, onde havia essa divisão das tarefas a partir da questão de gênero. Todavia, como afirmado por Afkhami e reforçado por Hegland, as mulheres se avaliavam de acordo com a maneira como administravam as responsabilidades domésticas. Havia uma divisão entre aquelas que se destacavam, ganhando respeito frente a comunidade, e aquelas que sofriam uma pressão da comunidade para exercer tais papéis. Além disso, apesar das mulheres ficarem responsáveis pelas tarefas domésticas para que os homens pudessem trabalhar fora, ainda assim a relação entre homem e mulher era vista como um time com “carreira de duas pessoas.”<sup>192</sup>

Hegland explica que foi através das conexões que as mulheres tinham com seus parentes e seus vizinhos que elas foram capazes de participar do processo revolucionário nas marchas e manifestações. A autora explica que essas mulheres viviam em um contexto em que suas vidas estavam diretamente ligadas as fronteiras entre sua aldeia e casas, ao contrário dos homens que saíam para ir à escola ou trabalhar. Nesse contexto, as mulheres ficavam restritas as suas casas, quintais e vizinhança, não podiam sair senão acompanhada por um homem ou por um grupo de mulheres e/ou parentes. A autora fala sobre a segregação de atividades devido a questão de gênero,

---

<sup>191</sup> Hegland, 1990, p. 183

<sup>192</sup> Hegland, 1990, p. 184

fazendo com que as mulheres ficassem em casa durante o dia cuidando de tarefas domésticas. Entretanto, isso foi o que fortaleceu as relações de comunidade, pois as mulheres puderam desenvolver relações enquanto lavavam suas louças e roupas em uma torneira comum compartilhada pela vizinhança para fazer o mesmo. Além de se ajudarem nas tarefas domésticas, as mulheres passavam cada vez mais tempo com outras mulheres compartilhando aspectos do dia a dia.<sup>193</sup>

A relação entre homens e mulheres nas comunidades era diferente, uma vez que os homens tinham que manter um status e não queriam parecer dependentes, precisavam ser autossuficientes. Enquanto isso, as mulheres tinham relações menos formais, o que facilitava na abertura para comunicação com a vizinhança. Essas conexões que as mulheres tinham com a comunidade e a comunicação desenvolvida por elas, foram utilizadas no processo político tanto a nível local quanto, posteriormente, a nível nacional das atividades políticas.

À nível local, as mulheres eram responsáveis por manter as alianças sociais e políticas através da repetitiva e intensa interação social, assim como o comparecimento as funções políticas e sociais para uma preparação constante do grupo a ser mobilizado.<sup>194</sup>

Essa atuação social feminina reforça a afirmação inicial de que as mulheres iranianas não devem ser percebidas em uma condição submissa, apenas por não se apresentarem e representarem a figura feminina do ocidente. Vale reiterar que as concepções de liberdade e emancipação se diferem de local para local, e muitas vezes nem são reconhecidas dessa maneira, pois a maneira como as mulheres enxergam sua participação na comunidade se refere à identidade local. Neste sentido, Hegland ressalta diversas vezes que, para as mulheres de Aliabad, a harmonia de sua família e comunidade se colocavam em primeiro lugar, pois representavam a capacidade das mulheres de manterem seus lares em ordem, impactava em seu status social.

Analisar a participação social das mulheres de múltiplas maneiras é essencial para compreender quais foram as medidas necessárias para que elas começassem a ocupar espaços que antes não o eram e, no caso iraniano, abandonar certos estigmas para que se possa verificar a

---

<sup>193</sup> Ibid.

<sup>194</sup> “In local level politics, women were responsible through their maintenance of social/political alliances by means of repetitive, intense social interaction, as well as attendance at social/political functions, for the constant preparedness of the kinship group to mobilize.” Hegland, 1990, p. 186. Tradução nossa.

existência de diferentes tipos de militância. Seguindo neste tipo de abordagem, Sanam Vakil apresenta as especificidades de um movimento tão singular, reconhecendo que para compreender a relação de mulheres até mesmo religiosas com o ativismo político, era preciso ir a fundo nas abordagens tradicionais da sociedade,

Embora fosse importante entender a conservadora, tradicional mulher iraniana e sua identidade política e religiosa, percebi que essas mulheres eram apenas parte da narrativa feminina e uma história abordando a diversidade social, econômica, política e religiosa dessas mulheres precisava ser contada.<sup>195</sup>

O argumento de Vakil proporciona o aprofundamento sobre os diversos setores que compõem uma sociedade, entrando em concordância com a proposta de Afkhami e a WOI. Durante o século XX, o processo de desconstrução e reconstrução do discurso islâmico passou por diversas mudanças, tanto em termos de mudanças como nas próprias experiências das mulheres do Oriente Médio. Mulheres intelectuais passaram a desafiar o sistema patriarcal e as concepções de dominação masculina, procurando “insistir em seus direitos de interpretar os ensinamentos do Corão e afirmar seus direitos plenos de participar do domínio público”<sup>196</sup>.

A partir da compreensão da relação contínua entre as mulheres iranianas e os elementos de sua sociedade, percebemos que elas não se identificavam como figuras pacíficas. Ao contrário, elas concebiam a importância de seu status mesmo em ambientes domésticos, assim como intelectuais. A fim de elucidar com a fundo a participação feminina, é interessante abordar as diferentes correntes que analisam a influência ocidental e a relação das mulheres com suas tradições.

### **3.4 – Mulheres, nacionalismo e islã no discurso político contemporâneo**

De acordo com a cientista política iraniana Haleh Afshar, existem diferentes vertentes que abordam a participação da mulher que segue a religião islâmica e sua participação na sociedade. Os vários panoramas desenvolvidos a partir da estrutura legal da sociedade e da fé islâmica a partir do Corão, tem proposto novas críticas, algumas ainda considerando a possibilidade de retorno a época do profeta, que nega alternativas para ideias modernas ou progressistas.

---

<sup>195</sup> “While it was important to understand the conservative, traditional Iranian woman and her political and religious identity, I realized that these women were only part of the Iranian female narrative and a story addressing the diverse range of social, economic, political, and religious women needed to be told.” VAKIL, S. *Women and Politics in the Islamic Republic of Iran: Action and reaction*. New York: Continuum, 2011. p. 11. Tradução nossa.

<sup>196</sup>AFSHAR, Haleh. *Islam and feminisms: an Iranian case-study*. New York: Palgrave, 1998. p. 1.

Este tipo de abordagem tem gerado tensão entre as interpretações de um islã absolutista e a realidade de que na prática isso é refletido de formas diferentes pois, há tantas interpretações do islã que é difícil falar de apenas uma, o que demonstra a flexibilidade de adaptação, diferente do que estudiosos anteriores propuseram. A flexibilidade gerada por leis ou aspectos da jurisprudência que considerem diversos olhares a respeito da sociedade abriu espaço para que as mulheres também pudessem interpretar e analisar os textos e contextos para criar uma nova forma permissiva da lei islâmica.<sup>197</sup>

O processo de reivindicação de novas interpretações dos escritos islâmicos não foi apenas aceito ou concedido por parte dos homens religiosos ou acadêmicos, este esforço de tomar posições autônomas sobre a fé concedeu a maior justiça e dignidade as mulheres muçulmanas, que se posicionam a favor do islã o que deu a elas uma alta posição, humanidade e o indisputável direito de participação total e democrática nos assuntos de seu país. Afshar apresenta diversas posições das próprias mulheres a respeito de sua participação em uma sociedade islâmica até a implicação da diferença dos sexos nesse processo.

Utilizando-se do argumento de Fatema Mernissi, de que os homens muçulmanos transformaram as diferenças dos sexos em uma arquitetura social,<sup>198</sup> Haleh Afshar procurou desenvolver um estudo sobre as várias fases pelas quais a participação das mulheres em sociedades não ocidentais aparece. Em suas diferentes discussões sobre a liberdade das mulheres para participarem do espaço público, a autora toma diversos autores que reforçam parecer em escritos do Corão de que mulheres e homens eram declarados como iguais aos olhos do profeta. Retornando ao argumento de Mernissi, essa seria então a razão pela qual as mulheres se sentiriam atraídas pelo islã. Entretanto, existem ainda mulheres muçulmanas que não concordam com esse argumento de igualdade entre os sexos, principalmente por acreditarem que “mais de cem anos de esforço por igualdade apenas deixou as mulheres ocidentais mais indefesas” uma vez que “essa igualdade é articulada nos termos masculinos esperando que elas se comportem como eles”.<sup>199</sup>

A partir de tal perspectiva, o movimento de mulheres ocidentais chega a ser apontado como sinônimo de fracasso, já que a dupla jornada foi contraproducente, dificultando que qualquer conquista fosse feita no domínio público, dando continuidade ao acesso desigual a empregos e aos cargos políticos. Afshar reforça então uma argumentação totalmente diferente do se entende por

---

<sup>197</sup> Afshar, 1998, p. 4.

<sup>198</sup> Ibid, p. 7.

<sup>199</sup> Ibid, p. 8.

empoderamento das mulheres, refutando concepções tradicionalmente atribuídas. De acordo com esta interpretação, o Islã oferece às mulheres uma posição respeitada como esposas e mães, reconhecendo seu direito ao melhor que a educação pode oferecer. Se os Estados podem reconhecer seus deveres recíprocos em relação às mulheres, então será possível que as mulheres islâmicas desempenhem suas funções doméstica e deveres maternos, que são reconhecidos como empregos e conferem direito a remuneração apropriada.<sup>200</sup>

Essa vertente acredita que a participação das mulheres no domínio público seria alcançada com o tempo, uma vez que suas tarefas domésticas fossem reconhecidas como complexas, e gerenciais que as dotaram de transferíveis habilidades. Após essa percepção, não seriam mais os verdadeiros valores islâmicos de complementariedade a serem implantados, mas sim uma legítima participação das mulheres e a sociedade se veria livre dos desestabilizadores do sexismo.<sup>201</sup>

Esse tipo abordagem é crucial para compreender a participação de mulheres na política, na economia, em suas famílias e comunidades. Considerar a presença feminina em eventos políticos como a Revolução de 1979, é conceber que suas reivindicações são feitas a partir de percepções diferentes sobre o que é liberdade e o que é emancipação. Por outro lado, também é possível notar como uma discussão sobre um feminismo global é reinterpretado à nível local, para movimentos de mulheres que concebem sua importância individual e coletiva. Ao considerar a representatividade de mulheres na política, podemos citar o exemplo de Mahnaz Afkhami, enquanto mulher de abastada que, envolvida em um projeto nacional, proporcionou mudanças práticas no Irã. Todavia, o exemplo de Aliabad e da vertente apresentada por Afshar demonstram que existem diversas maneiras de se reivindicar suas causas.

Longe de um retorno a ideia de um islã tradicional, a Revolução de 1979 representou tanto a continuidade histórica, quanto uma revisão das demandas políticas do século XX no Irã. As mulheres foram estimuladas a estreitar os laços com o modelo de mulher dos discursos xiitas, pois representavam autenticidade e independência, ao enfatizar seu papel enquanto mães e revolucionárias.<sup>202</sup> A partir disso, é possível compreender porque instituições como a WOI e pessoas diretamente ligadas a modernização do Xá tiveram suas atividades no país interrompida

---

<sup>200</sup> Ibid, p. 8-9.

<sup>201</sup> Ibid, p. 9.

<sup>202</sup> YEGANAH, Nahid. Women, Nationalism and Islam in Contemporary Political Discourse in Iran. *Feminis Review*. n.44. 1993. p. 7.

após a Revolução. A partir dessa nova concepção de independência e liberdade, que se pode dizer ter sido reinterpretada a partir das próprias influências ocidentais no país, as mulheres que discordavam dos modelos estrangeiros passaram a apoiar uma política que as representasse de acordo com suas tradições.

Portanto, podemos considerar que o movimento de mulheres no Irã esteve ameaçado na maneira como Mahnaz Afkhami o concebia. O ganho a partir da reinterpretação de conceitos ocidentais para a experiência iraniana foi a possibilidade das próprias iranianas também reivindicarem seus espaços, apontando o que elas consideravam como ameaça. Seja contra suas famílias, suas comunidades e vizinhanças, a influência do movimento global para o contexto local pode ser percebida desde reivindicações por saúde e educação, até por uma revolução e pelo fim de um regime.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um empreendimento de pesquisa histórica, o todo e as partes não funcionam de maneira independente, mas sim através de uma relação mútua, causa e consequência, ação e reação. Analisar como indivíduos de uma comunidade, ou categoria, agem em determinados contextos sem considerar influências externas, pode tornar o objeto de pesquisa como algo excepcional, por atribuir àquele elemento uma singularidade dentro de todo um processo. Por outro lado, explorar um evento histórico como a Revolução Iraniana, não pode ser compreendido como responsabilidade de um líder específico, sem considerar as oposições existentes a ele no momento, pois isso acaba excluindo parte da própria história.

A fim de analisar as mútuas relações entre os agentes históricos, na primeira parte desta pesquisa focamos em apontar a participação feminina na sociedade iraniana de maneira ampla, reconhecendo que elas sempre ocuparam espaços relevantes no aspecto individual e coletivo. Expor esses fatores colaborou para a desconstrução do papel da mulher ligado à uma condição de submissão, assim como possibilitou reconhecer diferentes movimentos de mulheres no Irã. A abordagem do processo de industrialização e urbanização do país auxiliou a reconhecer referências entre intelectuais discutidas entre os iranianos no século XX, estimuladas pelas influências estrangeiras europeias.

Para relacionar as referências ao movimento de mulheres iranianas, na segunda parte examinamos as publicações de Mahnaz Afkhami enquanto uma figura de destaque no país por medidas que focaram em ajudar mulheres de áreas mais pobres do Irã, sem acesso à educação formal, creches, saúde e profissionalização. Esse capítulo analisou as percepções pessoais da autora, confrontada pela conjuntura iraniana distante de seu espaço de experiência, de maneira que conceitos feministas ocidentais precisaram ser traduzidos para o contexto iraniano. A tradução de conceitos em ações pragmáticas tinha por objetivo alcançar mais mulheres, adaptando a ajuda necessária a uma linguagem que elas pudessem se identificar, pois apenas aspectos teóricos eram insuficientes.

Analisar Mahnaz Afkhami sem abordar seus artigos em seu tempo e espaço específico, faria com que suas ações perdessem o significado. Ela apareceria apenas como uma mulher que trabalhou para o regime Pahlavi, propôs mudanças para as mulheres e após a Revolução, exilou-se nos Estados Unidos – de acordo com ela, injustamente. Inserir as experiências pessoais de Afkhami ao falar de seus discursos nos auxiliou a perceber que, suas perspectivas e pensamentos sobre as

mulheres e a Revolução, eram fundamentadas em seu espaço de experiência. Parte de uma família que pertencia a uma dinastia do Irã, suas leituras e sua formação, possibilitaram a ela contato com teorias feministas que expandiram suas ideias sobre liberdade, emancipação e uma sociedade em que mulheres pudessem lutar abertamente por seus direitos.

Ao mudar seu campo de experiência e conhecer a vida de mulheres iranianas, para as quais teorias feministas não tinham o mesmo significado, a autora percebeu que propostas para a participação feminina precisavam ser desenvolvidas em uma linguagem compreensiva para o campo de experiência delas. Fez assim até 1978, e após esse período, continuou a defender suas ações no cargo ocupado. E, mesmo fora do Irã, continuou propondo medidas para a emancipação feminina. Mahnaz Afkhami fundou a *Foundation for Iranian Studies* em 1981, que hoje disponibiliza entrevistas de historiadores e pessoas ligadas ao regime Pahlavi, assim como sua própria entrevista e seus artigos. Além disso, a autora é também fundadora da *Women's Learning Partnership* que desde 2012 se dedica a propor mudanças nas leis sobre as famílias, oportunidades para refugiados e reforçar os direitos civis das mulheres. Apesar do fim de suas ações no Irã, a autora seguiu projetos que incentivam que mulheres ocupem espaços na sociedade.

Todavia, é importante reforçar que os artigos analisados foram todos escritos em inglês pela autora, e sua entrevista oral disponibilizada encontra-se em persa, indisponível para acesso público, apenas com um pedido formal a direção da instituição. O obstáculo do acesso a esses documentos representou uma limitação nas análises de seus discursos. A partir de cada idioma, diferentes emoções, jargões e dialetos compõem uma retórica do autor. As publicações de Mahnaz Afkhami às quais tivemos contato, todos escritas em inglês, expõem uma linguagem e argumentos consistentes de uma mulher acadêmica, que escreve também para o mesmo público. Por essa razão, é perceptível que a retórica da autora expõe o cuidado de não se comprometer em suas afirmações, mantendo uma postura formal e sem amplas críticas ao regime Pahlavi.

Por sua origem e formação, pela maneira como foi capaz de fazer uma análise do contexto, as condições que tinha para trabalhar com as mulheres do interior, as ações e discursos de Afkhami não podem ser considerados como uma narrativa absoluta sobre as mulheres iranianas. Certamente os programas educacionais, os treinamentos vocacionais, propostas de leis como o *Family Protect Law*, e até mesmo a presença de mulheres dentro do *Majlis*, legislando por suas próprias causas, foi de grande contribuição. Mas ainda assim, ela estava inserida no conjunto, no todo, como parte de um regime que era considerado autoritário, com a retórica a favor da modernização e do

progresso que ela também defendia. Ao associar-se ao partido do xá, ao tornar-se secretária geral da organização e ao se posicionar abertamente sobre suas pautas, isso a colocou na linha de frente da ameaça representada pela influência ocidental.

Em poucos momentos Mahnaz Afkhami expõe o contexto político do país, apenas se refere as oposições de líderes religiosos e de alguns homens do governo. Por isso na terceira parte, verificamos que, apesar da tradução dos conceitos feministas ocidentais por Mahnaz Afkhami, e as filiais da *Women's Organization of Iran* expandirem espaços para as mulheres em diversos setores sociais e civis, a conjuntura nacional não favoreceu a continuidade desse movimento. Ao associar as conquistas da organização ao regime Pahlavi, a organização representava uma ameaça, e não um veículo pelo qual as mulheres se beneficiaram. As mulheres iranianas conscientizaram-se de seu espaço na sociedade, e se utilizaram da tradução dos conceitos feministas para propor um movimento de mulheres baseado em pautas locais.

Por essa razão, o caso das mulheres de Aliabad é emblemático. Elas demonstram a ação de mulheres que se manifestaram a favor da revolução, não necessariamente devido as influências ocidentais, mas sim porque as ações violentas da polícia comandada pelo xá feriam sua concepção de família e de comunidade. A sensibilização em prol das vítimas nas manifestações demonstra um campo de experiência que parece ter bases mais sólidas do que o discurso de um Estado moderno, que caminhava para o progresso. Até porque, as desigualdades econômicas dentro do país eram grandes, então não se pode dizer que as reformas do regime Pahlavi foram simbólicas para elas.

As mulheres de Aliabad também são parte do todo, também são parte de um momento histórico em que as mulheres iranianas se beneficiaram do feminismo ocidental, e as mulheres da aldeia de Aliabad foram inspiradas pelas mulheres da urbana e desenvolvida Shiraz, pela conscientização de que elas também possuíam um espaço na sociedade para reclamar suas pautas. Será que as mulheres de Aliabad sabiam exatamente pelo que as mulheres de Shiraz estavam protestando? Se apenas contra o xá, ou favor de uma democracia, ou a favor de um regime religioso? Apesar de serem perguntas difíceis de responder, o importante é que elas se sentiram inspiradas e encorajadas pelas ações.

O Irã de 1978 e 1979 era heterogêneo, havia grupos de esquerda, grupos religiosos, organizações de mulheres independentes e a WOI. Como dito previamente no desenvolvimento desta pesquisa, os atores históricos não são capazes de prever a consequência das rupturas ao reclamarem por ela. Em outras palavras, não se pode afirmar que todas as mulheres iranianas que

participaram da revolução pediam pelo regime islâmico, ou pela figura do aiatolá Khomeini. E nem podemos afirmar que todas pediam pelo fim do regime Pahlavi por discordarem veementemente de suas propostas políticas, como a própria Afkhami comenta: “falávamos para que as mulheres se mobilizassem, mas não dizíamos para quê.”<sup>203</sup>

A partir do contato com as perspectivas de um feminismo global, as iranianas foram capazes de traduzir perspectivas teóricas para sua realidade e adquirir um novo horizonte de expectativas. Mahnaz Afkhami desempenha um papel importante nisso por compreender as desigualdades existentes no Irã, pelo esforço de conhecer as pautas específicas e propor mudanças acessíveis ao momento. Por estar incluída no todo, no programa de modernização de Pahlavi, a autora soube se beneficiar da posição ocupada.

Mahnaz Afkhami faz poucas críticas ao regime, não deixa explícito em seus discursos o uso da autoridade e da força para impor as mudanças, e seguindo apenas por suas perspectivas, acreditar-se-ia que a Revolução representou o retrocesso de todos os direitos alcançados. Mas é importante ressaltar que, como foi elucidado por Koselleck, as mudanças culturais têm seu próprio tempo: mudanças no tempo que podem ser imperceptíveis para uns, e simbólico para outros, pois transforma a maneira como as pessoas vivem e enxergam as mudanças.

A educação feminina do início do século XX, que começou como uma proposta básica e inofensiva, representou o alcance das mulheres a espaços políticos, a empregos, a conseguirem assistência médica e para seus filhos à longo prazo. As propostas da WOI, ao traduzirem as medidas necessárias para alcançar grupos distantes da classe média urbana, incluíram aspectos da religião nos centros para que as mulheres se sentissem pertencentes aquele espaço. Não se trata apenas de uma conscientização feita para que as mulheres se mobilizassem, mas sim da formação de um espaço no qual elas pudessem se identificar. E assim sendo, à medida que se identificaram com suas tradições e incorporaram as mudanças, reivindicaram seu espaço para propor seus conceitos de liberdade e emancipação, como foi demonstrado por Haleh Afshar<sup>204</sup> e Mary Hegland.<sup>205</sup>

O alinhamento de Afkhami ao regime do xá a colocou como inimiga do novo regime após a Revolução de 1979, uma vez que a maneira como a modernização de Mohammad Reza Pahlavi

<sup>203</sup> AFKHAMI, Mahnaz. *The women's organization of Iran: Evolutionary politics and revolutionary change. Foundation for Iranian Studies*. Bethesda, p. s/n, 2002.

<sup>204</sup> AFSHAR, Haleh. *Islam and feminisms: an Iranian case-study*. New York: Palgrave, 1998.

<sup>205</sup> HEGLAND, Mary. *Women and the Iranian Revolution: A Village Case Study. Dialectical Anthropology*. n.15. 1990. 183-192.

foi imposta de maneira violenta. Os esforços realizados pela autora para conscientizar mulheres de seu espaço político na sociedade, ainda que positivo, contribuiu muito mais para que as iranianas pudessem elaborar sua própria maneira de ativismo.

Todavia, vale reforçar que essa influência foi apenas um dos aspectos analisados nessa pesquisa. Como demonstrado ao longo do trabalho, as mulheres sempre fizeram parte da sociedade, seja qual for o papel desempenhado por elas. Então pode ser que, independentemente de qualquer influência ocidental, elas tivessem encontrado outras maneiras de expressar suas necessidades e como reivindicar seus direitos e a própria Revolução. Mahnaz Afkhami não fazia parte do único grupo de mulheres empenhado em conquistar direitos, existiam outros grupos independentes e de oposição ao xá que faziam o mesmo. A autora representa uma fonte e um ponto de vista sobre essa participação feminina.

Em suma, podemos afirmar que Mahnaz Afkhami a frente da *Women's Organization of Iran*, se utilizou de seus conhecimentos prévios sobre feminismo para propor uma nova abordagem no Irã. Na percepção da autora, as adaptações de discussões conceituais sobre o papel feminino da sociedade, traduzidas em ações práticas como escolas e treinamentos profissionais, iniciaram um processo que proporcionou às mulheres dessa comunidade um ponto de partida para revogarem sua própria concepção de política, liberdade, emancipação, identidade.

## FONTES PRIMÁRIAS

AFKHAMI, Mahnaz. *Women in exile*. Charlottesville: University of Virginia Press, 1994. p. 01-16.

AFKHAMI, Mahnaz. Iran: A Future in the Past: The 'Prerevolutionary' Women's Movement. In: MORGAN, Robin (Ed.). *Sisterhood is global: The international women's movement anthology*. New York: Feminist Press, 1996. p. 330-338.

AFKHAMI, Mahnaz. The women's organization of Iran: Evolutionary politics and revolutionary change. *Foundation for Iranian Studies*. Bathesda, p. s/n, 2002. Disponível em: <<https://fis-iran.org/en/women/organization/introduction>>. Acesso em: 21 abr 2020.

AFKHAMI, Mahnaz. The Fate of the Family Protection Law. *The Feminist School*. Interview granted to Noushin Ahmadi Khorasani. 2008. Disponível em: <<http://fis-iran.org/en/women/articles/reform-and-regression>>. Acesso em: 21 abr 2020.

AFKHAMI, Mahnaz. Women's Human Rights: From Global Declarations to Local Implementation. *Foundation for Iranian Studies*. Bathesda, p. 1-21, 2016. p. 01-21. Disponível em: <<https://fis-iran.org/en/women/organization/introduction>>. Acesso em: 21 abr 2020.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAMIAN, Ervand. *Iran between two revolutions*. Princeton: Princeton University Press, 1982.

ABRAHAMIAN, Ervand. *A history of modern Iran*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

AFARY, Janet. Mahnaz Afkhami: A Memoir. *Journal of Middle East Women's Studies*. Durham, v. 1, n. 1, p. 147-157, 2005. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/40326852](http://www.jstor.org/stable/40326852)>. Acesso em: 21 abr 2020. p. 155.

AFARY, Janet. *Sexual politics in modern Iran*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

AFSHAR, Haleh. *Islam and feminisms: an Iranian case-study*. New York: Palgrave, 1998.

AHMAD, Jalal Al-i et al. *Occidentosis: a plague from the West*. Berkeley: Mizan Press, 1984.

ALGAR, Hamid. *Islam and revolution: Writings and declarations of Imam Khomeini*. Berkeley: Mizan Press, 1981.

AL-ALI, Nadje Sadig. *Secularism, gender and the state in the Middle East: the Egyptian women's movement*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

ARENDDT, Hannah. *Da revolução*. São Paulo: Ática, 1988

- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AXWORTHY, Michael. *A history of Iran: Empire of the mind*. New York: Basic Books, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GANDHI, Leela. *Postcolonial theory: a critical introduction*. New York: Columbia University Press, 1998.
- HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Humanitas, 2009.
- HEGLAND, Mary. Women and the Iranian Revolution: A Village Case Study. *Dialectical Anthropology*. n.15. 1990. 183-192.
- HOURANI, Albert Habib; EICHENBERG, Rosaura. *O Pensamento Árabe Na Era Liberal-1798-1939*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- KEDDIE, Nikkie. *Women in the Middle East: past and present*. Princeton: Princeton University Press, 2007.
- KINZER, Stephen. *Todos os homens do Xá*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- MAHDI, Ali Akbar. The Iranian women's movement: A century long struggle. *The Muslim World*. New York, n. 4, v. 94. 2004.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. *Mandrágora*, São Paulo, n. 19, v. 19. 2013.
- NADER, M. B. Movimento feminista e afirmação da cidadania: a luta contra a violência de gênero. In: Campos, Adriana Pereira; Franco, Sebastião Pimentel; Feldman, Sergio Alberto; Nader, Maria Beatriz e Silva, Gilvan Ventura. (Org.). *A Cidade à prova do tempo: vida cotidiana e relações de poder nos ambientes urbanos*. 1ed. Vitória: GM Editora, 2010, v. 1, p. 307-322
- PEREIRA, Luisa Rauter. O debate entre Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck a respeito do conhecimento histórico: entre tradição e objetividade. *História da Historiografia*, Mariana, n. 7, v. 4, p. 245-265, 2011. p. 250
- POCOCK, John Greville Agard. *Linguagens do Ideário Político Vol. 25*. São Paulo: Edusp, 2003.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura Sousa. *Una epistemología del sur*. México: CLACSO Coediciones, 2009.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, 1995.

SEDGHI, Hamideh. *Women and politics in Iran: Veiling, unveiling, and reveiling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SKINNER, Quentin. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Lisboa: Difel, 2005.

VAKIL, S. *Women and Politics in the Islamic Republic of Iran: Action and reaction*. New York: Continuum, 2011.

WINN, Meredith Katherine. Women in High Education in Iran: How the Islamic Revolution Contributed to an Increase in Female Enrollment. *Global Tides: Vol. 10, Article 10*, 2016. p. 1-17. Disponível em: <http://digitalcommons.pepperdine.edu/globaltides/vol10/iss1/10>

YEGANAH, Nahid. Women, Nationalism and Islam in Contemporary Political Discourse in Iran. *Feminis Review*. n.44. 1993. p. 3-18.

## **OBRAS DE REFERÊNCIA**

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?: reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. *Rev. Estud. Fem.* vol.20. n.2, 2012. p.451-470.

ADELKHAH, Fariba; Femmes, islamisme et féminisme en Iran. *Confluences Mediterranee*, n. 4. Entrevista realizada por Olfa Lamoum. 2006. p. 163-171.

RAMAZANI, Nesta. Women in Iran: The Revolutionary Ebb and Flow. *Middle East Journal*. vol.47. n.3. 1993. p. 409-428.

SALEM, Sara. Four Women of Egypt: Memory, Geopolitics, and the Egyptian Women's Movement during the Nasser and Sadat Eras. *Journal of Middle East Women's Studies*. vol.32. n.3. 2017. p. 01-16.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_.(org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 73-102.

## **REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS**

FALLACI, Oriana. The Shah of Iran: An Interview with Mohammad Reza Pahlevi. *New Republic*, Washington, p. s/n, 1973. Disponível em: <<https://newrepublic.com/article/92745/shah-iran-mohammad-reza-pahlevi-oriana-fallaci>>. Acesso em: 21 abr 2020.

ROSS, Alice. *Burkini ban protesters throw beach party at French embassy in London*. The Guardian. 25 de agosto de 2016. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2016/aug/25/protesters-throw-beach-party-protest-in-london-against-burkini-ban>> Acesso em: 21 de abril de 2020.